



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA

**LINGUAGEM, MEMÓRIAS E ENSINO: INSTRUMENTOS PARA O
DESENVOLVIMENTO DE ORALIDADE E DE ESCRITA**

**CAJAZEIRAS - PB
2023**

DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA

**LINGUAGEM, MEMÓRIAS E ENSINO: INSTRUMENTOS PARA O
DESENVOLVIMENTO DE ORALIDADE E DE ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Língua Portuguesa.

Área de concentração: *Linguagens e Letramentos.*

Linha de pesquisa: *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.*

Orientadora: Prof.^a Dra. Rose Maria Leite de Oliveira.

**CAJAZEIRAS - PB
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

N778l	Nogueira, Daniele Maria Carneiro. Linguagem, memórias e ensino: instrumentos para o desenvolvimento de oralidade e de escrita/ Daniele Maria Carneiro.- Cajazeiras, 2023. 160f. : il. Color. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Letras - PROFLETRAS) UFCG/CFP, 2023. 1. Linguagem. 2. Gênero oral. 3. Oralidade – habilidades. 4. Ensino fundamental-Sousa- Município- Paraíba. 5. Escrita. 6. Memórias e ensino. I. Oliveira, Rose Maria Leite de. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 808(043.3)
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA

**LINGUAGEM, MEMÓRIAS E ENSINO: INSTRUMENTOS PARA O
DESENVOLVIMENTO DE ORALIDADE E DE ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Língua Portuguesa.

Área de concentração: *Linguagens e Letramentos.*

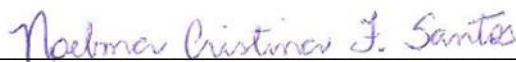
Linha de pesquisa: *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.*

Aprovada em: 26 de abril de 2023

Banca Examinadora



Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira
(PROFLETRAS/UAL/UFCG – Orientadora)



Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
(UAL/UEPB - Examinadora 1)



Prof^a. Dr.^a Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
(PROFLETRAS/UAL/UFCG – Examinadora 2)

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
(PROFLETRAS/UAL/UFCG – Suplente)

Dedico este trabalho àqueles que sonharam comigo essa conquista, que acreditaram que eu era capaz de ir adiante mesmo quando eu perdi o norte e o foco: a meus pais, Luiz (*in memoriam*) e Damiana; a meu esposo, Marcio; e a meus filhos, Marcio Filho, Douglas, e, de modo especial, a Anna Mirella, minha grande incentivadora. Esse mérito é para vocês!

AGRADECIMENTOS

Pesquisar e escrever constituem-se procedimentos solitários que nos levam a ir além de onde acreditamos que podemos. É um processo árduo e doloroso. Ao longo desse percurso, experimentei situações extremamente embaraçosas que tentaram me tirar do trilho e romper com o sonho plantado por Deus em meu coração, o qual parecia tão distante das minhas condições humanas. No entanto, mesmo não sendo merecedora, Deus, em sua magnitude, enviou seus anjos, físicos e espirituais, para ajudar-me na travessia das diversas estações enfrentadas, dando-me a graça de recomeçar, de reinventar-me e ressignificar cada situação. Assim, quero agradecer a tantos que incentivaram-me e apoiaram-me nessa trajetória.

A Deus, Pai Todo Poderoso, pelo dom da vida, por sonhar comigo esse mestrado, por se fazer presente em cada momento, principalmente, nos mais difíceis, e durante todo esse trajeto; por ser meu amparo e fortaleza, ofertando-me diariamente sabedoria e força para prosseguir; por segurar a minha mão e sustentar-me na fé diante dos medos, das angústias e das incertezas que assombraram meu coração. “Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória por toda eternidade. Amém.” (Rm 11, 36).

À Nossa Senhora, Rainha do Céu, a quem recorri inúmeras vezes, quando sentia-me desamparada, sem forças, sem direção e sem chão. Sua presença sempre foi um acalento a minha alma, principalmente nos dias cinzentos da minha vida.

Ao meu amado pai, Luiz Carneiro (*in memoriam*), por ter marcado profundamente a minha história com seu amor, cuidado e paciência e por ter sido um dos grandes incentivadores dos meus sonhos, sobretudo, por acreditar sempre em mim e impulsionar-me além daquilo que eu acreditava poder alcançar. Infelizmente, ele não está aqui fisicamente para ver essa conquista, que acredito ser mais dele, que minha, pois esse era o seu maior desejo. Obrigada por ter contribuído tanto em minha formação e por ter deixado suas marcas indeléveis em meu coração, pois a maior certeza de que tenho é que carregá-lo-ei vivo em minhas recordações e em meu coração, fazendo jus ao seu legado e guardando o real significado da frase “*A memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos*” (Adélia Prado).

À minha amada mãe, Damiana Diniz, por ser um rochedo em minha vida, por abdicar de seus sonhos para ver-me alcançando os meus. Obrigada por ser um pilar em minha vida, pelo seu incentivo, amor e cuidado diários para comigo e por fazer-me enxergar a verdadeira essência da vida: vencedor é aquele que, mesmo em meio à dor, consegue resistir, ressignificar-

se e dá mais cor a minha vida. És para mim meu maior exemplo de força e de coragem, uma heroína que não se deixa vencer diante das adversidades e das intempéries da vida.

Ao meu digníssimo esposo, Marcio Nogueira, por compartilhar comigo a minha vida, meus sonhos e minha história; por ser meu porto seguro diante das minhas crises, dores e angústias; por seu apoio, cuidado e amor incondicional; por não desistir de mim, por compreender-me e por sempre caminhar ao meu lado. Sou muito grata por tê-lo em minha vida.

Aos meus amados filhos, Marcio Filho, Douglas e, de modo especial, a minha filha, Anna Mirella, minha maior incentivadora, por almejar esse sonho, por ter-me como sua musa inspiradora, por ter me oferecido diariamente amor e cuidado; por entender-me quando nem eu mesma me entendia. Obrigada, minha filha, por todo amor, cuidado e dedicação que teve e tem para comigo. Aproveito o ensejo para pedir perdão aos três maiores amores da minha vida pelos momentos de estresse, de ausência e de incompreensão que os fiz viver. Saibam que vocês são meu combustível diário, o maior presente recebido de Deus.

Aos meus estimados irmãos, Francisco Luiz, Francisco Linaldo, Francisco Lenildo e Francisco Daniel, pelo apoio e pelas orações para que eu alcançasse esse mérito tão desejado por nosso amado pai. Agradeço também às minhas quatro cunhadas, em especial, Aparecida Marinho e Emiliane Queiroga, por terem sido socorro em alguns momentos desse percurso; e aos meus amados sobrinhos e afilhados, por quem nutro enorme carinho.

À minha avó Maria Cândida, uma mulher de fé, destemida e corajosa, em quem procuro me inspirar diariamente. Obrigada por amar-me como sua filha e pelas orações a mim dirigidas.

À minha sogra, Maria Soares, por suas incansáveis orações, por amar-me como sua filha e por entender minha ausência e distanciamento nesse período.

A todos os meus familiares, especialmente aos “Diniz” pelo incentivo e orações, por ancorarem-me no momento mais doloroso da minha história. Obrigada por todo amor que vocês têm por mim. Agradeço, de forma especial, a Tio Luiz Carlos e Tia Maria Eva, Tia Rosália e Tia Cristiane. Enfim, a todos vocês que se fazem presentes em minha labuta diária.

À minha orientadora, Prof. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira, por segurar a minha mão na orientação deste trabalho. Obrigada pela sua condução, pela organização dos meus pensamentos e por todo o seu apoio; por sua empatia diante das dificuldades enfrentadas por mim; por instigar-me e contribuir para o meu aperfeiçoamento pessoal e profissional; por compreender minhas limitações; por não desistir de mim e acreditar que eu era capaz. Tenho certeza de que fui a sua orientanda mais trabalhosa, mais medrosa e desacreditada. A ti, serei eternamente grata!

Às Professoras Doutoras Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa e Noelma Cristina Ferreira dos Santos, pela participação e contribuição na Banca Examinadora, momento ímpar da minha vida. E à Professora Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, pela participação na Banca de Qualificação e por ter apontado zelosamente sugestões plausíveis e de grande contribuição para o aperfeiçoamento dessa pesquisa.

Aqui também quero enaltecer um agradecimento todo especial à professora Dra. Maria Vanice, pela solicitude, empenho e empatia, enquanto Coordenadora do PROFLETRAS, ao passo que solidarizo-me com ela, por termos enfrentado uma dor semelhante nesse ano de 2023, a partida inesperada de nossos amados pais, fato que abalou-nos e tirou-nos o chão.

A todos os professores que integram o PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande- *campus Cajazeiras*, por terem contribuído para o meu engrandecimento acadêmico com suas importantíssimas contribuições tão valiosas para minha profissão.

Aos companheiros da turma VII do Metrado pelo compartilhamento de conhecimentos. Inicialmente ao quarteto fantástico, com quem mantive contato próximo e tornamo-nos grandes amigos, Renata, Gil, Jane Sinara. Posteriormente, Magno, a quem recorri nos momentos de dúvida e, de modo todo especial a Merinha, uma mulher forte, destemida e corajosa que se tornou mais que uma companheira de classe, tornou-se minha amiga, minha musa inspiração. A ela, busquei inúmeras vezes diante das incompreensões, compartilhei meus medos, frustrações, anseios e dúvidas; com ela, chorei muitas vezes e, dela, recebi apoio, empatia e orientação. A ti, minha amiga, sou muito grata!

À minha ex-aluna e amiga Maria Alanaíza Gomes de Almeida, um dos anjos enviados por Deus para iluminar meu caminho, incentivar-me, apoiar-me e socorrer-me diversas vezes, seja na minha profissão, seja na minha missão religiosa, seja nesse percurso acadêmico. Por ti, menina prodígio, tenho enorme carinho, respeito e admiração, principalmente, por ser uma grande desbravadora de águas em minha vida. Sou extremamente grata a Deus por ter cruzado minha vida com a sua, quando ainda éramos professora/aluna, proporcionando uma relação frutuosa.

À minha grande amiga, Regilene Alves, por ter sido âncora em muitos momentos da minha profissional, pelo apoio e apreço nutrido por mim. A ti, também sou muito grata.

À minha amiga, Viviane Pires, por toda ajuda direcionada, por fazer-me compreender o caminho a seguir, pela troca de conversas e por todo apoio, acadêmico e espiritual, dedicado a mim. Sou muito grata a Deus pela sua amizade.

Aos meus amigos de profissão, e também familiares, Thaynara Diniz, Eudes Marinho e Rosy Diniz, por acreditarem em mim, por terem sido pilares na minha ausência, por incentivarem-me e terem sido verdadeiros companheiros nesse árduo trajeto.

Aos colegas de trabalho da Escola Dione Diniz, que torceram para o alcance dessa conquista, de modo especial a vice gestora Ana Lucia Casimiro e minha coordenadora Lindalva Santos, pela compreensão e socorro prestado. Gratidão as duas.

Aos colaboradores que abraçaram essa pesquisa, constituição do meu sonho: meus ex-alunos do 9º ano de 2022, pela participação, engajamento e entrega de cada um na execução de cada ação, pois “ o sonho que se sonha só é só um sonho, mas o sonho que se sonha junto é realidade”; aos colonos colaboradores, que abriram as portas de casa para receber-nos e, principalmente, por abrirem os baús da memória para relatar-nos as grandes contribuições de vocês para o desenvolvimento da nossa terrinha muito amada, o Núcleo Habitacional II, objeto de pesquisa dessa dissertação. Meu muito obrigada a vocês!

Aos meus alunos da Escola Dione Diniz pela compreensão e paciência que têm tido comigo, principalmente nos momentos de ausência.

Ao meu irmão na fé, meu grande amigo, padre Everton, pelo seu amor, cuidado e incentivo. A sua amizade é um dos bens mais importantes que tenho, pois demonstrou que um laço verdadeiro ultrapassa o tempo e a distância.

Às minhas irmãs na fé, Evanilda, Luzivândia e Girlane que têm intercedido constantemente em suas orações por mim como forma de encorajamento diante dos empecilhos da vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por fomentar o desenvolvimento de diversas pesquisas tão importantes na formação de professores da Educação Básica

Enfim, agradeço a todos que, mesmo não nominados, rezaram, torceram, acreditaram e colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste grande sonho.

Gratidão a todos!

“A memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. (...) Diante do tempo, envelhecemos, (...) Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo. (...) E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram”.

(Adélia Prado)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre linguagem, memórias e ensino, como recursos para aprimorar as habilidades de oralidade e de escrita, enquanto fontes de preservação para a formação da identidade cultural de um povo. O objetivo geral consiste em investigar como o gênero oral memórias narrativas contribui para o aprimoramento das habilidades de oralidade e de escrita, enquanto preserva a formação histórico-cultural e a construção da identidade de alunos do Ensino Fundamental da escola EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, localizada no Núcleo Habitacional II, Sousa – PB. Como arcabouço teórico, a pesquisa se sustenta nas contribuições de Bakhtin (2006; 2011), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Koch (2004; 2010; 2018), dentre outros, sobre os estudos linguísticos, à luz da teoria sociointerativa, e sua materialização nos enunciados concretos e reais do cotidiano desenvolvidos nos diversos contextos comunicativos historicamente situados. Tomamos Le Goff (1990) e Bosi (1987; 2003) como âncoras para os estudos sobre memórias, individual e coletiva, enquanto princípio para a preservação da história e da formação da identidade cultural de um povo. Quanto à abordagem de ensino, pautamo-nos nos postulados de Antunes (2003) e Koch e Elias (2017), relacionando-os aos pressupostos apontados pela BNCC (2018), referente à centralidade do texto, como objeto das práticas discursivas e instrumento de interação social, dentro e fora de sala de aula. Consoante aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos; qualitativa, uma vez que é entendida como uma caracterização da relação que se dá entre o mundo real e a subjetividade do sujeito; pesquisa de campo participante, pois evidenciamos a sala de aula como um ambiente de ação-reflexão-ação para as vivências em torno do objeto de estudo; explicativa, pois o pesquisador procura explicar o porquê das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados. O universo da pesquisa é constituído por vinte e cinco produções, sendo que destas, quatro formaram o *corpus* da pesquisa. Para valorizar os aspectos histórico-culturais e as memórias do povo, elaboramos um caderno pedagógico intitulado *Pelos Retalhos da Memória*, organizado em formato de oficinas didáticas, que prioriza o desenvolvimento das práticas discursivas acerca da produção de memórias, principalmente, no tocante às habilidades de oralidade e escrita como instrumentos de preservação da formação histórica e da identidade cultural de um povo. A referida intervenção apresenta como respaldo para o trabalho do professor a produção oral e escrita, baseada nas memórias narradas por idosos como ponto de partida para a produção de um Relato de Memórias.

Palavras-chave: Linguagem. Memórias. Identidade. Ensino. Oralidade. Escrita.

ABSTRACT

This research presents reflections on language, memories and teaching, as resources for improving oral and written skills, as sources of preservation for the formation of a people's cultural identity. The general objective is to investigate how the oral genre of narrative memoirs contributes to improving speaking and writing skills, while preserving the historical-cultural formation and identity construction of elementary school students at the EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias school, located in Núcleo Habitacional II, Sousa - PB. As a theoretical framework, the research is based on the contributions of Bakhtin (2006; 2011), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Koch (2004; 2010; 2018), among others, on linguistic studies, in the light of socio-interactive theory, and its materialization in the concrete and real enunciations of everyday life developed in the various historically situated communicative contexts. We used Le Goff (1990) and Bosi (1987; 2003) as anchors for studies on individual and collective memories, as a principle for preserving history and shaping a people's cultural identity. As for the teaching approach, we are based on the postulates of Antunes (2003) and Koch and Elias (2017), relating them to the assumptions pointed out by the BNCC (2018), regarding the centrality of the text, as an object of discursive practices and an instrument of social interaction, inside and outside the classroom. In terms of methodological procedures, this is applied research, as it aims to generate knowledge for practical application aimed at solving specific problems; qualitative, as it is understood as a characterization of the relationship between the real world and the subjectivity of the subject; participatory field research, as we see the classroom as an action-reflection-action environment for the experiences surrounding the object of study; explanatory, as the researcher seeks to explain the why of things and their causes, by recording, analyzing, classifying and interpreting the phenomena observed. The research universe is made up of twenty-five productions, four of which formed the *corpus* of the research. In order to value the historical and cultural aspects and memories of the people, we created a pedagogical booklet entitled *Through the Rags of Memory*, organized in the form of didactic workshops, which prioritizes the development of discursive practices about the production of memories, especially with regard to orality and writing skills as instruments for preserving the historical formation and cultural identity of a people. The intervention is based on the oral and written production of memories narrated by elderly people as a starting point for the production of a Memoir.

Keywords: Language. Memories. Identity. Teaching. Orality. Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formação da Teia Social.....	21
Figura 2 – Níveis ou planos do texto e do discurso.....	26
Figura 3 – Desenho da pesquisa.....	59
Figura 4 – Comunidade Núcleo Habitacional II.....	60
Figura 5 – EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias.....	61
Figura 6 – Local da pesquisa.....	61
Figura 7 – Participantes envolvidos.....	65
Figura 8 – Procedimentos do momento 2 – Etapa 1.....	69
Figura 9 – Procedimentos do momento 3 – Etapa 1.....	70
Figura 10 – Aplicação das Entrevistas.....	71
Figura 11 – Atividade de escrita/reescrita.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agentes Comunitários de Saúde
AD	Análise do Discurso
ATD	Análise Textual dos Discursos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
ISD	Interacionismo sociodiscursivo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LP	Língua Portuguesa
LT	Linguística Textual
OLP	Olimpíadas de Língua Portuguesa
PB	Paraíba
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
RD	Representação discursiva
SUS	Sistema Único de Saúde
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	14
2 LINGUAGEM, MEMÓRIA E ENSINO.....	20
2.1 LINGUAGEM E LÍNGUA À LUZ DO SOCIOINTERACIONISMO.....	20
2.2 DISCURSO E ORALIDADE.....	25
2.2.1 Registro de memórias como um uso social da língua.....	34
2.2.2 A BNCC e o ensino da Língua Portuguesa.....	40
2.2.3 A entrevista e a valorização da memória social de um povo.....	44
2.3 TEXTO E RETEXTUALIZAÇÃO: INTERAÇÃO ENTRE ARTEFATOS TEXTUAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	49
3 TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO.....	55
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	55
3.2 LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA.....	59
3.2.1 Conhecendo a escola.....	61
3.2.2 Os participantes.....	64
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	66
3.4 OS PROCEDIMENTOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS.....	67
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	75
4.1 DAS ENTREVISTAS: CONHECENDO A MEMÓRIA DO POVO.....	75
4.2 RELATO DE MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RETEXTUALIZAÇÃO....	87
5 NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DE SEQUÊNCIA DE OFICINAS DIDÁTICAS.....	101
5.1 CADERNO PEDAGÓGICO: PELOS RETALHOS DA MEMÓRIA.....	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	139
APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO.....	144
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	156

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta.
(Marcuschi, 2008, p. 20)

A linguagem constitui-se uma atividade de interação da língua realizada através de enunciados concretos proferidos entre os sujeitos sociais em diversas situações cotidianas. Por meio dela, o homem materializa o seu pensamento; reflete sobre si e sobre o outro com quem dialoga; interage em grupos sociais, dos quais adquire conhecimentos, valores e experiências fundamentais para a sua formação, e, com eles, estabelece relações interpessoais no meio onde está inserido. Desse modo, compreendemos a linguagem como uma ação multifacetada que se manifesta para suprir a necessidade sociointerativa do ser humano.

Dentre as múltiplas facetas da linguagem, a oralidade ocupa lugar primordial na produção linguística, por ser primazia natural de interação entre o sujeito e o mundo a sua volta. Converte-se em um suporte de mediação de saberes, entre os sujeitos da mesma ou de gerações e/ou culturas distintas, necessários para a aprendizagem e para a plena representação destes na sociedade. Nesse intuito, podemos pontuar que a oralidade é uma das modalidades linguísticas mais utilizadas pelo ser humano para expressar-se em sociedade, cuja prática acompanha o processo de evolução histórica, social e cultural do ser humano. Esse fato comprova claramente o caráter mutável e dinâmico da língua, a qual se vincula às diversas situações e contextos de uso.

Junto à prática de oralidade, encontramos as memórias, tomadas como artefato indispensável para o ser humano. Através do ato de rememorar, fazemos uso da linguagem. Recontá-la permite-nos construir práticas discursivas durante a interação com o outro. Dessa forma, é possível observarmos que memória e oralidade estão entrelaçadas como bem comum a todos, pois medeiam a troca de conhecimento entre os falantes durante a narração das suas lembranças. No entanto, vale ressaltar que essas narrativas têm prazo de validade. Isso se dá ora pela atualização do repertório linguístico discursivo, ora pela mortalidade do homem, premissa que faz com que as narrativas se calem e não se perdurem como acervo cultural para as próximas gerações.

Trabalhar o gênero memória, leva-nos a explorar um vasto campo de aprendizagem, muitas vezes, não explorado pelos sujeitos. A memória é uma reconstrução atualizada do passado que nos é relatada por meio da relação dialógica com o outro. Câmara (2015) afirma que “[...] a memória sempre esteve atrelada à vivência do homem para se guardar informações,

vestígios e reminiscências de acontecimentos e fatos passados, seja no campo individual, seja no campo coletivo” (Câmara, 2015, p. 14).

Dessarte, para garantir que essas narrativas permaneçam vivas e sejam recontadas, como fontes mantenedoras da cultura e da identidade, é necessário fazer uso da faceta escrita da língua. Essa modalidade permite registrar as experiências e as recordações vividas por nossos antepassados, favorece novas práticas discursivas e evita que as narrativas se extraviem. Logo, podemos considerar a escrita como um instrumento sócio-histórico-cultural concebido para perpetuar as histórias narradas oralmente. Com efeito, é possível ressaltar que a escrita, assim como a oralidade e a memória, constitui-se um patrimônio do ser humano.

Sob essa ótica, é possível observar que essas narrativas, contadas a partir da tríade oralidade-memória-escrita, tornam-se basilares na construção do conhecimento por oportunizar o contato sócio-linguístico-interacional entre falantes da mesma língua e aprimorar o processo de ensino-aprendizagem da língua oral e escrita. Logo, é válido afirmar que essas histórias, rememoradas e contadas, tornam-se um produto sócio-histórico por aproximar família, escola e sociedade e concebem-se como princípio norteador imprescindível para a realização das diversas práticas enunciativo-discursivas cotidianas, apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Nessa direção, a própria BNCC propõe um ensino organizado conforme os diversos campos de atuação das atividades humanas do eu, visando a uma prática escolar mais significativa para os alunos, que considere o conhecimento prévio que estes possuem, a fim de ampliá-lo e aperfeiçoá-lo dentro do contexto escolar, sem desprezar a vivência do sujeito e de suas singularidades. Assim, é necessário considerar os aspectos relacionados ao conhecimento de mundo e as variadas situações comunicativas em que os alunos estão inseridos, bem como o contexto social, observando o caminho a ser trilhado para explorar o vasto campo linguístico.

A BNCC (Brasil, 2018) ainda orienta que o ensino de LP deve estar centrado no texto e suas perspectivas enunciativo-discursivas relacionando-o a seus diversos contextos de produção e ao desenvolvimento de habilidades significativas quanto ao uso da linguagem, de modo a privilegiar a diversidade de gêneros textuais como instrumentos de linguagem para a interação social, considerando a vivência contextual dos alunos, para que o ensino, dessarte, faça sentido para a aprendizagem e estabeleça a “interdependência entre língua, cultura, identidade e povo” (Antunes, 2009, p. 33). Para tanto, faz-se necessário investir em atividades linguísticas que ampliem a competência comunicativa do aluno, ao passo que valorizem sua história, seus costumes e seus valores, incentivando-os a refletir sobre o processo de construção de sua identidade, despertando-lhes sentimento de pertencimento às suas origens.

Nessa perspectiva, surgiu a ideia de trabalhar em sala de aula uma proposta que perpassasse os muros da escola e aproximasse as realidades escolar e local. No entanto, após várias tentativas de encontrar algum suporte que favorecesse esse encontro comunidade-escola, constatou-se que nem na biblioteca da instituição, nem tampouco na comunidade, havia resquícios documentais que narrassem a origem do nosso povo e as contribuições para a formação da identidade do nosso povo, motivo que despertou o olhar curioso para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois como pesquisadora, filha e neta de moradores dessa comunidade, senti a falta de subsídios que favorecessem o desenvolvimento, em sala de aula, de um trabalho dialógico e dinâmico, que refletisse sobre as nossas raízes históricas e culturais a partir de conteúdos escolares, que tornassem as aulas mais significativas para os alunos.

O desejo por essa pesquisa intensificou-se quando a EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, instituição em que atuo como professora de Língua Portuguesa (LP) desde o ano de 2009, concursada em 2012, desenvolveu uma proposta pedagógica em 2018, que contemplou a participação de alguns idosos da comunidade, conhecidos por colonos, numa gincana cultural. Na ocasião, essas pessoas relataram um pouco de suas experiências, modos e histórias de vida, bem como relataram um pouco de como se deu a formação histórico-cultural da comunidade, ponto importante para a construção da nossa identidade.

Assim, pudemos conceber a memória como um revelante canal que precisamos atravessar para conhecermos nossa história e rememorar as vivências que ajudarão na construção da ponte que liga o presente ao passado, conectando as diferentes gerações. Assim, buscamos compreender que é pela memória que podemos registrar por escrito a história e a cultura local de um povo como meio para favorecer o aprimoramento linguístico dos alunos durante as atividades de oralidade e produção textual.

Altenfelder *et al.* (2021) pontuam que incentivar os alunos a compreender o que se passou, conhecer outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar, representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. Nessa direção, Altenfelder *et al.* (2021, p. 27) frisam que “[...] as histórias passadas por meio de palavras, gestos e sentimentos podem unir moradores de um mesmo lugar, de gerações diferentes, e fazer com que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade.”, e acrescentam que “a história que cada indivíduo traz consigo apresenta a memória do grupo social ao qual pertence”, transformando o encontro em uma experiência humanizadora.

Nesse sentido, enquanto aprendiz, o aluno necessita, a partir do contato com habitantes da comunidade onde vive, construir laços afetivos com o contexto em que está inserido para reconhecer sua identidade, sua origem e seus valores, criar sentimento de pertencimento e, dessa

forma, interagir com outros sujeitos. Por outro lado, a escola, espaço propiciador da construção do saber e da formação do sujeito, precisa condicionar um espaço favorável para a troca de experiências que estabeleça uma relação entre os conteúdos que serão abordados no processo de ensino e aprendizagem, aproximando-os do contexto social em que os alunos estão inseridos, a fim de ressignificar o processo educativo.

Por isso, partimos da hipótese de que esse registro contribui para o autorreconhecimento desses alunos e, por conseguinte, da comunidade onde estão inseridos, ampliando o conhecimento de si, de suas origens e da comunidade, por meio do registro documental das histórias do povo. Acreditamos que os gêneros textuais apontados – memórias e relatos – obtidos no decorrer da pesquisa e transcritos da oralidade dos participantes, sejam pertinentes para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes, permitindo-lhes também refletirem sobre sua identidade e sobre o espaço onde vivem. Desse modo, focar em memórias é construir um relato narrativo baseado nas lembranças de alguém com o intuito de refletir e conhecer a formação da identidade de um indivíduo, resgatando a trajetória de vida, a história, a cultura, entre outras abordagens importantes, bem como conhecer o espaço que se deseja narrar.

Desse modo, pensamos a pesquisa intitulada **Linguagem, Memórias e Ensino: instrumentos para o desenvolvimento de oralidade e de escrita** como proposta para desenvolver nas aulas de LP a aprendizagem de conhecimentos ligados à língua materna por meio de atividades que favorecessem o aprimoramento das habilidades de oralidade e escrita dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, enquanto registravam, como fontes de preservação para a formação da identidade cultural de um povo, as histórias e memórias de moradores do Núcleo Habitacional II – comunidade localizada no Perímetro Irrigado de São Gonçalo – Sousa/PB, garantindo que estas permaneçam vivas para as gerações futuras.

Movidos por esse desejo de desenvolver uma proposta que resgate a formação histórica e a identidade cultural, partimos das seguintes questões norteadoras para esse estudo: Como o ensino de Língua Portuguesa pode contribuir para o favorecimento do registro das histórias e memórias da comunidade do Núcleo Habitacional II – Sousa/PB? Como a adoção dos gêneros textuais memórias narrativas, entrevista e relato de memórias aplicada nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental da EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, contribuirá para o aprimoramento das habilidades linguísticas dos alunos e para a construção da identidade individual e coletiva dos membros dessa

comunidade? Tais questionamentos se efetivaram durante a problematização do fazer docente, nas aulas de língua portuguesa da pesquisadora.

Diante dessas indagações, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como o gênero oral memórias narrativas contribui para o aprimoramento das habilidades de oralidade e de escrita, enquanto preserva a formação histórico-cultural e a construção da identidade de alunos da escola Ensino Fundamental da EEEFM Professora Dione Diniz, em Sousa – PB.

Para tanto, delineamos os seguintes objetivos específicos: **a)** discutir sobre os conceitos de língua(gem), memória, história, gêneros e ensino, à luz da perspectiva sociodiscursiva interacional, enquanto conceitos basilares para a valorização da construção da identidade e formação histórico-cultural de um povo; **b)** aplicar oficinas propostas para essa pesquisa que destaca a produção do gênero relato de memórias, como forma de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz no Ensino Fundamental nas práticas de oralidade e produção de textos; **c)** analisar as práticas discursivas de moradores da comunidade do Núcleo Habitacional II, Sousa – PB, materializadas a partir de suas *contações/memórias*, como processos autênticos para a formação histórica e cultural dos alunos da citada Escola, bem como da comunidade; e **d)** elaborar uma Proposta de Intervenção, pautada nos gêneros memórias narrativas – entrevista - relato de memórias para subsidiar futuros estudos na área e na comunidade investigada, a fim de inventariar o processo de construção da identidade e a formação histórico-cultural da comunidade do Núcleo Habitacional II – Sousa – PB.

Consoante aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Além disso, corresponde a um estudo de cunho qualitativo, uma vez que é entendido como uma caracterização da relação que se dá entre o mundo real e a subjetividade do sujeito. Também se refere a uma pesquisa de campo participante, pois evidenciamos a sala de aula como um ambiente de ação-reflexão-ação para as vivências em torno do objeto de estudo. Quanto aos objetivos, trata-se uma pesquisa explicativa, pois procura explicar o porquê das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados. O universo dessa investigação é constituído por vinte e cinco produções, deste, quatro produções formaram o *corpus* da pesquisa, que se estabeleceu devido à relação mais próxima com o objeto da pesquisa.

Como arcabouço teórico, abrimos um diálogo com Bakhtin (2006; 2011), Marcuschi (2008), as pesquisas de Antunes (2009), Koch (2004; 2010; 2018), dentre outros, sobre os estudos linguísticos, à luz da teoria sociointeracionista, e sua materialização nos enunciados

concretos e reais do cotidiano. Tomamos Le Goff (1990) e Bosi (1987; 2003) como âncoras para os estudos sobre memórias, individual e coletiva, enquanto princípio para a preservação da história e da identidade cultural de um povo. Quanto à abordagem de ensino, pautamo-nos nos postulados de Antunes (2003) e Koch e Elias (2017), relacionando-os aos pressupostos apontados pela BNCC (2018), referente à centralidade do texto, como objeto das práticas discursivas e instrumento de interação social, dentro e fora de sala de aula.

Para apresentar um caminho discursivo coeso, que pudesse responder às inquietações norteadoras da pesquisa, a presente dissertação está organizada em cinco capítulos divididos conforme a descrição da divisão: “Para início de conversa”, capítulo introdutório, que corresponde à apresentação da abordagem geral desse trabalho, entre eles da problemática, dos objetivos, da justificativa. Além disso, contempla a metodologia e outras considerações importantes sobre o tema.

No segundo capítulo, apontamos o estado de arte da pesquisa, organizado por meio da discussão dos tópicos sobre linguagem, memórias e ensino, à luz da teoria sociointeracionista, como instrumentos para o aperfeiçoamento das habilidades de oralidade e escrita de alunos do Ensino Fundamental.

No terceiro capítulo, apresentamos o percurso metodológico dessa pesquisa, os conceitos e os procedimentos necessários para alcançar os objetivos de trabalho.

No quarto capítulo, discutimos os achados da pesquisa embasados na perspectiva teórica apontada, conforme a categorização das memórias como preservação do registro da identidade cultural e dos usos sociais da língua.

No quinto capítulo, expomos o caderno pedagógico intitulado Pelos Retalhos da Memória, organizado em formato de oficinas didáticas, como proposta de intervenção para o desenvolvimento das práticas discursivas acerca da produção de memórias, no tocante às habilidades de oralidade e escrita como instrumentos de preservação da identidade cultural de um povo.

Por último, são apresentadas as considerações finais da pesquisa na qual apontamos as reflexões e como esta pode contribuir para um ensino profícuo de LP no Ensino Fundamental. Ainda são apontadas as referências, instrumento de pesquisa, anexos e apêndices.

2 LINGUAGEM, MEMÓRIA E ENSINO

Pela interlocução, os sujeitos aproximam-se pelas linguagens e memórias, primeiro, pela fala, pela linguagem oral, depois, pela escrita.

(Sousa, 2006, p. 185)

Nesse capítulo, apresentamos reflexões sobre linguagem/língua, memórias e ensino, como instrumentos para aprimorar as habilidades de oralidade e escrita. Como arcabouço teórico, tomamos como apoio os estudos de Bakhtin (2006; 2011), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Koch (2004; 2010; 2018), dentre outros, sobre os estudos linguísticos, à luz da teoria sociointeracionista, e sua materialização nos enunciados concretos e reais do cotidiano. Referenciamos ainda Le Goff (1990) e Bosi (1987; 2003) como âncoras para os estudos sobre memórias, individual e coletiva, enquanto princípio para a preservação da história e da identidade cultural de um povo. Quanto à abordagem de ensino, pautamo-nos nos postulados de Antunes (2003) e Koch e Elias (2017), relacionando-os aos pressupostos apontados pela BNCC (2018), referente à centralidade do texto, como objeto das práticas discursivas e instrumento de interação social, dentro e fora de sala de aula.

2.1 LINGUAGEM E LÍNGUA À LUZ DO SOCIOINTERACIONISMO

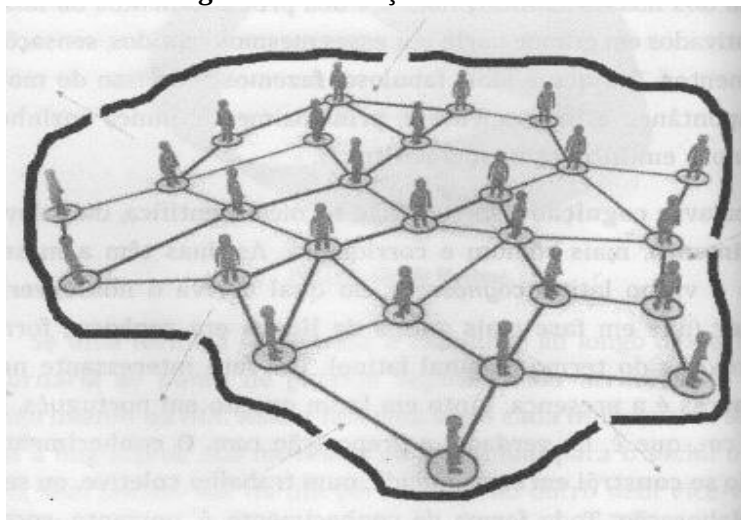
Os estudos atribuídos à linguagem/língua revelam um processo amplo e em constante averiguação devido à concepção de que a “língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (Marcuschi, 2008, p. 20). Nessa direção, percorremos uma trilha realizada por grandes estudiosos para esclarecermos como a linguagem constitui-se uma atividade social da língua realizada por meio de enunciados concretos entre os interlocutores.

Sobre essa abordagem, Bagno (2014, p. 58) afirma que a linguagem é a “faculdade cognitiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar/expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento”. O autor esclarece que a linguagem faz parte da constituição fisiológica do ser humano e é por meio dela que nos comunicamos em sociedade, pois, conforme ele frisa, retomando o conceito posto por Aristóteles, “somos seres sociais gregários, existimos no coletivo e nossa vida só faz sentido em sociedade” (Bagno, 2014, p. 11).

Dessa maneira, é válido salientar que a linguagem se torna o veículo que promove a aquisição de conhecimento entre os membros de uma comunidade humana, mantendo-a “interligada, intraligada, coesa” (Bagno, 2014, p. 11). Por meio da linguagem, o homem

interage em sociedade e torna-se sujeito produtor e transformador da língua que utiliza para construir, de modo espontâneo e inconsciente numa ação coletiva, ou seja, em colaboração com os outros que o cercam, uma teia social.

Figura 1 – Formação da teia social



Fonte: Bagno (2014, p. 14).

Na figura 1, temos a representação do desenvolvimento da cognição individual e social. Inicialmente, observamos o indivíduo em seu espaço, dotado do seu próprio conhecimento, o qual se expande através da ligação com o conhecimento do outro durante a aquisição de habilidades, de crenças, valores, ideias, preconceitos e superstição por meio da linguagem verbal, utilizada como instrumento para estabelecer o convívio em comunidade. Essa relação individual soma-se ao coletivo para construir a teia social, a qual circunda-se pela fronteira flexível da língua que permite a seus membros receberem influências culturais de membros da mesma ou de outras comunidades.

Fiorin (2003) aponta que não existe sociedade sem linguagem, como também não há sociedade sem comunicação, e aponta que a linguagem se torna a responsável por conectar a comunicação entre os sujeitos sociais. Nessa direção, entendemos a linguagem como uma atividade da língua que se adapta conforme as inúmeras necessidades de quem a usa, pois ela evolui de forma “dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana” (Bakhtin, 2006, p. 16) e “se constitui em processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre os interlocutores, não sendo um sistema estável de formas normativamente idênticas” (Fuza; Ohuschi; Menegassi, 2011, p. 489).

Desse modo, apreendemos a compreensão de língua como dialética, viva e dinâmica, que se constitui como “um fato social cuja existência se funda nas necessidades de

comunicação” (Brandão, 2012, p. 7). Nesse contexto, percebemos que Bakhtin apresenta um novo paradigma para os estudos linguísticos, pois, para ele, a língua é “algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante” (Brandão, 2012, p. 7), que se realiza por meio de enunciados reais e concretos durante a comunicação verbal. Com efeito, a língua precisa ser percebida em “sua integridade concreta e viva e não como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária a alguns aspectos da vida concreta do discurso” (Bakhtin, 2006, p. 207).

Nesse prisma, Marcuschi (2008) aponta que as atividades da língua se materializam através do dialogismo, asseverando que “todo enunciado é sempre enunciado de alguém para alguém” (Marcuschi, 2008, p. 20). Primando ampliar a noção de língua/linguagem, Regis e Ribeiro ilustraram-na como “um constructo ‘concreto’, ‘vivo’, ‘polifônico’ marcado pela alteridade, constituído pelo dialogismo no sentido da formação da consciência humana e da subjetividade” (Regis; Ribeiro, 2020, p. 6).

Desse modo, entendemos que a língua se concretiza por meio da interação social entre os falantes situados em contextos reais, e é por meio desse contato interacional que a comunicação se efetiva. Nesse sentido, pensamos em uma concepção de linguagem como interação social.

Apoiados em Bakhtin (2006), podemos dizer que a língua é uma entidade viva que acontece no uso contínuo, na interação humana e se constrói a partir do contato entre os falantes e das trocas de ideias entre eles, os quais devem considerar as diferenças e marcas subjetivas que cada um apresenta no seu jeito próprio de se comunicar. Antunes (2009) afirma que não existe “língua errada” ou “língua feia”, mas uma língua que se permuta e/ou se altera conforme as situações de uso, no contato com outros falantes durante as manifestações humanas.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2011, p. 11) afirma que a “língua se efetua por meio de enunciados concretos e únicos proferidos pelos interlocutores” durante o processo comunicativo, de acordo com as condições e as finalidades que exercem dentro de um determinado campo de atuação, o que possibilita uma multiplicidade de gêneros discursivos. Considerando esse cerne, frisamos que cada enunciado é individual e se constitui através de um triplo viés de organização, sendo eles: o conteúdo, o estilo e a construção composicional – que estão indissoluvelmente ligados – o que determina a especificidade de cada área da comunicação humana.

Além de apresentar as especificidades dos gêneros, Bakhtin (2011) pontua que os gêneros discursivos estão vinculados à esfera comunicativa e apresentam características relativamente estáveis no caráter social e dinâmico. Nesse sentido, podemos afirmar que, em

todas as circunstâncias vivenciais, o ser humano utiliza vários gêneros discursivos no seu processo comunicativo, os quais são moldados de acordo com a prática linguística utilizada. Isso implica dizer que a todo momento estamos fazendo uso da língua, apropriando-nos da materialização textual, isto é, dos enunciados, os quais são proferidos e vinculados às mais variadas condições de produção para interagir com o outro.

É pertinente ressaltarmos a relevância da utilização dos gêneros no nosso cotidiano, pois eles facilitam a interação entre os sujeitos participantes da comunicação verbal. Esse processo de interação humana constitui-se como prática de linguagem, a qual evolui, transforma-se e se adapta conforme os variados contextos nos quais os sujeitos estão inseridos, sejam eles sócio-históricos, culturais, escolares, dentre outros.

Contribuindo com as discussões acerca dos gêneros, Marcuschi (2008, p.154) enfatiza que eles constituem uma “manifestação verbal que se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.” Ou seja, a comunicação sociointerativa tem como centro a produção linguística em formato de textos que contemplem as mais diversas situações sociais. Desse modo, reiteramos a ideia de que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (Bronckart, 1999 *apud* Marcuschi, 2008, p. 154), o que nos leva a pensar que os gêneros se operam como forma de legitimar o discurso.

Nesse sentido, a produção textual se caracteriza como uma atividade processual que exige de quem escreve múltiplas capacidades, domínios específicos e o envolvimento no processo de escrita, como uma prática social, através do uso dos mais variados gêneros discursivos. Ao escrever é preciso estar atento a aspectos essenciais do processo, tais como: quem escreve, para quem escreve, de que lugar social, com que objetivo, que linguagem deve predominar (informal ou formal), em que situação etc. Esses aspectos devem ser considerados relevantes e estão vinculados ao contexto sócio-histórico-cultural e às formas de dizer que circulam socialmente.

À luz da teoria de Bakhtin, muitos autores, das mais diversas áreas de estudos da linguagem, buscaram desenvolver teorias para definir o gênero como texto, analisando-o como categoria para a análise linguística, considerando-o como uma ferramenta que permite um estudo mais aprofundado, possibilitando um olhar mais detalhado para o ensino da escrita da língua, uma delas foi a Linguística Textual.

A Linguística Textual toma o texto como objeto de estudo, já que este é a unidade básica da comunicação e da interação humana. Como pontua Koch (2004), o texto é “resultado da multiplicidade de operações cognitivas interligadas, uma ‘entidade multifacetada’, ou como

‘fruto de um processo complexo de interação humana e construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem’ (Koch, 2004, p.175). Assim, ela representa o texto como um evento comunicativo sociointeracional desenvolvido pelo sujeito de forma individual e independente, coesiva e coerente para construção de conhecimentos linguísticos.

Koch (2010) coloca que a LT tem o texto como seu objeto precípua de estudo, analisado de diferentes formas e exposto como a realização linguística da atividade verbal que depende das condições sociais e psicológicas, utilizando-se de meios para a realização: seleção de palavras; projeto gramatical; tradução e comparação de variantes sintáticas; fixação e reprodução dos compromissos gramaticais, unidos à programação motora, ideia semelhante ao que foi posto por Bakhtin sobre gêneros textuais.

Marcuschi (2008), nesta mesma direção, aponta o texto como resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são, em geral, definidas por seu vínculo com o mundo no qual ele surge e funciona. Para ele, o texto pode ser um tecido estruturado, constituindo uma entidade de comunicação que forma uma unidade de sentido, construindo-se como um artefato sociohistórico para a reconstrução desse mundo.

Aliada a esse pressuposto, Koch (2010) afirma que o texto se concebe no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística e pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, tornam-se capazes de construir determinado sentido. Assim sendo, o sentido do texto não está no próprio texto, mas em quem o contrói e quando se constrói. Entretanto, durante a construção do sentido, é preciso considerar todos os elementos constitutivos necessários para a produção de um texto, não apenas palavras e frases isoladas, já que a LT analisa o texto como um todo, seja ele oral ou escrito, considerando, as relações interfrásticas que aparecem nos textos, a fim de operar um trabalho significativo, que não se pautе exclusivamente para o domínio das regras de boa formação textual.

Assim, podemos compreender que o texto é fruto da atividade discursiva entre os sujeitos situados sócio-historicamente, dada por meio de uma complementariedade existente na enunciação. Pautado nesse pressuposto, Marcuschi (2008) frisa que há entre o discurso e o texto uma articulação entre o ‘objeto de dizer’ e o ‘objeto de figura’, esquematizados através de um gênero, suporte para a realização das atividades comunicativas. Nesse sentido, podemos frisar que os textos são produções linguísticas que se realizam como práticas discursivas associadas a sua historicidade e suas condições de produção, ou ainda que o texto é a cristalização do discurso esquematizado manifestado como artefato linguístico oral ou escrito.

Nesse viés, tomamos a Análise Textual dos Discursos para adentrar ao vasto campo do discurso, buscando compreender como a articulação discurso/texto se contemplam e como se concebem na oralidade e na escrita.

2.2 DISCURSO E ORALIDADE

A Análise Textual dos Discursos doravante (ATD) é uma perspectiva teórica e metodológica proposta por Jean-Michel Adam, que busca estudar e analisar a produção co(n)textual de sentido dos textos, procurando articular a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD). Assim, a ATD “trata-se de uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (Adam, 2011, p. 23). A proposta do autor é analisar o texto pelo viés textual/discursivo, de modo a compreender o sentido produzido dentro do contexto sociodiscursivo em que o texto está inserido. Dessa forma, os textos são compreendidos e analisados dentro de um contexto discursivo levando em consideração as situações co(n)textuais de sua produção (Koch; Elias, 2017).

Nesse sentido, Adam (2011) busca pensar o texto e o discurso em novas categorias, situando a Linguística Textual no campo mais amplo da Análise do Discurso. Segundo Bernardino (2015, p. 43), a “[...] ATD ao se inserir no campo mais vasto da AD, vem trazer o que faltava a uma teoria do texto: um tratamento discursivo de suas categorias, mas sem desvencilhar-se do material linguístico que concerne à estrutura textual”. Ou seja, a ATD busca analisar o texto, levando em consideração o campo discursivo, sem deixar de lado a estrutura e os aspectos linguísticos que o compõem.

É possível assim, fazermos a análise de um texto buscando conciliar o campo textual e o campo discursivo, sem desconsiderar um ou outro. É nesta perspectiva, que surge a ATD, buscando unir os dois campos, articulando o texto e o discurso. Concordamos ainda com Bernardino (2015, p. 31), ao afirmar que “a ATD vem se fundar como um quadro teórico elaborado com o compromisso de assumir decididamente a articulação entre texto e discurso no campo dos estudos linguísticos”. A ATD se constitui como um campo de articulação entre a LT e a AD. Para entender essa proposta de articulação entre o texto e o discurso, Queiroz (2013, p. 23) nos esclarece que,

[...] a aproximação que a ATD faz da LT e da Análise do Discurso se destina a encontrar e construir um pressuposto que dê conta ao mesmo tempo, da análise linguística e discursiva dos textos, analisando e refletindo a materialidade textual em conjunto com as condições socioculturais e políticas em que o texto é construído e adquire sentidos.

Neste sentido, entendemos a necessidade da formulação proposta por Adam, uma vez que esta proposta serve para unir as duas perspectivas em prol dos estudos do texto, de maneira a levar em consideração os aspectos linguísticos e discursivos que perpassam e constitui a materialidade textual. Buscamos assim, analisar o texto pelo viés textual e discursivo, uma vez que será impossibilitado fazermos uma análise completa por apenas uma das perspectivas.

No entanto, é preciso destacar que a proposta de Adam (2011) é “[...] articular a Linguística Textual (LT), desvincilhada da gramática do texto e uma análise de discurso emancipada da Análise de Discurso de linha Francesa (ADF)” (Adam, 2011, p. 43). A análise de Discurso adotada por Adam se distancia parcialmente da AD francesa, sendo que a análise do texto é realizada sob a perspectiva discursiva sem deixar de lado a materialidade linguística, ou seja, a análise discursiva é levada em consideração a partir do que se encontra materializado no texto.

Busca-se, prioritariamente, estudar os sentidos que estão presentes no texto, levando em consideração o seu contexto de produção e pensando o texto como uma prática discursiva.

Assim, Adam (2011, p. 43) “define a linguística textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas”, em que se concebe o texto como um produto comunicativo, fruto de um processo de interação entre sujeitos, em diferentes contextos sociais.

Apresenta-se a seguir, o esquema elaborado por Adam, para explicar e demonstrar a relação do texto articulado ao plano do discurso.

Figura 2 – Níveis ou planos do texto e do discurso



Fonte: Adam (2011, p. 61).

Fazendo uma análise do esquema, percebemos os elementos do quadro maior, como sendo os elementos do campo do discurso e os elementos do quadro menor no campo do texto.

No nível (N1), temos a ação visada – os objetivos pretendidos com o discurso, ou seja, o locutor ao produzir seu texto/discurso, tem um objetivo que pretende alcançar, seja denunciar algo, relatar um problema, justificar-se de um ato ou até mesmo defender-se de uma acusação, entre outros. Esse locutor ao elaborar seu texto/discurso, encontra-se em uma situação de interação social nível (N2) com um alocutário, a quem dirigirá a palavra escrita e/ou oral, comunicando-lhe algo sobre um determinado assunto. Por sua vez, ao produzir um texto/discurso, o locutor apresenta marcas de outros textos/discursos, o que se denomina de intertexto/interdiscurso, nível (N3) do esquema.

O campo textual, por sua vez, apresenta os elementos constitutivos do texto, desde a sua estrutura de constituição a partir da união das proposições, períodos e sequências, bem como, os elementos que dizem diretamente a construção de sentidos do texto dentro do campo semântico. Dessa forma, os níveis (N4) e (N5) – proposições, períodos, sequências e planos do texto – remetem diretamente à textura/composicionalidade do texto, ou seja, a sua estruturação interna, desde as unidades menores que se juntam a outras, formando as proposições, sequências, plano de texto. Os níveis (N6), (N7) e (N8) – representação discursiva, responsabilidade enunciativa e valor ilocucionários – constituem as categorias semântico-pragmáticas do texto.

A proposição-enunciado constitui-se como a unidade textual elementar, sendo considerada a unidade mínima de análise de textos, uma vez que a frase não apresenta uma estabilidade suficiente. Adam não elege a frase descrita pela gramática normativa como unidade mínima de análise, pois segundo ele, a frase é “uma unidade de segmentação (tipo)gráfica pertinente, mas sua estrutura sintática não apresenta uma estabilidade suficiente” (Adam, 2011, p. 104). Ou seja, a frase se apresenta como insuficiente para dá conta de uma enunciação concreta de uso da linguagem.

Nesse sentido, há a necessidade de eleger uma unidade mínima de análise para que se possa compreender e interpretar os sentidos do texto. Adam (2011, p. 106) sente a necessidade de eleger essa unidade mínima, “temos a necessidade, metalinguisticamente, de uma unidade textual mínima que marque a natureza do produto de uma enunciação (enunciado) e de acrescentar a isso a designação de uma microunidade sintática-semântica”. Dessa necessidade, surge a proposição-enunciado como sendo essa unidade mínima de análise, dando conta da situação enunciativa concreta de uso da linguagem dentro de um contexto sintático-semântico.

Ao abordar a noção de Representação discursiva (Rd), Adam disserta:

Toda proposição enunciada possui um valor descritivo. A atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável. Esse microuniverso semântico apresenta-se, minimamente, como um tema ou objeto de discurso posto e o desenvolvimento de uma predicação a seu respeito. A forma mais simples é a estrutura que associa um sintagma nominal a um sintagma verbal, mas, de um ponto de vista semântico, uma proposição pode, muito bem, reduzir-se a um nome e um adjetivo (Adam, 2011, p. 113).

Dessa forma, o texto como manifestação e concretização da linguagem, através de seus elementos linguísticos, traz uma representação do seu enunciador, do interlocutor e do assunto tratado. Essa representação pode ser expressa por meio de um enunciado, por menor que seja, bem como, pode ser expressa por um conjunto maior de enunciados que compõem o plano do texto. De encontro a esse pensamento, concordamos com Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 173) ao afirmar que “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”.

Ao ser construído, o texto sofre influências do meio social, sendo que ele é escrito sob uma perspectiva de propósitos discursivos a serem atingidos por seu locutor. Por sua vez, o locutor ao elaborar o seu texto, leva em consideração os seus possíveis alocutários, construindo, assim, o sentido do texto por meio do enunciado ou um conjunto de enunciados.

A representação discursiva pode ser, assim, construída por um enunciado mínimo, bem como, por um conjunto maior de enunciados. Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 173) afirmam que

[...] toda proposição, na condição de “microuniverso semântico”, constitui uma representação discursiva mínima. A dimensão referencial de proposição apresenta uma certa “imagem” do(s) referentes(s) discursivo(s), posto que cada expressão utilizada categoriza ou perspectiva o referente de uma certa maneira.

A proposição como unidade mínima apresenta uma representação discursiva, doravante Rd, do seu locutor, do seu alocutário e do tema tratado. Essa representação se dá por meio dessa unidade mínima, sendo que ligada a outras, acaba por revelar uma imagem dos referentes discursivos.

Uma representação pode, assim, ser reduzida a um nome e um adjetivo, sendo que este nome situa o objeto no mundo, de forma a ganhar um significado no texto. Assim, a construção de uma Rd se dá por meio dos elementos linguísticos presentes no texto, em que esses elementos

são empregados tendo em vista o sentido a ser construído e os propósitos a serem alcançados, levando em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais.

Adam apresenta a Rd como sendo uma expressão de um ponto de vista.

Toda representação discursiva [Rd] é a expressão de um ponto de vista [PdV] e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significante. Enfim, o valor descritivo de um enunciado só assume sentido na relação com o valor argumentativo desse enunciado. O sentido de um enunciado (o dito) é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significante que o texto convida a (re)construir. (Adam, 2011, p. 113).

Dessa forma, consideramos a Rd como um ponto de vista de um locutor/alocutário que (re)constrói os enunciados seguindo uma orientação argumentativa, levando em consideração o contexto de sua produção, bem como as suas formações discursivas. O texto convida os locutores/alocutários a construir o sentido a partir das relações estabelecidas entre os elementos linguísticos e o seu contexto extralinguístico. É nesse contexto de (re)construção de sentidos do texto, que é possível construir uma Rd do locutor, do alucutário e do tema.

Nos estudos da ATD, as Rd são construídas e analisadas por meio das categorias semânticas de análise, a saber: referência, predicação, modificação, comparação, conexão, localização. Essas categorias de análise das Rd, são propostas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), tendo, em parte, as contribuições de Adam (2011), nos estudos do período descritivo, bem como os estudos de Grize (1996), sobre a lógica natural.

A respeito da oralidade, presente em sala de aula, Gonçalves, Batista e Diel (2017) nos alertam para o fato de que as atividades escolares abordam a leitura oralizada. Então, o que temos constantemente são leituras orais realizadas pelo professor ou aluno, explicações, instruções, conversas informais e outras atividades diversas que utilizam a voz como recurso. Assim, conforme Dolz, Schneuwly e Haller (2004) raramente o oral é ensinado, ocupando um lugar limitado no ensino de línguas.

Para Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 150), “[...] a aquisição do oral começa, sobretudo, por uma aprendizagem incidental”, uma vez que aprendemos a falar antes mesmo de entrarmos na escola. Poderíamos dizer que as formas de comunicações cotidianas se dão de forma inata, concomitantemente, com a aprendizagem da linguagem. Então, a maioria dos alunos já domina formas cotidianas de produção oral. E, uma vez que esse conhecimento não é novo, a escola deve ofertar o conhecimento que os educandos ainda não possuem, ou seja, as

formas orais institucionais; os gêneros usados em ocasiões mais formais, com bem explica Marcuschi (2010), são gêneros que requerem uma linguagem mais monitorada.

Dolz, Schneuwly e Haller (2004) abordam o oral como sendo inerente à voz, à fala, no que diz respeito a sua materialidade fônica, bem como os gêneros orais. Segundo os autores, o termo oral corresponde a tudo que é transmitido pela boca, linguagem falada, executada pelo aparelho fonador humano. Em contrapartida, os gêneros orais são textos executados de forma oral, mesmo que exista um apoio escrito, já que existem textos que são orais, como o seminário, mas que necessitam de uma base escrita em que o locutor vai se apoiar para executá-lo.

Nesse caso, por exemplo, a palestra e a peça teatral podem ter uma versão escrita, no entanto, foram produzidas para serem realizadas oralmente. Já um cartaz, mesmo que seja lido em voz alta não será caracterizado como um gênero oral. Como bem indaga Marcuschi (2008), a simples oralização de um texto não o torna um gênero oral.

Marcuschi (2010, p. 25) ainda nos diz que “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sobre várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso”. Desse modo, a oralidade é uma das maneiras pelas quais nos comunicamos, já os gêneros orais são textos, ou seja, produções estruturadas tendo em vista o seu conteúdo temático, estilo e construção composicional (Bakhtin, 2011), que os falantes de uma língua usam para alcançar um determinado objetivo no ato da comunicação.

A presença do oral em sala de aula não significa que exista um trabalho voltado para os gêneros orais. Teixeira (2012, p. 3) nos fala que “a mera oralidade não caracteriza pedagogicamente a atividade de uso da linguagem em situações formais e informais de comunicação oral”.

Então, o que temos presente no ensino de língua materna é o oral espontâneo, que está a serviço da comunicação e atividades que são oralizadas, como no caso da leitura em voz alta. É o que Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 157) chamam de “escrita oralizada”, que é “toda palavra lida ou recitada”. Assim, trabalhar em sala de aula com atividades orais não é o mesmo que trabalhar com os gêneros orais.

A BNCC (2018) orienta que a disciplina de Língua Portuguesa deve abrir espaços para diferentes conhecimentos, sendo um deles o texto falado, constituído por meio dos gêneros orais. Só que os gêneros orais encontram dificuldades para serem inseridos no ensino. Isso acontece, porque há distinções entre os gêneros orais e os escritos, uma supervalorização do segundo em detrimento ao primeiro, trazendo diversas confusões.

Nesse caso, essa suposta superioridade dos gêneros escritos acaba trazendo uma visão equivocada para os gêneros orais, ficando rotulados como espontâneos, descontínuos, pobres; enquanto os escritos como formais e de mais relevância social.

Marcuschi (2010) também discorre sobre essas contradições existentes entre as modalidades orais e escritas presentes nos gêneros. Segundo o autor, atualmente a oralidade e a escrita são de grande relevância, não existindo dicotomias entre ambas, e sim, um *continuum*, no qual há uma integração entre as duas modalidades. Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 164) têm essa mesma linha de pensamento e nos dizem que “as formas padrão e não padrão manifesta-se tanto no oral quanto na escrita”, ponto de vista que é evidenciado nos documentos oficiais (Brasil, 2018).

Assim, dependendo da situação de comunicação, os gêneros podem ser mais monitorados ou menos monitorados, não importando a sua modalidade. Um discurso oficial (gênero oral) tem um grau elevado de monitoramento enquanto que uma mensagem no WhatsApp (gênero escrito) se dá de forma mais coloquial e espontânea; menos monitorada.

Marcuschi (2010) ainda coloca a questão dos gêneros mistos, ou seja, aqueles que não se dão totalmente na modalidade oral como tampouco na escrita. Dessa maneira, existem gêneros cujo meio de produção é gráfico, contudo, sua concepção discursiva é oral, e vice-versa. Com relação aos gêneros mistos o autor faz uma crítica ao LD, que muitas vezes, não trata desse assunto.

Nesse sentido, o ensino dos gêneros orais nas salas de aulas de língua materna, sua aceitação como relevante e essencial para o domínio da comunicação oral, só ocorrerá quando os educadores e o LD começarem a discorrer sobre o *continuum* presente nos gêneros. Entendendo que não existe superioridade entre as modalidades orais e escritas.

Os gêneros da modalidade oral devem se fazer presentes em nossas escolas como objeto de ensino, com esclarecimento das práticas de linguagens orais, caracterização das especificidades linguísticas a serem exploradas e dos saberes práticos nelas existentes.

Corroboramos com Dolz, Schneuwly e Haller (2004), quando eles nos falam que o ensino de língua materna precisa ensinar os gêneros orais que permeiam a comunicação pública formal, já que os gêneros orais do cotidiano, o aluno tem acesso, e muitos deles dominam antes mesmo da escolarização. Para os autores, os gêneros orais públicos apresentam restrições impostas do exterior, implicando um controle mais consciente, são em grande parte, ‘predefinidos’.

Portanto, os gêneros orais públicos exigem uma linguagem e um comportamento mais controlado; policiado, por serem predefinidos socialmente. Claro que, pelo fato de acontecerem

mediante outros falantes, pode haver certas improvisações, contudo, isto não descaracteriza a sua organização, planejamento e monitoramento da linguagem. Muito pelo contrário, o locutor que consegue improvisar diante de uma situação inesperada só mostra o quanto se preparou para aquele momento.

Indo mais especificamente ao foco, no ensino dos gêneros orais, Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 177) falam dos modelos didáticos de gêneros. Segundo eles “a noção de gênero permite articular a finalidade geral de aprender a comunicar com os meios linguísticos próprios às situações que tornam a comunicação possível”. Dessa maneira, espera-se que o educador organize todo um planejamento em volta daquele gênero que será objeto de ensino. É preciso primeiro trabalhar com as características dos gêneros observando o que é apresentado de interessante para o ensino, como as formas gramaticais, seu conteúdo, etc.

Com relação à adequação dos gêneros escolares em termos de níveis, inevitavelmente, existem algumas transformações dependendo das situações didáticas. Conforme Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 179), “[...] os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referências, que visam ser acessíveis ao aluno.” Em vista disso, os gêneros escolares tanto são instrumento da comunicação como objeto de ensino, devendo ser abordados de acordo com as possibilidades do aprendiz.

Ao passo que os professores de língua portuguesa incorporam em seus planejamentos os gêneros orais como objeto de ensino, não poderíamos esquecer a relevância desse conteúdo no currículo escolar, afinal, para que o currículo surta efeito positivo, os conteúdos tratados nele e trabalhados em sala de aula devem estar sistematizados, com objetivos claros a serem desenvolvidos.

Conforme Dolz e Schneuwly (2004), o currículo voltado para o ensino da expressão deveria fornecer aos professores informações sobre os objetivos visados no processo educativo, sobre as práticas de linguagens e sobre os saberes implicados em sua apropriação.

Então, o ensino dos gêneros orais não deve surgir do nada, sem base sólida e sistematizada, pois quando o educador não tem clareza dos seus objetivos e métodos, conseqüentemente o aluno pode não progredir de maneira esperada. Dolz e Schneuwly (2004) criticam essa postura descompromissada com relação ao ensino dos gêneros e sua relação com a produção textual. Segundo eles, é como se a produção textual acontecesse pelo simples encorajamento da escola, como se essa aprendizagem fosse espontânea, sem a necessidade de uma sistematização.

Marcuschi (2008) nos diz que apesar da ampla divulgação de um trabalho voltado para os gêneros, os professores de língua materna ainda estão despreparados, e, principalmente, se

tratando do trabalho voltado para os gêneros orais. Souza e Dornelles (2017) falam também que os educadores não têm muita clareza sobre como trabalhar com os gêneros orais.

De acordo com Neto (2012), o professor que não trabalha com os gêneros orais dificulta a progressão de seus alunos, já que os gêneros regem o funcionamento social, então, quando o educando não tem acesso a esse conhecimento de forma sistematizada ele terá dificuldade para se expressar em público ou de argumentar diante de uma determinada situação. Segundo o autor, quem sabe se expressar bem oralmente, terá mais facilidade no meio social, para conseguir um emprego, prosseguir com os estudos e participar ativamente na sociedade.

Assim, o ensino de língua materna deve oferecer o aprendizado dos gêneros orais de forma gradativa, com professores que dominem o conteúdo a ser ensinado, tendo certeza do que deseja desenvolver no seu aluno e fazendo uso de estratégias que possibilitem a sua promoção.

Dolz e Schneuwly (2004) propõem o trabalho com a sequência didática no ensino dos gêneros. Segundo os autores, durante o trabalho com a sequência didática é possível a observação das capacidades de linguagem, possibilitando delimitar as intervenções didáticas, pois ela possibilita ao aluno a progressão da sua capacidade de escrever, por meio de todo um passo a passo (produção inicial, módulos, produção final), ampliando a visão do aluno sobre o gênero que será aprendido: sua representação no contexto social, estrutura discursiva do texto e as escolhas linguísticas.

No que diz respeito ao trabalho do professor, a sequência didática permite uma sistematização do trabalho realizada com os gêneros, no qual ele poderá, já na produção inicial, detectar as dificuldades do aluno com relação ao gênero estudado, trabalhando essas dificuldades nos módulos de maneira que o aluno tenha todo um acompanhamento, possibilitando seus avanços gradativamente até que ele esteja preparado para realizar a produção final.

O ensino de Língua Portuguesa voltado para os gêneros orais nos faz perceber o quanto somos movidos pela oralidade, e como essa oralidade, quando dominada pelos falantes no ato de comunicação, pode ser benéfica. Os alunos que aprendem os gêneros orais formais se expressam melhor, tem uma boa argumentação, sabendo persuadir, e, como resultado dessa aprendizagem, eles se relacionam melhor socialmente: na família, no trabalho, na faculdade, enfim, na vida.

Para ampliar essa competência linguística dos alunos, elegemos o gênero memórias por considerá-lo uma ferramenta necessária para estabelecer contato social linguísticos entre os

falantes da mesma língua, bem como oportunizar uma troca de experiências entre quem conta e quem ouve durante o ato de rememorar.

2.2.1 Registro de memórias como um uso social da língua

No mundo contemporâneo, muito tem sido discutido sobre a capacidade humana de lembrar e recordar. Dentre os diferentes tipos de memória identificados por filósofos e historiadores, destaca-se a memória social ou histórica, que é estabelecida por uma sociedade por meio de mitos fundadores, relatos, registros, depoimentos e testemunhos. Essa memória expressa-se através de diversos tipos de registros, como narrativas, filmes, fotografias, pinturas, esculturas, imagens e livros (Delgado, 2006, p. 47).

A memória desempenha um papel essencial naquilo que chamamos de identidade, seja individual ou coletiva, e sua busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades contemporâneas (Le Goff, 1990, p. 410). Todos nós, de alguma forma, buscamos em nossas memórias lembranças significativas de um passado vivenciado.

No entanto, a memória coletiva não é apenas uma conquista, mas também um instrumento de poder. As sociedades cuja memória social é principalmente oral ou que estão em processo de constituir uma memória coletiva escrita são as que melhor compreendem essa luta pela dominação da lembrança e da tradição, essa manifestação da memória (Le Goff, 1990, p. 410).

A cultura de cada grupo pode ser compreendida por meio da memória que ele constrói e revive em suas histórias, recriando seus espaços geográficos e temporais. Através de relatos de experiências familiares, crônicas que registraram o cotidiano, tradições e histórias transmitidas ao longo das gerações, é possível construir a memória de um tempo que antecede a vida de uma pessoa. Nesse processo, as memórias individuais e coletivas se encontram, se fundem e se tornam fontes possíveis para a produção de conhecimento histórico (Delgado, 2006, p. 41).

Para Ribeiro (2004), a memória é a evocação do passado, o tempo que se perdeu e não retornará mais. A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de trazer o passado de volta à atualidade. É a memória que nos proporciona a sensação de pertencimento e existência, daí a importância dos lugares de memória tanto para as sociedades humanas quanto para o indivíduo.

Os lugares de memória surgem e existem a partir do sentimento de que não há memória espontânea, de que é necessário criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações,

fazer discursos fúnebres, ata notarial, registros. Museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, atas, monumentos, santuários e associações são marcos que testemunham uma era passada e as ilusões de eternidade (Nora, 1993).

Assim, compreende-se que vivência de um povo se torna um espaço que estimula lembranças e memórias. Nesse sentido, as narrativas orais oferecem uma oportunidade real de se conectar com o passado, com as experiências vividas. Nesse sentido, como um âmbito de preservação da memória, o discurso de um determinado povo também desempenha o papel de facilitador do conhecimento, por meio de atividades educativas que são constantes e disponibilizadas de forma efetiva para a comunidade (Brandão, 2012).

O ato de recordar, entoado por Lispector (1999, p. 385), diz que: “escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de ‘memória’ como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro e a lembrança é em carne viva”, compreende a origem do discurso e das circunstâncias que o envolvem, relacionadas à Memória Discursiva. Achard (1999) propõe que a Memória Discursiva busca uma "arqueologia" da Análise do Discurso, pois é composta por memórias socialmente construídas, nas quais a memória impõe desejos de materialidade. Nesse contexto, a materialidade é implícita, pois espera-se uma compreensão que é considerada comum e óbvia para alguém.

Como versa Pêcheux (1999), o "acontecimento discursivo novo" pode perturbar a memória, desfazendo a "regularização". Isso acontece porque a Memória Discursiva provoca a mudança e desordem dos pressupostos ligados ao antigo sistema de regularização, o que abre caminho para novas interpretações de um evento histórico que já havia sido estabelecido na consciência coletiva através da memória social. Portanto, é essencial compreender que a Memória Discursiva está fundamentada em uma "vulgata" (um entendimento comum originado da popularização do significado e que possui uma estrutura regular) (Achard, 1999).

Para tanto, a memória é reconstruída a partir de lacunas, que são preenchidas pelo imaginário interiorizado pelo indivíduo, através das experiências vividas no dia a dia. Essas vivências ganham um sentido de autenticidade, porém não podem ser completamente recuperadas, pois estão intimamente ligadas ao esquecimento. O relato sobre o passado é fragmentado e busca completude, seguindo os consensos estabelecidos e impostos aos sujeitos que compartilham da mesma época e discurso, sendo, desse modo, influenciado e moldado pela Memória Discursiva.

Nesse viés, a atividade de recordar compreende um evento através da memória, a pessoa evoca subentendidos e significados previamente construídos, que tendem a reforçar a

padronização, pois criam a sensação de algo que já estava lá; no entanto, esses elementos são desestabilizados pela pessoa que os resgata em sua expressão, tornando-a sempre singular.

A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria sentido homogêneo, acumulado ao modo reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamento e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (Pêcheux, 1999, p. 56).

É importante ter em mente que a Memória Discursiva procura encontrar imagens e símbolos como pontos de referência. Para Achard (1999), essa memória anseia por imagens/lembranças que refletem representações de sentido e significado, resultando em uma regularidade de significados. A reconstrução da memória acontece por meio da verossimilhança. Nessas situações, a memória é estabelecida por meio do enunciado e da enunciação, que conferem a ela um sentido de origem. Weinrich (2006, p. 15) salienta que “[...] nas línguas nada acontece sem a memória, nada, nada”. Contudo, mesmo quando uma imagem retomada pelo discurso busca antigas significações, ela se torna ininteligível dentro do discurso, pois, quando atravessada pelo discurso, torna-se opaca e discordante, perdendo seu valor como memória.

Sob essa abordagem, os modelos discursivos que se repetem representam reafirmações ou inovações? De acordo com Pêcheux (1999), a Memória Discursiva seria aquilo que, diante de um texto que emerge como um evento a ser lido, reintroduz os implícitos, ou seja, mais tecnicamente, os elementos previamente construídos, citações e relatos, discursos intercalados, entre outros, dos quais sua leitura requer: a condição do legível em relação ao próprio legível. A Memória Discursiva ultrapassa os sentidos presentes por meio das ausências, permanecendo em constante dinâmica, sempre ativa e com significados que se deslizam e se transformam, guiados pelo esquecimento. Dessa forma, Pêcheux (1999, p. 52) explana que:

[...] a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto surge como acontecimento a ler, vem a restabelecer os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação do legível.

Dessa forma, de acordo com Pêcheux (1999), a memória é sujeita a mudanças e instabilidade. Assim, a Memória Discursiva desempenha duas funções opostas no discurso, pois, por um lado, recupera o passado, mas, por outro lado, o suprime. Isso nos leva à ideia de que os discursos não são apresentados como algo definitivo ou acabado. É através da Memória

Discursiva que nossos conhecimentos adquirem significado, no entanto, esse significado deve ser considerado como uma construção social e histórica específica e lembrada. Para lidar com o que pode ser retido na memória, é necessário compreender o acontecimento dentro de duas formas-limite: I. o acontecimento que não é registrado, que escapa à inscrição; II. o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido (Pêcheux, 1999). Além disso, Brandão (2012, p. 99) elucida que:

[...] a noção de memória discursiva separa e elege dentro de elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que numa outra conjuntura dada, pode emergir atualizada, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo, dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos [...].

Cada Formação Discursiva está intimamente ligada a uma Memória Discursiva que constitui o cerne do discurso. Conforme Brandão (2012, p. 96), ao enunciar, sempre nos posicionamos em relação ao que já foi dito, que se torna o Outro no discurso. Quando retiramos partes de outros discursos para construir um novo, estabelecemos novas condições de produção e novos discursos. A Memória Discursiva é formulada em cascata, em que eventos esquecidos se sucedem de maneira fragmentada, gerando novas enunciações a partir do sujeito.

Orlandi (1999, p. 21) descreve a Memória Discursiva como uma evocação do esquecimento como passado dentro do discurso, implicando a lembrança do que foi esquecido, mas que permanece como fragmento a ser rememorado.

Desse modo, o conceito de Memória Discursiva está associado à repetição de enunciados, nos quais ocorrem escolhas feitas pelo "eu" que relembra com base em uma necessidade histórica singular no momento da rememoração. Esse discurso, ao forjar a Memória Discursiva, também impõe o esquecimento de outros discursos. Nesse sentido, atende a uma necessidade específica, mas pode ser renegado em uma nova posição discursiva, abrindo espaço para a produção de inúmeros efeitos e sentidos dentro do discurso. A Memória Discursiva é moldada pela necessidade de lembrança, buscando vencer o esquecimento e estabelecer-se.

De acordo com Camargo (2019), a noção de Memória Discursiva desempenha uma função ambígua no discurso, pois recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina por meio dos apagamentos que realiza. Halbwachs (1990) também destaca que somente através do esquecimento o indivíduo pode supor que possui alguma verdade, o que o coloca em uma posição enganosa, fazendo-o acreditar que é a origem do discurso e que sua experiência é única.

Nesse contexto, a Memória Discursiva busca reconstruir enunciações por meio de operações controladas que retomam sentidos e formas de disseminação. Esses sentidos e formas de disseminação imprimem significados ao discurso, influenciados pelas relações de choque e convergência entre as memórias discursivas dos sujeitos que enunciam o passado. O discurso só adquire significado porque está inserido em uma formação discursiva que é histórica e não está sujeita aos desejos do enunciador.

O sujeito que enuncia pode ter a falsa impressão de que o discurso é completo, mas, na realidade, ele sempre é incompleto. A Memória Discursiva carrega sentidos implícitos, que nem sempre estão explícitos, mas ecoam no discurso.

Para Camargo (2019 *apud* Ferreira, 2001, p. 20):

A Memória Discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos (Mariani, 1996). Coutine e Haroche (1994) afirmam que a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.

Assim, a Memória Discursiva desempenha um papel fundamental na análise do passado do discurso e na evocação de seus sentidos mais subjacentes durante sua enunciação. Para Brandão (2012), a Memória Discursiva está inserida em um campo enunciativo composto por vários campos de enunciação. O campo de presença consiste em um conjunto de enunciados, no qual ocorre uma seleção que escolhe alguns e exclui outros. Já o campo de concomitância é formado por enunciados que servem como premissas que generalizam discursos divergentes. No domínio da memória, os enunciados não podem ser questionados, pois tornaram-se continuidades históricas do discurso, interligando-se entre si.

Brandão (2012) destaca que as sequências discursivas compõem três domínios: memória, atualidade e antecipação. Esses elementos, que formam os domínios, referem-se a datas e eventos históricos no discurso. Para Brandão, o domínio discursivo da memória é uma formação discursiva de referência e seus efeitos podem ser de lembrança, redefinição, transformação quanto ao esquecimento, ruptura e negação do já-dito. Já o domínio da atualidade surge como resultado do efeito de memória retomado no presente, em que discursos anteriores são reforçados no discurso atual. Por sua vez, o discurso de antecipação é formado por sequências discursivas elaboradas no intradiscurso, que utilizam os efeitos do domínio da atualidade (Brandão, 2012).

A formação discursiva, como Memória Discursiva, é construída com base em sua historicidade e relaciona-se com a interdiscursividade formada pelas memórias sociais que constituem uma formação discursiva. Essas memórias sociais são parte integrante da Memória Discursiva e são influenciadas pelos Aparelhos Ideológicos de Estado. Juntamente com o intradiscurso, elas são formadas pela atualidade do discurso e suas relações com o presente. A Memória Discursiva é estabelecida pela relação entre intradiscurso e interdiscurso, visando evocar um sentido de origem, onde a repetição dos discursos fortalece sua presença, mas também permite a construção do discurso por meio do apagamento (Bakhtin, 2011).

A concepção de Memória Discursiva reconstrói a História, que se inscreve no passado e retorna ao discurso por meio de vestígios, que remontam os efeitos de memória dentro dele. Como afirma Orlandi (1999), a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. A Memória Discursiva, portanto, é o gatilho do discurso, compondo o quadro dos sentidos objetivados por um discurso no momento de sua produção. Por possuir características próprias em relação ao discurso, a Memória Discursiva evoca o contexto de enunciação que pode ser entendido como interdiscurso. De acordo com Orlandi (1999, p. 33), o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito atribui sentido em uma situação discursiva específica. Isso remete ao passado, que não está completamente presente na situação atual de enunciação. No entanto, o discurso o evoca como uma possibilidade de sentido que não é desejada objetivamente pelo sujeito, mas que se torna presente no não-dito do já-dito.

Os implícitos são destacados como memória no discurso e se tornam presentes na formação discursiva. O consenso evocado pela memorização está presente no discurso compreendido como representação concebida e percebida pelo sujeito, como mencionado por Achard (1999), ao elucidar que o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. No entanto, jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo.

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2014, p. 16).

Essa falta de autonomia faz com que o discurso seja reconectado ao passado, funcionando como um legado que confere sentido e significado a ele. Essa construção completa do conceito de Memória Discursiva foi desenvolvida na fase final da obra teórica de Pêcheux,

como evidenciado por Zandwais (1999). Isso levou a uma relação estabelecida entre o acontecimento e o discurso, criando conexões entre espaço e tempo. Nas páginas de sua obra "Discurso: Estrutura ou Acontecimento?", Pêcheux (2006) estabelece uma relação entre o acontecimento e o momento histórico de sua enunciação. O conceito de Memória Discursiva analisado nessa obra está relacionado às formações ideológicas que compõem a materialidade discursiva, remetendo a um passado que é (re)interpretado no presente através do próprio discurso. Zandwais (1999, p. 42) aponta que: "Pêcheux demonstra a impossibilidade de se pensar no funcionamento do discurso de ruptura sem estabelecer uma relação transversal entre a estrutura, a base linguística, o acontecimento e os processos históricos pelos quais os acontecimentos são discursivizados". Dessa forma, o discurso não pode ser compreendido sem a memória, assim como a linguagem não pode obter significado sem a História, como declarado por Courtine (2006, p. 22): "a linguagem é o tecido da memória".

2.2.2 A BNCC e o ensino da língua portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa sempre gerou muitas discussões ao longo dos anos, uma vez que esse sempre foi baseado nos aspectos estruturais da gramática normativa, como tentativa de "aprimorar" a variedade linguística apresentada pelos alunos, aproximando a língua dos usuários a que aparecia nos livros didáticos. Porém, a partir da década de 80, o ensino da LP começou a ter avanços, pois muitas críticas permearam o tradicional ensino, permitindo uma reformulação das práticas pedagógicas, valorizando, assim, o sujeito e sua variedade linguística, para que este refletisse sobre a linguagem para a produção de textos reais e eficazes nas mais variadas situações.

A partir desta abordagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) sinalizaram a referida mudança no ensino. O referido texto aborda como eixo discursivo o ensino e a aprendizagem da língua na escola e aponta três elementos importantes para o trabalho: o aluno, a língua e o ensino. O primeiro elemento diz respeito ao aluno, sujeito pensante da aprendizagem, o que age sobre o objeto de conhecimento; o segundo refere-se ao conhecimento, nesse caso, a língua portuguesa, tal como se fala e se escreve; por fim, o ensino, ou seja, o modo como a prática educacional se estabelece entre os dois primeiros. Nesse contexto, o professor passa a ser responsável pela mediação entre o sujeito e o conhecimento por meio de ações planejadas e dirigidas a fim de analisar e refletir acerca dos mais variados usos da língua.

Além de definir os elementos essenciais para o ensino, os PCN de Língua Portuguesa apontam um dos principais fatores a ser considerados no ensino: a linguagem como *atividade discursiva* entre sujeitos no processo comunicativo, pensada a partir das finalidades e intenções dos interlocutores, acerca dos conhecimentos que o outro tenha sobre o assunto. Pensando sobre isso, o documento aborda que o discurso se manifesta por meio de textos, orais ou escritos, que estão sempre em constante e contínua relação com os outros já produzidos e compartilhados pelos interlocutores. Sendo assim, a troca de informação faria o aluno adquirir a habilidade de pensar o *discurso* de forma situada, adequando o texto ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo, a fim de que o usuário se apropriasse corretamente da competência discursiva. Desse modo, é importante frisar que o ensino de Língua Portuguesa deve ser pensado com base na utilização de textos e gêneros diversos como sendo o objeto de ensino, priorizando aqueles que merecem uma abordagem mais aprofundada para cada nível escolar.

Buscando garantir a legalização de algumas abordagens já utilizadas nos PCN, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) visa superar a fragmentação das políticas educacionais, assegurando a unificação dos objetos do conhecimento, definindo as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica. Segundo o documento, as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais por meio de diferentes linguagens, abordagem coerente com a perspectiva enunciativo-discursiva já citada pelos PCN de língua portuguesa.

A BNCC (2018) dialoga com os PCN (1998) quando apresenta uma proposta que assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e ao desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias semioses.

Nesta esteira, essa pesquisa parte da concepção de texto apontada por Bakhtin (2011), plano de fundo teórico dos documentos, que aponta que o discurso surge na interação humana, por meio da utilização da linguagem, e se materializam nos enunciados, refletindo as condições e as finalidades da língua. Sendo assim, é possível afirmar que o enunciado se trata de uma representatividade interacional entre os sujeitos envolvidos no diálogo, para se chegar a uma compreensão daquilo que se fala ou se escreve, considerando, em sua organização, as significações do contexto social e os elementos que os constituem (o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional), realizados em tempos e situações diversas.

Orientados por tais conceitos, esse trabalho parte da análise e processo de produção textual, observando o que os documentos oficiais expõem sobre a escrita, como habilidade de

o estudante expandir suas possibilidades de utilização da linguagem de forma autônoma e crítica, e, assim, ser indivíduo proativo do processo de aprendizagem. Para isso, a BNCC (2018) aponta que a atividade de produção textual precisa ser realizada por meio de situações contextualizadas a fim de se buscar formar escritores competentes e reflexivos frente aos mais variados contextos de atuação.

Conforme a BNCC (2018), algumas abordagens dos textos orais e escritos precisam ser consideradas para o trabalho: analisar os aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo as relações entre eles, bem como desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo, à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/campo de circulação, adequação à norma-padrão etc.

Ampliando os pressupostos apresentados pelos documentos nacionais sobre o ensino de produção textual, partindo da ideia de que trabalhar a escrita e a oralidade sempre foi um trabalho complexo e desafiador para muitos professores e considerando que esta sempre foi refletida a partir do ensino de textos para se ter domínio de regras gramaticais e ortográficas, e, conseqüentemente, como suporte para correção da língua falada, Antunes (2009) discute o ensino de língua nas escolas, particularmente, o ensino da escrita produtiva de textos na escola a partir da observação à diversidade de gêneros textuais.

Dessa maneira, a autora afirma que o trabalho com texto vai além da construção de frases simples, tornando-se uma atividade interativa, parte significativa da atuação social, tanto para quem escreve quanto para quem lê, pois é necessário que os interlocutores se insiram no contexto em que a escrita acontece, confirmando, assim, que a escrita varia em decorrência de adequar-se ao uso e às situações interacionais em que o texto fora produzido.

Sendo assim, para se trabalhar textos em sala de aula, é necessário considerar a situação de comunicação, adequação da escolha do tipo e o gênero a ser escrito, as marcas linguísticas de superfície, fatores que se tornam características próprias de cada texto a serem observados, bem como os marcadores temporais e atemporais, próprios de cada gênero, determinando as condições reais de sua produção e recepção. Logo, é necessário considerar durante a escrita a utilização de tais elementos como forma de caracterizar e determinar cada tipo de gênero textual a ser explorado em sala, levando o aluno a refletir sobre seu uso e funcionalidade na esfera social de atuação.

Antunes (2009) coloca que existe uma multiplicidade específica de dizer algo, ou seja, a escrita de textos aponta uma variedade de modelos e de apresentação formal a ser analisadas

e exploradas no contexto escolar. Dessa maneira, esclarece que cada gênero utilizado na escola constitui um modelo específico de texto, diferentes entre si devido às convenções sociais em que acontecem, observando os propósitos e as finalidades que cada um possui, já que cada classe de gênero ou protótipo orienta e regula a atividade verbal, pois o texto se apresenta a um tempo típico e singular.

Dessa forma, o trabalho com a escrita de textos sempre foi e será algo bastante desafiador, porque sempre será necessário refletir vários aspectos que influenciam diretamente no fracasso da língua escrita, uma vez que o insucesso sempre foi atribuído ao aluno por não desempenhar corretamente o que se esperava. Infelizmente, o ensino da escrita nunca teve uma finalidade maior como levar o aluno a refletir sobre o mundo, mas pautar-se no ensino de regras gramaticais ou para a correção da ortografia, desconsiderando todas as inadequações que o levou ao “insucesso” na escrita.

Antunes (2009) ainda aponta algumas ideias que podem tornar o ensino da língua escrita mais eficaz: privilegiar a produção, a leitura e a análise dos diferentes gêneros, sua circulação social e suas testemunhas; a superestrutura típica do gênero a ser trabalhado; as motivações para escrever dentro e fora da escola, definindo a finalidade da escrita; a gramática da língua, não se detendo nesta como exclusividade para o ensino; a complexidade da variabilidade e da tipicidade de textos, pensando no sujeito e nos seus usos sociais; bem como a concentração nos gêneros, considerando seu(s) destinatário(s), seu papel social, a informação veiculada e a escolha sintático-semântica.

Assim, é possível afirmar que o professor, durante o ensino de gênero textual, deve realizar um planejamento adequado a fim de explorar o texto em uso, valorizando-o num todo, focando na finalidade que este desempenha socialmente, pensando seus interlocutores, bem como os elementos que o formam para que o trabalho desenvolva resultados satisfatórios no ensino de escrita.

Portanto, podemos afirmar aqui que as recomendações sobre o trabalho com a escrita, evidenciado nos PCN e, posteriormente, ampliado pela BNCC, devem ser aplicadas no contexto escolar de forma que atuem como suporte para o trabalho do professor, que deve agir como mediador desse processo tão necessário e indispensável para a formação de um cidadão atuante e consciente da sua importância na comunicação e na vida em sociedade.

2.2.3 A entrevista e a valorização da memória social de um povo

A entrevista é uma forma de interação social que desempenha um papel fundamental na valorização do povo. Por meio dela, é possível transmitir conhecimentos, compartilhar histórias e experiências, além de promover a inclusão e o reconhecimento das diversas vozes que compõem uma sociedade (Alberti, 1989).

Alberti (1989) explana que a valorização social do povo é um aspecto essencial para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Quando as pessoas são ouvidas e têm a oportunidade de expressar suas opiniões, emoções e vivências, ocorre um fortalecimento dos laços sociais e um aumento da empatia e compreensão entre os indivíduos.

Como ferramenta de comunicação, a entrevista desempenha um papel significativo na valorização social do povo, uma vez que permite que as vozes marginalizadas ou menos ouvidas sejam trazidas à tona. Por meio desse diálogo estruturado, é possível romper barreiras sociais e promover a igualdade de oportunidades, dando voz a grupos historicamente silenciados ou estigmatizados (Meihy; Holanda, 2010).

Além disso, a entrevista é uma forma de registrar e preservar a diversidade cultural e histórica de um povo. Ao dar espaço para diferentes perspectivas e experiências, cria-se um acervo de conhecimento humano, que enriquece a sociedade como um todo. As entrevistas podem ser conduzidas com pessoas de diferentes faixas etárias, origens étnicas, profissões, orientações sexuais, entre outros aspectos, ampliando o entendimento sobre a complexidade e a riqueza da sociedade em que vivemos (Meihy; Holanda, 2010).

Segundo Alberti (1989), a valorização social do povo também está relacionada à inclusão de grupos marginalizados nos processos de tomada de decisão e no desenvolvimento de políticas públicas. Por meio da entrevista, é possível dar voz a essas comunidades e permitir que suas necessidades e demandas sejam levadas em consideração, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, é importante ressaltar que a valorização social do povo não deve se limitar apenas à realização de entrevistas. É necessário que existam políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades, a educação de qualidade, o acesso a serviços básicos, entre outros direitos fundamentais. A entrevista, nesse contexto, se torna uma ferramenta poderosa de conscientização e mobilização social, mas não deve ser encarada como a única solução para a valorização do povo.

Para Le Goff (1990, p. 390): “[...] o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada”. Assim, a entrevista desempenha um papel

fundamental na valorização social do povo, pois permite o compartilhamento de conhecimentos, histórias e experiências, promove a inclusão e o reconhecimento das diversas vozes, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, é necessário que a entrevista seja acompanhada por políticas e práticas que garantam a igualdade de oportunidades e o respeito aos direitos de todos os cidadãos.

Existem duas opções para realizar entrevistas. Uma delas é a entrevista temática que aborda a participação do entrevistado em um tema específico escolhido como o principal objeto de estudo. A outra opção é a entrevista de história de vida na qual o foco de interesse é a própria vida do indivíduo em questão. No entanto, de acordo com a explicação de Alberti (1989), a entrevista temática pode ser considerada - como alguns autores o fazem - uma entrevista de história de vida, já que o conteúdo está ligado à história de vida do depoente, ou, mais especificamente, a uma parte de sua vida - o assunto ou o tema sobre o qual está sendo entrevistado.

Com base nessa afirmação, percebe-se que a entrevista temática não pode deixar de enfatizar os dados biográficos do entrevistado. Isso ocorre porque a história de vida também ajuda a obter melhores resultados na entrevista, fornecendo informações pessoais do entrevistado e sugerindo questões que antes não haviam sido consideradas.

Ao se referirem à escolha do tipo de entrevista, Meihy e Holanda (2010) destacam uma diferença entre História Oral de vida e História Oral temática: o questionário. Preferencialmente chamado de roteiro de entrevista, ele é considerado "um componente fundamental para a obtenção dos detalhes procurados" (Meihy; Holanda, 2010, p. 40).

Conforme explica Alberti (1989, p. 20):

[...] a entrevista temática pode ser considerada – como o é, por alguns autores - uma entrevista de história de vida, já que seu conteúdo está ancorado à história de vida do depoente, ou, mais especificamente, a uma parte de sua vida – o assunto, ou o tema, sobre o qual é entrevistado.

Os entrevistadores têm a liberdade de acrescentar informações relevantes caso desejem. Após elaborar o roteiro de entrevistas, é preciso decidir quem será a primeira pessoa entrevistada. Conforme Alberti (2005a, p. 85), essa escolha pode recair sobre figuras de destaque na área do tema em questão, consideradas mais representativas e cujos depoimentos sejam essenciais para as demais entrevistas. Quando se trata de entrevistar pessoas idosas, é recomendado começar pelas de idade mais avançada. No entanto, é necessário considerar também os limites físicos dos entrevistados, como menciona Bosi (1987, p. 39), pois as

"lembranças dos velhos" muitas vezes emergem nos limites de seu corpo, que pode ser um instrumento de comunicação às vezes deficitário.

Portanto, acredita-se que uma das vantagens da História Oral reside no fato de valorizar "a reconstrução do vivido conforme concebido por quem o viveu" (Alberti, 2005a, p. 23). A História Oral é intrigante devido à oportunidade de lidar com fontes vivas, registrando suas memórias que estavam adormecidas, mas que, ao serem evocadas, acabam emergindo junto a outras recordações.

Nesse âmbito, compreende-se que o ser humano, como ser social, constrói sua identidade com base nos eventos que o cercam e que, de certa forma, influenciam sua forma de viver e pensar. Para compreendermos melhor as razões pelas quais um autor defende uma teoria ou expressa um pensamento, é fundamental considerar o contexto histórico em que ele viveu. Assim, podemos atribuir um significado mais profundo às ideias propagadas pelo escritor estudado.

As memórias que conseguimos relatar ou registrar, seja de forma oral ou escrita, não se compõem apenas de fatos isolados, pois são memórias pessoais que estão sempre entrelaçadas com outras pessoas, uma vez que vivemos em constante convívio social. Dessa forma, a memória individual se entrelaça com a memória coletiva, contribuindo para a formação da identidade de cada indivíduo.

Torna-se evidente, portanto, o valor da memória social na constituição da identidade individual e na memória pessoal. Ao longo da história, o ser humano sentiu a necessidade de preservar suas memórias, tanto individuais quanto sociais, inicialmente por meio da tradição oral e, posteriormente, com a consolidação da escrita após a invenção da imprensa.

Le Goff (1990, p. 389), citando Jack Goody assevera que em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória de longo prazo e, temporariamente, na memória ativa". Preservar a memória é essencial para as sociedades, pois esse legado contribuirá para a formação crítica e identitária das gerações futuras. A ausência de registros pode comprometer a preservação do patrimônio de um povo. Além disso, como já mencionado, um povo sem memória é um povo sem história. Nesse contexto, é possível observar as relações de poder ditadas por setores dominantes de uma sociedade, em que a memória coletiva se torna um poderoso instrumento de dominação das classes que ascendem ao poder. Segundo Le Goff (1990, p. 435):

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que

melhor permitem compreender esta luta pela denominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

O indivíduo precisa se sentir integrado à sociedade, pois se colocar à margem seria negar sua própria identidade. De acordo com Le Goff (1990, p. 390), "[...] o estudo da memória social é uma das principais maneiras de abordar os problemas do tempo e da história, considerando que a memória ora está atrasada, ora adiantada".

Desde os tempos remotos, quando a escrita ainda não existia, as civilizações procuravam criar algo que lembrasse ao povo o poder exercido por reis e imperadores. Monumentos eram construídos para assegurar uma lembrança constante do domínio. Ao longo da incessante luta da humanidade pelas questões humanitárias, há muito o que contar e registrar, abordando conquistas e libertações. Até os dias atuais, a disputa pelo poder e o domínio entre classes é uma realidade inegável. O povo, oprimido pela ambição daqueles que acumulam riquezas materiais e culturais, constitui a massa de manobra política, social e cultural. Para Le Goff (1990, p. 390):

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Ao longo da história, a relação de poder nas sociedades tem sido documentada em diversas épocas, atravessando diferentes formas de organização social, espaços geográficos e sistemas políticos. Mesmo diante do domínio imposto ao povo, há uma tentativa de buscar a libertação por meio do registro das memórias, acreditando-se que, gradualmente, o povo oprimido consiga reduzir seu sofrimento, fortalecer suas ideias e desenvolver sua identidade.

As sociedades, ao longo do tempo, tiveram um extenso período de tradição oral, que lhes permitia registrar suas memórias. Narrativas orais davam conta das lutas, conquistas e domínios de um povo. Com a chegada da escrita, a tradição oral e a contação de histórias não foram abandonadas, e os monumentos em homenagem, especialmente aqueles que detinham o poder, também continuaram a ser erguidos.

Na obra "O tempo vivo da memória", Ecléa Bosi destaca a liberdade da memória e seu significado coletivo: "a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo"

(BOSI, 2003, p. 31). Portanto, a memória ganha importância ao integrar fatos pessoais e coletivos, situados em espaços e tempos que se relacionam de forma sincrônica.

Em essência, podemos dividir as fases da história da memória coletiva em sociedades sem escrita e sociedades com escrita. Segundo Le Goff (1990, p. 393), "[...] nestas sociedades sem escrita, há especialistas da memória, homens-memória: genealogistas, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas", que enfatiza esse assunto ao afirmar: "[...] são os homens da boca" (Goody *apud* Le Goff, 1990, p. 393).

Nas sociedades sem escrita, não há dificuldades objetivas na memorização integral, palavra por palavra, mas também o fato de que "esse gênero de atividade raramente é sentido como necessário"; "o produto de uma rememoração exata" aparece nestas sociedades como "menos útil, menos apreciável que o fruto de uma evocação inexata" (Goody, *apud* Le Goff, 2013, p. 393).

Nesse contexto, o elemento mais crucial é a narrativa, ou o que é chamado de "comportamento narrativo", que desempenha um papel extremamente importante na sociedade. Isso ressalta a importância dos "especialistas da memória" ou "homens-memória", figuras que transcenderam diferentes épocas e se tornaram imortalizadas na sociedade, mesmo com o advento da escrita, da era eletrônica, digital, da cibernética e das interações virtuais.

A introdução da escrita e, conseqüentemente, da imprensa, provocou uma série de mudanças nas sociedades, exercendo uma influência significativa na memória coletiva. Le Goff destaca algumas dessas mudanças, como a adoção do "monumento comemorativo" que solidifica celebrações e comemorações. Além disso, ele menciona a forma de memória relacionada à escrita, que é o documento escrito em um suporte especialmente destinado para isso. Essa evolução da sociedade com a introdução da escrita e da epigrafia não apenas trouxe mudanças sociais, mas também possibilitou a reorganização e a reedição do que foi registrado.

Portanto, nesse processo evolutivo, há muito a ser discutido, porém, neste momento, nos concentraremos na declaração de Leroi-Gourhan, citada por Le Goff, ao enfatizar que a evolução da memória, vinculada ao surgimento e à disseminação da escrita, está intrinsicamente ligada ao desenvolvimento social, especialmente ao crescimento das áreas urbanas.

Com o rápido e desordenado crescimento dos centros urbanos, juntamente com o avanço do progresso social, tecnológico e midiático, a memória urbana necessita urgentemente de registros, tornando-se uma verdadeira identidade coletiva e comunitária.

2.3 TEXTO E RETEXTUALIZAÇÃO: INTERAÇÃO ENTRE ARTEFATOS TEXTUAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Consideramos a retextualização como um processo de suma importância para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Isso se deve ao fato de ela propiciar uma visão mais aguçada sobre o texto, tanto no que se refere à leitura quanto à escrita. Além disso, as atividades dessa natureza permitem a validação do conhecimento dos discentes acerca das práticas de linguagem que fazem parte do seu cotidiano.

A abordagem sobre retextualização permite-nos observar suas várias facetas, visto que ela se relaciona com outros conceitos importantes no que diz respeito ao trabalho com gêneros textuais. Nesse sentido, podemos afirmar que desenvolver processos de retextualização consiste em lidar com questões de letramentos, multiletramentos e interacionismo sociodiscursivo (ISD), pois esses segmentos precedem a realização de atividades de tal natureza. Diante disso, discorreremos sobre os processos em pauta com o intuito de associá-los a esses outros fenômenos.

Vale ressaltar, *a priori*, que o desenvolvimento da retextualização percorre vários caminhos concernentes às modalidades de uso da linguagem que temos. Marcuschi (2001) apresenta algumas possibilidades de realização dessas atividades na transformação de uma modalidade para a outra, como da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita. Na perspectiva adotada pelo autor, então, a retextualização consiste na transformação de uma modalidade para outra, como ocorre na passagem de um texto oral para um texto escrito, no caso de uma entrevista oral para uma entrevista impressa, por exemplo.

Contudo, a retextualização vai além das questões inerentes à transformação de uma modalidade em outra, visto que ela ocorre na mesma modalidade, isto é, podemos transformar um gênero escrito em outro, como apresenta Dell'Isola (2007). Da mesma forma, podemos nos valer das questões concernentes à multimodalidade discursiva para a realização desses processos, tomando como base no que Rojo (2012) nos mostra, pois há a possibilidade de retextualizar um determinado texto, mediante o uso das tecnologias. Em outras palavras, há várias possibilidades de trabalho nessa perspectiva, a depender do propósito que se tenha para a abordagem textual, tanto em relação ao texto base como em relação ao texto final.

Realizadas essas considerações, temos subsídios para tratar das questões relativas aos letramentos, multiletramentos e ISD, com vistas ao desenvolvimento da retextualização.

No tocante à relação entre retextualização e letramentos, temos como premissa a ideia de que os últimos oferecem condições para que possamos transformar os gêneros textuais em

outros textos, de outras modalidades, em seus mais variados suportes. Como nos diz Soares (2014), letramento diz respeito à nossa condição de fazer uso das habilidades de leitura e escrita que adquirimos ao longo da vida. Vale dizer que essas habilidades não se referem apenas àquelas que adquirimos no ambiente escolar, pois no cotidiano muito se aprende nas práticas linguageiras que fazem parte do contexto social de cada indivíduo.

A autora trata também da importância em diferenciarmos o letramento em sua dimensão individual do letramento em sua dimensão social. O primeiro diz respeito ao domínio que se adquire em relação à tecnologia escrita, principalmente, para fins de codificação e decodificação, muitas vezes sem levar em conta questões inerentes ao uso social da língua.

Por outro lado, no que se refere à dimensão social do letramento temos a ideia de que, nessa vertente, o fenômeno em questão possibilita aos sujeitos a capacidade de atuarem com mais criticidade em seu meio, mediante o uso da língua. Em outras palavras, não se valem apenas do conhecimento abstrato da língua, mas sim fazem uso dela com vistas à defesa de sua ideologia e de seu lugar no mundo, enquanto sujeitos de discurso.

Nessa esteira, Street (2014) é quem norteia as ideias em voga sobre letramento, ao apresentar a diferença entre letramento autônomo e letramento ideológico, na linha de pensamento explorada pela autora citada. Ressaltemos, ainda, a abordagem do autor, no sentido de que a agenda do letramento não diz respeito apenas ao universo escolar, pois, assim como já dizia Kleiman (1995), há várias outras agências de letramento que fazem parte do universo dos sujeitos enquanto usuários da língua.

Dessa forma, o trabalho com letramento não pode ser feito de modo pedagogizante, como diz o autor. Essa pedagogização diz respeito ao fato de que, geralmente, o letramento escolar é privilegiado em detrimento a outros letramentos sociais, como o familiar, por exemplo.

Esse contexto de letramento que se instala no ambiente escolar está relacionado à ideia, equivocada, de que a escrita é modalidade superior à fala. Rojo (2013) diz que “[...] as propostas escolares de letramento ignoram e ocultam as formas sociais orais em favor, decididamente, das formas escriturais. [...]” (Rojo, 2013, p. 16).

Nesse contexto, no quadro relativo ao letramento percebe-se a importância do desenvolvimento dos processos de retextualização em sala de aula. Isso se deve ao fato de que os textos dos quais os alunos têm conhecimento devem servir de referente para o trabalho com outros textos. Por isso, podemos dizer que realizar uma abordagem sobre determinados gêneros consiste em uma ação exitosa quando levamos em conta os níveis de letramentos dos alunos e,

consequentemente, fomentamos a visão de que os textos não são produtos acabados. Com esses termos, podemos nos valer do seguinte:

A busca de um referente textual pré-existente faz parte da dinâmica constitutiva de cada um dos textos com que interagimos diariamente. Desse modo, é possível que um mesmo tema seja apresentado por meio de diferentes gêneros textuais, assim como são recriados novos textos, os quais podem se modificar, se transformar, sem nunca deixarem de conter elementos de textos precedentes, seja de maneira explícita ou implícita (Dell’Isola, 2007, p. 38).

Diante do exposto pela autora, podemos relacionar a ideia de retextualização ao conhecimento dos discentes acerca do mundo letrado, o que possibilita a realização exitosa desse tipo de atividade. Em outras palavras, a retextualização é viabilizada a partir do conhecimento acerca de outros textos, que têm como referência um texto base a ser transformado.

O desenvolvimento dos processos de retextualização também nos remete às ideias sobre multiletramentos, que são de grande valia para a transformação textual. No contexto atual, o uso a tecnologia tem se tornado algo bastante habitual por parte dos alunos, o que nos encaminha para atividades pedagógicas que contemple o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e para a contemplação das várias semioses que envolvem os gêneros textuais.

Os multiletramentos estão pautados na ideia de que a construção e a compreensão acerca de gêneros são permeadas por uma multiplicidade de linguagens. Segundo Rojo (2012), isso se deve ao fato de que as práticas letradas, que caracterizam os diversos tipos de letramentos, fazem parte de uma multiplicidade cultural em que se constroem textos com uma multiplicidade semiótica em prol da comunicação entre os indivíduos. Dessa forma, podemos dizer que o texto é composto por uma hibridização consequente da multiplicidade de linguagens presentes nos textos em circulação. Com base na autora citada, percebemos a importância dessa visão sobre os textos, visto que eles são “[...] compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (Rojo, 2012, p. 19).

As práticas multiletradas contribuem, dessa forma, para o processo de transformação textual, pautado nas ideias de retextualização. Como já adiantamos, além da transformação textual de uma modalidade para outra há outras possibilidades, como a transformação de um texto escrito em um texto fílmico, cuja natureza caracteriza a multimodalidade presente nos multiletramentos.

No tocante ao ISD, podemos destacar a ideia de que ele trata das possibilidades de construção textual, a partir do conhecimento sócio historicamente produzido por parte dos alunos. De acordo com Baltar *et al* (2006), há uma arquitetura, isto é, um conjunto de textos o qual dominamos e, a partir dele, temos subsídios para participar de práticas de linguagem, dada a possibilidade de (re) semiotizar as ações de linguagem com as quais lidamos cotidianamente.

Com isso, é importante ressaltar a necessidade de interação entre o conhecimento de mundo dos alunos em relação ao material textual trabalhado na escola. Bronckart (2006) aponta duas facetas que compõem as atividades de linguagem enquanto práticas sociais. Para o autor, a linguagem é composta de um viés psicológico, que é de natureza individual e um viés sociológico, de natureza social. Nesse sentido, podemos dizer que é partir do encadeamento desses dois vieses que a competência discursiva se desenvolve.

O autor afirma, também, que para a contemplação do ISD a prática de textos concorre para o desenvolvimento das mediações inerentes às ações de linguagem. Por isso, podemos dizer que a prática da retextualização consiste em um produto oriundo das ações significantes de linguagem propostas pelo ISD, na manutenção e ampliação do arquitetura dos indivíduos.

Diante do cenário apresentado, acerca da relação entre retextualização e o quadro teórico citado, temos que o desenvolvimento de atividades dessa natureza consiste na contemplação dos gêneros textuais como objetos de interação e sentido, produzidos e transformados com base na competência discursiva dos sujeitos. Assim, podemos ampliar tal competência a partir do estreitamento dessas relações.

Diante da evolução acerca da abordagem sobre texto, sabemos da necessidade de o promovermos a seu estatuto de elemento central para o ensino de língua. Na perspectiva da linguística textual, por exemplo, Pimenta e Santos (2017) apresentam a ideia relacionada à Teoria do Texto, em sua fase que propõe a investigação acerca de alguns aspectos do texto, como o seu funcionamento, produção e compreensão, a partir de uma visão pragmática, considerando-o como unidade de comunicação e interação. Vale dizer, ainda, que os mesmos autores tratam o texto como um lugar de diversas semioses que se recontextualizam, cocontextualizam em prol da produção de significados.

A partir dessas considerações, podemos dizer que o texto consiste em um processo de transformação, significação e ressignificação, a partir da interação social, nos diversos ambientes discursivos onde ele é posto para práticas de comunicação dos indivíduos. Nessa perspectiva, Koch (2010) nos diz que não construímos *o sentido* para o texto, mas sim *um sentido* dentre vários outros, que dependerão de aspectos diferenciados, diante do conhecimento que se tem sobre um dado texto.

Em outras palavras, a autora diz o seguinte:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido (Koch, 2010, p. 30).

Diante disso, entendemos que o desenvolvimento da competência discursiva deve estar baseado na visão do texto enquanto uma entidade complexa, que contempla diversos aspectos, tanto de natureza linguística como de natureza extralinguística. Da mesma forma, ela é associada ao uso e, conseqüentemente, à interação, que é responsável pela produção de sentidos.

Nesse âmbito, evidenciamos a relevância dos processos de retextualização para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Isso deve ao fato de as atividades nessa perspectiva fomentarem a interação entre os textos trabalhados na escola e conhecimento textual que faz parte da bagagem dos discentes.

A retextualização, na perspectiva de Dell’Isola (2017), tem como objetivo a transformação de gêneros escritos, visto que a autora traz à tona uma problemática referente ao desafio relacionado ao trabalho com escrita em sala de aula. Dessa forma, a proposta apresentada por ela tem como base a ideia de que “[...] os conhecimentos da língua portuguesa sirvam para o uso, para leitura e produção de texto de modo que os alunos se apropriem desses conhecimentos para realizarem tarefas de escrita, necessárias para a interação sociocomunicativa” (Dell’Isola, 2007, p. 29).

Como podemos observar, há a perspectiva da escrita enquanto um processo de interação social. Por isso, podemos complementar essa ideia com as palavras de Koch e Elias (2017), ao dizerem o seguinte sobre a escrita: [...] é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori* (Koch; Elias, 2017, p. 35).

Apesar do foco da retextualização em relação ao processo de escrita, é importante ressaltar os aspectos concernentes à leitura e compreensão dos textos, de forma que os processos dos quais nos referimos sejam desenvolvidos com eficácia.

Logo, a nosso ver, outro ponto importante a ser explorado em relação ao desenvolvimento dos processos de retextualização diz respeito ao seu aspecto relacionado à necessidade de compreensão. Nesse sentido, podemos dizer que a atividade de retextualizar somente se torna possível ao perpassar por esse estágio. Marcuschi (2001) já reiterava isso:

Há nestas atividades de retextualização um aspecto geralmente ignorado e de uma importância imensa. Pois para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente *compreender* o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão* (Marcuschi, 2001, p. 47).

Diante desses aspectos, podemos dizer que retextualizar um texto consiste na execução de tarefas não só de escrita, mas também de leitura. Nesse contexto, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas a essas duas modalidades e aprimoram a sua competência discursiva, além de perceberem as diversas possibilidades de tratamento textual, se levarmos em consideração o aspecto multimodal de alguns textos.

Vale dizer, também, que a retextualização é proveniente da relação entre, no mínimo, dois textos: o texto-base e o texto-final. Com isso, temos a interação entre o conhecimento de mundo que se tem acerca de outros textos e o texto que é foco de análise para o desenvolvimento dos processos de retextualização. Isso possibilita, ainda, a ressignificação dos textos e a ampliação de sentidos, haja vista produzirmos um outro gênero, sob uma nova ótica textual.

Por fim, Dell'Isola (2007) defende a importância desses processos porque tratam o texto com uma entidade interdependente em relação a outros textos, o que é essencial para a sua existência. Por conta dessa relação, o texto consiste em artefato que está sempre em construção, pois se modifica conforme o processo de interação do qual faça parte, o que promove, consequentemente, a construção de sentidos.

3 TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e a experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida.

(Antonio Chizzotti, 2018, p. 10)

Aqui traçamos o percurso dos procedimentos metodológicos ancorado às postulações teóricas que nortearam o desenvolvimento deste estudo, conforme os direcionamentos da pesquisa científica. Nesse intuito, apresentamos os tópicos que compõem essa metodologia: I. *Caracterização da pesquisa*. II. *Lócus e participantes envolvidos*; III. *Instrumentos para coleta de dados*; e IV. *Procedimentos para levantamento e análise dos dados*.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa é uma investigação para a elaboração e reflexão de um dado problema, a fim de chegar a certo conhecimento. Prodanov e Freitas (2013) afirmam que a pesquisa é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa.

É válido salientar que o conhecimento acerca de toda pesquisa se origina de um questionamento basilar, isto é, “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (Minayo, 2016, p. 16). Em oposição, não devemos pensar a pesquisa distante de sua dimensão prática, por configurar um fenômeno que visa *pensamento e ação*. Em específico, debruçando sobre o campo educacional, a atividade investigativa corrobora para uma ação de ensino centrada na compreensão e no enfrentamento dos dilemas no cenário contemporâneo.

Alicerçado nessa premissa, cabe assumir a posição de docente pesquisador quanto à prática da formação de processos referenciais nos anos finais do Ensino Fundamental. Segundo explica Demo (2011, p. 54-55), se a pesquisa compreende a razão do ensino, o ensino também consiste na razão da pesquisa; o professor pesquisador, nessa esfera, deve estar consoante às exigências elencadas a seguir:

- a) a primeira será a exigência de pesquisa;
- b) deve possuir domínio teórico, para ser capaz de discutir alternativas explicativas da realidade, e de elaboração teórica própria;
- c) deve possuir habilidade de manuseio de dados empíricos, para dispor desse expediente de contraste com a realidade;
- d) deve possuir versatilidade metodológica, como instrumentação essencial para discutir ciência, preferir e construir versão própria;
- e) deve possuir experiência prática, chamando à cena também a questão da sua cidadania (qualidade política), como sujeito social, para quem nada é neutro, muito menos ciência;
- f) deve ser capaz de descobrir relações dadas na realidade, bem como de criar espaços alternativos de compreensão e intervenção;
- g) deve ser capaz de estabelecer atitude de diálogo com a realidade, alimentando processos emancipatórios na sociedade através do questionamento produtivo na teoria e na prática, atingindo a pesquisa como princípio educativo também;
- h) precisa ser construtor de conhecimento e agente de mudanças na sociedade.

Em síntese, a diferença apresentada, nesse cenário, é que o docente que se propõe a pesquisar seus pares tem “[...] seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46). Sob essa perspectiva, esse estudo sustenta-se nos direcionamentos teóricos de que as memórias, enquanto narrativas orais, são instrumento para aperfeiçoar as habilidades de oralidade e de escrita, uma vez que favorecem inúmeras realizações da linguagem sociointeracional, por meio do contato entre gerações diferentes e permite o construto de uma aprendizagem sólida através das práticas discursivas sobre as memórias de um povo e dos traços de sua identidade cultural.

Partindo dessa perspectiva, essa pesquisa decorre da sua particularidade – a formação de processos de construção da identidade e história local, por meio de relatos de experiências e atividades de criação de memórias, em uma escola da zona rural do sertão da Paraíba – para o geral – contexto de pesquisas e práticas sobre ensino de textos discursivos em suas diversas semioses, visando o aperfeiçoamento da oralidade e da escrita na educação básica.

Foi no *âmbito da escola* que foi despertado o interesse pelo estudo das memórias como fonte para o desenvolvimento de narrativas orais em suas diferentes possibilidades de produção, mediante um fenômeno a ser estudado como fomento às especificações de textos impressos a enunciação. Isto é, partimos de uma *observação* e, por meio desta, nos atentamos a uma *experimentação* para aclarar as nuances elementares dessa pesquisa.

Quanto à natureza dessa pesquisa, trata-se de uma pesquisa aplicada, tendo em vista que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). O que implica dizer que seu interesse está

diretamente ligado a sua “aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos”, conforme Gil (2008, p. 27). Essa abordagem se alicerça pelo fato dessa investigação se apoderar, majoritariamente, de questões alusivas à compreensão, buscando interpretação e reflexão sobre as práticas de enunciação que constitui fenômeno primordial para a coesão do texto – mobilizadas pelo trabalho com gêneros discursivos, especialmente, com memórias, enquanto narrativas orais.

Desse modo, a presente pesquisa também é de abordagem qualitativa, uma vez que é entendida como uma caracterização da relação que se dá entre o mundo real e a subjetividade do sujeito, sendo analisada por meio de conhecimentos teórico-empíricos que permitem a cientificidade. Sobre isso, Prodanov e Freitas (2013) afirmam que

[...] a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (p. 70).

Para Minayo (2016, p. 20-21), a pesquisa qualitativa constitui-se como a que se atenta a dar respostas peculiares a diversas questões, e ainda:

Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Sob a ótica de Minayo (2016), que salienta a pesquisa como *uma criação laboral*, realizada por uma linguagem baseada em concepções, proposições, métodos e técnicas, essa investigação se norteia de acordo com um *ciclo de pesquisa*, composto pelas seguintes etapas: *exploratória* (delimitação preambular do objeto, teoria e metodologia segundo o trabalho de campo); *trabalho de campo* (levantamento dos materiais, aplicação do instrumento e coleta dos dados) e o *tratamento dos dados* (ordenação, classificação e análise).

Fundamentados pelo referencial teórico apontado nesse estudo, buscamos firmar um diálogo científico entre a pesquisa e as possíveis interrupções/lacunas referentes à temática aqui abordada. Nessa linhagem metodológica, essa pesquisa se define, quanto aos procedimentos,

como Pesquisa de Campo Participante, pois evidenciamos a sala de aula como um ambiente de *ação-reflexão-ação* para as vivências em torno da enunciação de textos, no processo de oralidade e escrita, subsidiada com recursos disponibilizados pela docente. É uma pesquisa participante porque ocorreu no cenário escolar, nas turmas do 9º (nono) ano do Ensino Fundamental (a qual a pesquisadora é professora titular de Língua Portuguesa), que procedeu nosso objeto de estudo, com o intento de aplicar o plano de ação para uma posterior análise e reflexão sobre a nossa prática docente.

Prodanov (2013, p. 59) conceitua a pesquisa de campo como:

Aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

Corroborando com tal ponto de vista, Severino (2013, p. 120) assinala que a pesquisa participante:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Nesse viés, a partir da observação participante, elencamos as necessidades dos alunos do 9º ano do EF objetivando constituir, segundo a realidade deles, a elaboração da proposta de intervenção. Tal proposta, portanto, aspira contribuir para a formação dos processos referenciais, mediante a produção de gêneros diversos, em especial, memórias e narrativas orais, na escola.

Quanto aos objetivos, aponta-se para uma pesquisa explicativa. Segundo Prodanov (2013), o objetivo do pesquisador consiste em explicar o porquê das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados. Assim, sobre a pesquisa explicativa, Gil (2008, p. 28) afirma que:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

O universo da pesquisa é constituído por vinte e cinco produções textuais de alunos das turmas do 9º ano da EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, situada na comunidade do Núcleo Habitacional II, zona rural de Sousa-PB. A escrita foi realizada por meio do relato coletado durante as entrevistas com os vinte e cinco idosos, as quais tiveram um roteiro estruturado pela pesquisadora. Deste universo, quatro produções formaram o *corpus* da pesquisa, o qual se estabeleceu a partir de uma triagem científica devido à quantidade de textos produzidos.

Partindo das proposições, definimos o desenho da pesquisa conforme figura abaixo:

Figura 3 – Desenho metodológico da pesquisa



Fonte: Elaboração própria, 2022.

3.2 LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

Quanto ao macroespaço, a pesquisa foi realizada na Comunidade Núcleo Habitacional II, Perímetro Irrigado de São Gonçalo, município de Sousa, sertão do Estado da Paraíba. Com a ausência de uma historiografia, as informações constatadas se deram pelo viés da oralidade,

por meio de diálogos com moradores mais antigos da localidade, com uma das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) e com uma funcionária aposentada do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Segundo dados do DNOCS, a comunidade foi implantada em 1972, mas fora oficialmente reconhecida como agrovila a partir do ano 1973, quando os primeiros colonos receberam suas terras e casas e fixaram-se como moradores e proprietários de lotes agrícolas, de onde extraíam sua fonte de sustento. Sobre o quadro populacional, uma das ACS relatou que no último cadastramento das famílias no site federal do Sistema Único de Saúde (SUS), a comunidade constou com um total de 1927 habitantes, atestando o seu crescimento.

Também é válido ressaltar que, ao longo dos anos, a comunidade se tornou a mais desenvolvida do perímetro. O local conta com uma Unidade Básica de Saúde; seis espaços religiosos, sendo um católico e cinco evangélicos; duas escolas, uma estadual e outra municipal, sendo a primeira escola o microespaço desse estudo; além de mercadinhos e outros pequenos comércios. No que diz respeito ao lazer e a cultura, possui apenas uma quadra poliesportiva, onde acontece práticas esportivas e outros tipos de eventos, duas pequenas praças e três simples lanchonetes. Dessa forma, a escola é o único espaço fora do convívio familiar responsável pela formação intelectual e cultural das crianças e jovens

Figura 4 – Comunidade Núcleo Habitacional II- Sousa/PB



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Conforme já sinalizamos, constituiu o microespaço da presente investigação a EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, localizada no Núcleo Habitacional II, na zona rural do

município de Sousa – PB, instituição em que a pesquisadora atua há catorze anos como professora de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos.

Figura 5 – EEEFM Prof.^a Dione Diniz O. Dias



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

3.2.1 Conhecendo a escola

Figura 6 – Local da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Em 1975, o DNOCS, para atender às necessidades educativas dos filhos dos colonos, fundou o grupo Escolar Francisco Edmundo de Sousa Melo. Atualmente, a instituição é

reconhecida por EEEFM Prof.^a Dione Diniz O. Dias, vinculada ao Governo do Estado da Paraíba e abrange todas as etapas do Ensino Básico para a formação dos discentes. Recebeu esse nome em homenagem à docente Dione Diniz O. Dias que, posteriormente, assumiu a vice-direção da escola, falecendo no ano de 1990.

A Escola atende a alunos residentes na comunidade e na circunvizinhança. Oferece no turno matutino turmas do 5º ano do Ensino Fundamental e as do Ensino Médio (1ª a 3ª série); no período vespertino, os anos finais do EF (do 6º ao 9º ano); e, à noite, a Educação de Jovens e Adultos, Ciclos iniciais e finais, oferecendo, para aqueles que não concluíram seus estudos, oportunidades para voltarem a estudar. O ensino é pautado em séries anuais, contendo a carga horária mínima de oitocentas horas/aulas, distribuídas, no mínimo, em duzentos dias letivos conforme o regimento educacional e o que determina a LBD. Cada aula tem duração de 40 a 45 minutos, dependente do turno de atividade nesta unidade escolar.

Quanto à distribuição e quantidade de alunos, a instituição possui, atualmente, 2 (duas) turmas do 5º ano do EF (anos iniciais) e 8 (oito) turmas dos anos finais do EF, 6 (seis) turmas do EM e 3 (três) turmas da EJA, totalizando 299 alunos matriculados. Desse total, 128 (cento e vinte e oito) alunos estão no turno matutino, 141 (cento e quarenta e um) alunos no turno vespertino e 30 (trinta) no turno noturno.

A escola funciona nos turnos matutino das 07h00min às 11h40min; vespertino das 13h00min às 17h40min; e noturno, das 18h30min às 21h40min, segundo as citadas modalidades de ensino. O quadro docente é constituído por 24 educadores, dos quais 10 pertencem ao quadro permanente, em caráter efetivo, e os demais na condição de prestação serviço. Todos estão em pleno exercício de sala de aula e possuem nível superior completo, na sua grande maioria cursado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Praticamente, quase todos os docentes possuem curso de pós-graduação *Lato Sensu* (especialização) ou pós-graduação *Strictu Sensu* (mestrado).

A equipe administrativa e pedagógica é formada por um núcleo gestor, sendo 1 gestor, 1 secretária e 2 coordenadoras pedagógicas. A escola também conta com 17 funcionários, dentre eles, 1 agente administrativo, de caráter efetivo, e os demais ligados ao setor terceirizado, sendo eles 1 auxiliar administrativo, 2 auxiliares de biblioteca, 1 inspetor, 1 cuidador, 2 porteiros, 2 vigias, 4 auxiliares de limpeza e 3 merendeiras.

Quanto à estrutura física, o recinto escolar possui 9 salas de aulas, uma sala de professores, uma diretoria, uma secretaria, uma cantina, dois depósitos, nove banheiros, sendo três para uso dos funcionários e professores, dois pátios para recreação, uma biblioteca e uma sala de vídeo que também funciona como o laboratório de robótica e local para guardar os

materiais do laboratório de Matemática.

A Escola também possui laboratório móvel de informática, com 15 netbooks, 2 data show, 12 TVs, das quais 10 foram concedidas diretamente pelo governo como incentivo para a diversificação das aulas; duas impressoras, para garantir a reprodução de material xerografado e acesso à internet, para atender às necessidades escolares básicas. Ligada à escola, tem-se uma quadra de esportes externa, reformada atualmente pela gestão municipal, que funciona como espaço adequado para as aulas de Educação Física e demais eventos realizados pela instituição. Também têm aulas de repercussão musical como instrumento para a inserção social dos alunos. Podemos caracterizar a escola como uma entidade em bom estado de conservação, de porte médio, sem apresentar problemas aparentes com os aspectos físicos e materiais que a constitui.

O planejamento escolar acontece semanalmente, por área de conhecimento, junto à equipe administrativa e pedagógica, e as reuniões entre pais e mestres são feitas ao término de cada bimestre. Nos encontros de departamento, para discussão das pautas administrativas e projetos da instituição, a equipe de coordenação toma a responsabilidade de gerenciar o planejamento pedagógico escolar para que sejam programadas e cumpridas as metas estabelecidas para o ano letivo em curso.

Em relação à sala de leitura (biblioteca), há na escola um registro oficial do acervo e da quantidade de livros disponíveis, as obras estão acomodadas por gêneros nas prateleiras da biblioteca, o que facilita o acesso a um título específico ou à seleção de textos de um mesmo segmento. O espaço tem a supervisão de dois profissionais para um controle regular do empréstimo de livros, assim, os exemplares disponíveis pela escola são devolvidos com prazo marcado, facilitando o manuseio de obras diversas para os momentos de leitura em sala de aula.

Concernente ao perfil socioeconômico, segundo disposto no Projeto Político Pedagógico da Escola (2022), a escola Dione Diniz, pertencente à zona rural, recebe alunos de outras comunidades rurais próximas, a citar Sítio Matumbo, Sítio Quandu e Núcleo Habitacional III, com predomínio de um alunado filhos ou netos de agricultores que moram no campo ou de pessoas que trabalham na comunidade e na sede da cidade de Sousa-PB. A maioria das famílias são beneficiadas com programas de assistência social, como o Bolsa Família. Ressalta-se também que os alunos vivem sob a responsabilidade dos pais ou outros familiares.

Acerca do acompanhamento ao desenvolvimento da vida escolar dos filhos, percebe-se, que não é feito satisfatoriamente, pois alguns pais só frequentam a escola quando são convidados pela gestão. Outro ponto em questão é a falta de conhecimento escolar adequado para este acompanhamento. É notória a ausência de acompanhamento de alguns pais quanto à vida estudantil dos alunos, o que tem preocupado a escola, que procura desenvolver algumas

ações visando à participação da família, sobretudo, nos eventos escolares, com o propósito de impulsionar a integração dos pais e responsáveis no processo de aprendizagem de seus filhos, fato que se tornou um dilema após a pandemia da Covid-19.

Outra questão que vale pontuar diz respeito aos resultados das avaliações externas. A EEEFM Prof.^a Dione Diniz O. Dias apresenta como principais objetivos para o Ensino Fundamental e Médio superar os índices insuficientes dos alunos na fluência em leitura e escrita, para que os estudantes se tornem leitores e produtores eficientes, críticos e autônomos, frente ao processo de alfabetização na educação básica. Além disso, a instituição busca acompanhar sistematicamente a evolução da aprendizagem dos estudantes regularmente matriculados; planejar e implementar as intervenções pedagógicas necessárias para cumprimento das finalidades do Projeto Político Pedagógico.

Somado a essas situações, temos também a necessidade dos alunos se reconhecerem como membros integrantes da comunidade onde vivem, para que, interagindo com os que os cercam, possam construir pontes significativas entre a escola e a comunidade. De modo que as práticas escolares se atualizem e reflitam uma aprendizagem em que os alunos se reconheçam como agentes construtores de sua história e valorizem suas origens e laços familiares, para ter respaldo significativo no ensino.

Os objetivos explanados reportam-se a uma das competências específicas para a Área de Linguagens no documento normativo da BNCC, de modo que também se articulam com as pretensões dessa investigação, ou seja, promover a aprendizagem da enunciação por meio da oralidade e da escrita de gêneros textuais, a citar *Memórias e Narrativas Oraís*, considerando todo o contexto de vivência do aluno para que ele se torne protagonista da sua aprendizagem.

3.2.2 Os participantes

A turma do 9º ano do Ensino Fundamental, grupo-alvo para o desenvolvimento dessa pesquisa, contou com 30 alunos, no entanto, desse total participaram 25 (vinte e cinco) alunos, sendo 15 (quinze) meninas e 10 (dez) meninos, matriculados no turno vespertino. No tocante à faixa etária, os alunos possuem em média entre 14 e 17 anos. A escolha da turma resultou da necessidade de aplicação da proposta ser no Ensino Fundamental e por ser uma série propícia para a abordagem do gênero foco da pesquisa. Desse modo, a amostragem apresentada é não probabilística e por conveniência (Gil, 2012). Evidencia-se que esse tipo de amostra, muito utilizada em estudos qualitativos, requer do pesquisador a seleção de “[...] elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam [...] representar o universo” (Gil, 2012, p. 94).

Também contamos com a participação de 25 idosos, colonos assentados na comunidade entre os anos de 1970 a 1989. Destes, 21 são do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades entre 68 a 86 anos; a maioria, analfabetos ou que sabem apenas escrever o nome. Todos os participantes são aposentados como agricultores pelo INSS, porém, alguns ainda exercem atividade agrícola nos lotes que foram recebidos pelo DNOCS. A pesquisa foi conduzida de forma próxima e cuidadosa, com a pesquisadora acompanhando pessoalmente cada uma das entrevistas realizadas com os idosos, garantindo assim um processo de coleta de dados sensível e rigoroso.

Os colonos vieram de lugares variados da região, eles contribuíram e contribuem para o crescimento da comunidade local, principalmente, o agrícola do Perímetro Irrigado de São Gonçalo. Eles desenvolveram o plantio de feijão, arroz, banana, coco – sendo este uma das principais produções e fontes econômicas da região – entre outros cultivos básicos, bem como a criação de vacas, porcos, ovelhas e galinhas.

Um ponto a ser considerado neste subtópico é o grau de familiaridade existente entre os sujeitos. Considerável parte dos idosos são avós, tios, vizinhos ou conhecidos dos alunos, fato que favoreceu o desenvolvimento da pesquisa e a aproximação do contato geracional através das narrações contadas pelos idosos e escutadas pelos alunos. Foi perceptível, durante as entrevistas, o encantamento dos alunos por ouvir a história dos seus antepassados, assim como também foram observadas e descritas pelos próprios idosos a alegria e a satisfação de participarem da pesquisa e poderem relatar suas árduas experiências e vivências.

Na figura 7, podemos verificar o registro da participação de nove dos vinte e cinco idosos entrevistados pelos alunos, acompanhados pela pesquisadora.

Figura 7 – Alguns participantes da pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados gerados para a análise de uma pesquisa consistem em peças importantes da investigação, uma vez que nesse processo o investigador associa as bases necessárias para elucidar as questões norteadoras da pesquisa e para alcançar os objetivos traçados para esse fim. Para Demo (2009, p. 139), pesquisar com o aporte de dados compreende que estes não estão *dados*, mas, eles afiguram “artifícios metodológicos de interpretação, sempre seletivos, localizados e datados, construções mentais”.

Assim sendo, a observação participante ocorreu no desenrolar da pesquisa, na medida em que oportunizamos o nosso contato com a turma alvo, visto que atentamos para a adaptação de algumas propostas, objetivando atingir o efetivo desenvolvimento das atividades aplicadas. Sabendo disso, compreendemos que esse instrumento é

[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o pesquisador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (Minayo, 2016, p. 64).

Nesse âmbito, o diário de campo, segundo Minayo (2016), corresponde ao principal instrumento de trabalho de observação, um arquivo escrito pelo pesquisador, que contém todas as informações que não compõem o material formal das entrevistas, por exemplo, de modo a detalhar outros ângulos e aspectos que serão usados na análise qualitativa.

A escolha pela *observação participante* e *diário de campo* como instrumentos desse estudo ocorreu em consonância com a proposta de trabalho assinalada pelo PROFLETRAS, que focaliza a elaboração e aplicação de um projeto interventivo no ano/série em que o pesquisador atua como docente de Língua Portuguesa. O diário de campo permite a realização de anotações e reflexões sobre o fazer pedagógico, (re)pensando acerca das incursões e fascínios que a oralidade e escrita adunem.

O desenvolvimento de um plano de intervenção estava previsto na elaboração do projeto de pesquisa, em função do Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS “ter como foco/tema/objeto de investigação um problema da realidade escolar e/ou da sala de aula do mestrando no que concerne ao ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa no

Ensino Fundamental” – orientações das Diretrizes para a Pesquisa do Trabalho Final no Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS.

Para tanto, selecionamos o gênero *Memórias*, enquanto Narrativas Oraís, em virtude também deste afinar-se como uma proposta de trabalho diversificada, o que possibilitou o contato com a produção linguística e a replicação de textos discursivos, a partir da construção e de registros de memórias, nos anos finais do Ensino Fundamental. Na intenção de trabalhar essa proposta, selecionamos um recorte de textos do gênero apontado, os quais foram xerografados e levados para a sala, para a realização de atividades discursivas. Também utilizamos um recorte das falas dos colonos entrevistados para favorecer o elo comunicativo e, a partir delas, reconhecer a importância das lembranças no processo de escrita e releitura da história local para que esta não se perca no tempo, firmando nossa identidade.

Para tanto, utilizamos como instrumento para coleta de dados uma *sequência de oficinas didáticas* que contemplou atividades direcionadas aos alunos, para o aprimoramento das habilidades de oralidade e escrita. Dentre as quais estão: apresentação do gênero *Memórias*, suas características, finalidades e contextos de uso; roteiro de entrevista, para favorecer o contato interacional com os idosos; atividades de escrita, para registrar as narrativas oraís. Nesse instrumento de trabalho, constam as etapas detalhadas de como procedeu essa pesquisa. O referido instrumental encontra-se nos apêndices desse trabalho.

3.4 OS PROCEDIMENTOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS

Sucessivo ao delineamento do horizonte da pesquisa e os instrumentais, chega a vez de nos debruçarmos no tratamento dos dados, considerando as evidências dos materiais que foram produzidos no decorrer das vivências, as anotações do diário de campo e as produções elaboradas pelos alunos. No entanto, esses elementos não foram vistos como fins acabados, mas como uma forma de aclarar e ilustrar as perguntas e os objetivos propostos pela investigação. Essa ótica, portanto, exige uma leitura cautelosa, detalhada e consoante às perspectivas que fundamentam essa pesquisa, na finalidade de relacionar a prática da intervenção com as teorias basilares referendadas.

Por tais razões, desenvolvemos vivências textuais a partir do gênero *Memórias*, enquanto *narrativas oraís*, por conferir ao aluno uma experiência motivadora com a linguagem sociointeracional. Essa abordagem aproxima do universo de possibilidades da formação dos processos referenciais de oralidade e da produção escrita.

Devido à necessidade de levantarmos o *corpus* com a colaboração de sujeitos, adotamos uma postura ética com todos os cuidados necessários, submetendo a pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da HUAC, da Universidade Federal de Campina Grande/ *Campus* de Campina Grande – PB, seguindo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, aprovada pelo CAAE 57469622.0.0000.5182, parecer de número 5.477.301, para, assim, evitar que possíveis riscos atrapalhassem o desenvolvimento da pesquisa.

Momento inicial: foram realizados os procedimentos de práxis para a execução da pesquisa: recolhimento da Anuência Escolar, encaminhamento ao Comitê de Ética. Após isso, promovemos uma roda de conversa com os sujeitos participantes, a fim de orientar a importância desta pesquisa para o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas, bem como as contribuições para a formação indelével deles. No entanto, dos trinta e um alunos da turma, cinco deles optaram em não participar, o que foi respeitado. Nesse momento, foi respaldado a necessidade da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, além dos riscos que a pesquisa oferecia a eles, enquanto participantes. Em seguida, foram expostos os procedimentos metodológicos.

Para a coleta de dados e formação do *corpus*, a pesquisa foi executada de acordo com a aplicação da *Sequência de oficinas didáticas* (Apêndice A) conforme a descrição das etapas realizadas entre julho a dezembro de 2022, no intervalo de duas aulas semanais de 45 minutos.

A ETAPA 1 foi dividida em três momentos, considerando a dimensão da abordagem conceitual do objeto de estudo da pesquisa.

Momento 1: Conhecendo o gênero *Memórias*.

O trabalho partiu do objeto de estudo – *Memórias* – como instrumento para o desenvolvimento de práticas discursivas, por meio da oralidade e da escrita, na produção e registro de recordações e formação da identidade. Nessa fase, as atividades foram executadas na seguinte ordem:

- Roda de conversa sobre o gênero - momento de diagnose acerca do conhecimentos do gênero;
- Apresentação e aprofundamento do gênero e suas propriedades, com auxílio de apoio de material produzido em PowerPoint;

Momento 2: Compreendendo o gênero *Memórias*.

A pesquisadora aplicou atividades que discorreram sobre o aprofundamento e compreensão de enunciados voltados para esse gênero. Para esse momento, foram realizadas:

- Seleção dos textos: *Parecida mas diferente*, de Zélia Gattai; *Transplante de Menina*, de Tatiana Belinky; *O Lavador de Pedra*, Manuel de Barros; e *Memórias de livros*, de João Ubaldo.
- Rodas de leitura oral para compreensão, detalhamento e fixação do gênero, por meio de discussão textual considerando pontos convergentes entre os textos.
- Análise textual e reconhecimento dos elementos narrativos.

Para a aplicação, foi explorado o material PowerPoint, lousa e pincel e a seleção dos textos xerografadas para cada aluno.

Figura 8 – Procedimentos do momento 2 – Etapa 1



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Momento 3: *Memórias* no contexto escolar.

Para favorecer a produção de memórias no contexto escolar, estabelecendo uma ponte entre comunidade e escola, foram realizados os seguintes procedimentos:

- Exposição de fotos de eventos promovidos na escola e/ou comunidade, encontradas nos arquivos da instituição.
- Narração de alguns fatos vivenciados pela pesquisadora expostos nas fotos. Essa atividade favoreceu o encontro do passado com o presente da pesquisadora, desde o seu tempo de aluna na referida escola onde leciona. Essa atividade também proporcionou aos alunos o reconhecimento de alguns pais ou conhecidos.
- Produção de memórias orais dos alunos, que relataram fatos vivenciados por eles na sua infância.

Figura 9 – Procedimentos do momento 3 – Etapa 1



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Depois dessa aula, foi sugerido que, em casa junto a seus pais ou outro familiar, os alunos ouvissem a história de algum momento importante que os familiares viveram. A socialização das narrações aconteceu na aula seguinte e foi importante para criar elo com a próxima etapa.

No tocante à ETAPA 2, também foi dividida em três momentos para facilitar a execução das atividades, bem como para coletar os dados e analisá-los à luz das postulações teóricas desse estudo. Nessa etapa, foi abordado o gênero textual *Entrevista* para apropriar-se dos relatos orais dos idosos, como ferramenta para a valorização da memória social de um povo.

Momento 1: Gênero textual *Entrevista*.

Para essa fase, estabelecemos as seguintes técnicas:

- Apresentação do gênero *Entrevista* e suas propriedades (uso, estrutura, características, esfera) por meio de material PowerPoint.
- Seleção da entrevista realizada com *Maurício de Sousa*, para ampliar a apresentação e compreensão do gênero.
- Leitura discursiva e análise textual da Entrevista *Dorival vê o Flamengo refém do sucesso e defende estratégia de ter dois times: "Decisões corretas"*.
- Exposição do roteiro de entrevista produzido para a coleta de dados.
- Orientação dos procedimentos necessários que devem ser utilizados durante a execução de uma entrevista.

Momento 2:

O segundo momento dessa etapa ocorreu com o direcionamento docente. Para isso, estabelecemos os procedimentos para a coleta de memórias dos idosos mais antigos da comunidade.

- Leitura e orientação do roteiro de entrevista, preparado previamente.
- Seleção dos vinte e seis idosos. Esse procedimento foi realizado frente aos alunos em uma chamada com os nomes de cada idoso. No entanto, observamos que na seleção havia mais idosos que alunos. Então, realizamos um sorteio para igualar os alunos em pares. Selecionamos, como critério, a familiaridade ou proximidade.
- Organização e aplicação das entrevistas por ordem da rua onde o idoso morava. A fim de facilitar o andamento da pesquisa, as entrevistas aconteceram pela manhã e final de tarde, e foram gravadas com o auxílio de celulares.

Figura 10 – Aplicação das Entrevistas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Esse momento foi indispensável, uma vez que abriu os horizontes das práticas de oralidade/escuta entre os idosos, alunos e docente, trazendo uma riqueza de conhecimento linguístico, histórico e cultural. Em sala, foram discutidos os achados da coleta.

Momento 3: Registrando as *Memórias*

Nessa fase, delineamos o procedimento de escrita e apontamos a importância dessa habilidade da língua para o registro das narrativas, com o intuito de que elas perdurem e sirvam

como fontes de estudo posterior. Pois, em algum momento, a memória individual pode deixar de existir. Nessa direção, propomos:

- Apresentação do gênero *Relato de Memória* e suas propriedades (uso, estrutura, características, esfera) por meio de material PowerPoint;
- Seleção do texto *Pela Memória refaço a história* (texto baseado na entrevista feita com a senhora Vera Lúcia Bona), domínio público, e *As Mestras de Santa de Luzia*, de Francisco de Assis Melo para explorar e analisar os elementos do gênero encontrados nos textos;
- Relato de Memória da pesquisadora;
- Produção de Relato de Memória, como instrumento de preservação das narrativas orais.
- Análises coletivas como sugestões para a reescrita do texto, bem como orientações da docente sobre o uso funcional da gramática na estruturação dos textos.
- Reescrita dos relatos de memórias e leitura coletiva.

Figura 11 – Atividade de escrita/reescrita



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

A ETAPA 3 foi a mediadora entre a prática docente e o conhecimento discente. Nessa fase, foram analisadas as produções, à luz das postulações teóricas dessa pesquisa. Além disso, foi traçado, em conjunto com os alunos, estratégias de escrita, com o intuito de promover uma escrita mais cuidadosa e organizada, considerando o antes, o durante e o depois. Para esse momento, pensamos:

- Análise funcional da gramática.
- Reescrita dos Relatos de Memórias.

Após o processo de reescrita, os textos produzidos foram compilados em uma antologia que foi disponibilizada para a biblioteca da escola.

Esses textos formaram o universo da pesquisa e, por critério de sorteio, cinco das produções constituíram o *corpus* – analisado qualitativamente à luz de categorias de análise condizentes com o arcabouço teórico das concepções de língua/linguagem, memória e ensino, galgadas no viés do sociointeracionismo.

Pelo exposto, mediante o propósito de melhor compreender e analisar os dados a serem levantados e no intento de compreender seus significados e contribuições para as questões essenciais dessa pesquisa, organizamos essas informações na categorização dos dados. A partir da sistematização dos pressupostos teóricos para a análise das atividades desenvolvidas por esse estudo científico, seguiram os seguintes critérios:

- a) Memórias como preservação do registro da identidade cultural;
- b) Usos sociais da língua;

A partir desses pressupostos, temos como referência os embasamentos de Oliveira (2016), ao conceituar as categorias como o preâmbulo para a realização de uma tarefa de análise bem estruturada e coerente. Segundo o autor, para a categorização dos dados, será necessário determinar: as **categorias teóricas** (leituras convergentes ao objeto de estudo), as **categorias empíricas** (coleta de dados na realidade empírica) e as **unidades de análise** (informações decorrentes da aplicação dos instrumentais da investigação).

Assim, pretendemos evidenciar os aportes teóricos que embasam essa pesquisa e encaminham as categorias de análise através de avaliações e estudos apreendidos na dinamicidade dos processos presentes na intervenção e nas suas relações com os objetivos da investigação.

Na categoria “Memórias como preservação do registro da identidade cultural relatados por moradores do local de aplicação da pesquisa com base na teoria sociointeracionista”, contemplamos o universo de possibilidades que as Memórias, enquanto fontes de narrativas orais, podem proporcionar à preservação dos traços de identidade cultural e formação histórica local através da produção de textos discursivos, nesse caso, o oral e o escrito, considerando seus aspectos linguísticos, intelectuais, sociais, referenciais, entre outros. Destacamos a subcategoria: *Do planejamento à construção de memórias*, a qual envolve o gênero em destaque como produtor de sentidos, enfatizando a mediação e a utilização de diferentes atividades discursivas.

Na categoria “Usos sociais da língua”, ressaltamos o texto discursivo em sua dimensão inventiva como um importante experienciar da língua em seus elementos lexicais, semânticos, orais, visuais etc.; como um passaporte para fomentar a criação e interpretação de textos, incitando a produção de novos enunciados a partir da oralidade. Demarcamos as subcategorias: *Da recepção dos textos*, cujo enfoque voltou-se para os efeitos de inferências dos alunos nos processos de construção dos textos; e *Da criação do gênero Memórias*, enquanto narrativas orais, para a composição elaborada de novos enunciados e seus múltiplos sentidos e suportes pelos alunos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, expomos um recorte do *corpus* da pesquisa, constituído por um total de 4 (quatro) produções textuais, construídas a partir dos relatos orais de memórias dos entrevistados. Inicialmente, serão apresentadas as reflexões realizadas a partir das entrevistas coletadas tecendo uma contextualização acerca das experiências relatadas pelos colonos assentados na comunidade do Núcleo Habitacional II como registro de preservação da identidade cultural do povo. Em seguida, apresentamos a reflexão dos textos produzidos pelos discentes no ambiente escolar, observando o processo de retextualização do gênero oral entrevista para o gênero escrito relato de memórias, contemplando o uso social da língua na construção de textos baseada na oralidade.

Mediante o processo de ambientação dos sujeitos envolvidos, bem como do conhecimento das experiências de vida de cada colono participante da pesquisa, realizamos uma entrevista com intuito de fomentar o interesse pela história que deu origem à comunidade, nas práxis dialógicas da atividade desenvolvida em sala de aula, referente ao processo de envolvimento com a tradição oral, com o intuito de realizarmos o registro escrito da fala, através da prática textual escrita.

4.1 DAS ENTREVISTAS: CONHECENDO A MEMÓRIA DO POVO

Com o objetivo de valorizar a contribuição dos respeitados contadores de histórias e também realizar a coleta de dados, conduzimos uma entrevista individual com cada um deles para que pudessem compartilhar suas opiniões sobre a experiência de narrar fatos da região. Elaboramos um conjunto de dez perguntas para cada colono, com conteúdo semelhante, com a finalidade de explorar o aspecto sociocultural presente nas narrativas orais, bem como compreender sua importância no contexto da sala de aula. Essas entrevistas serviram como base para a contextualização das memórias, que foram posteriormente retomadas em sala de aula. As perguntas da entrevista foram realizadas de maneira padronizada para os entrevistados.

A primeira pergunta feita teve o interesse de conhecer o nome e a idade dos colonos participantes da pesquisa. A essa questão, obtivemos as seguintes respostas: GVS, 80 anos; ZAF, 80 anos; AJM, 76 anos; e AFA, 76 anos.

Nesse âmbito, a idade dos colonos, participantes da pesquisa, compreendida entre 75 e 80 anos, abrangendo uma etapa da vida caracterizada por uma combinação única de experiência, sabedoria e desafios. Nessa fase, os indivíduos geralmente possuem uma rica

bagagem de vivências, adquirida ao longo dos anos, o que contribui para um maior senso de autossuficiência e autoconfiança. No entanto, também é uma época em que podem surgir questões relacionadas à saúde e ao envelhecimento, exigindo cuidados e atenção adequados. É importante reconhecer a diversidade dentro dessa faixa etária, pois cada pessoa pode estar vivenciando diferentes condições físicas, emocionais e sociais. Além disso, proporcionar oportunidades de engajamento social e apoio emocional são aspectos fundamentais para garantir uma qualidade de vida satisfatória nessa faixa etária.

A segunda indagação feita refere-se ao lugar onde vieram os colonos, ao tempo e como era a localidade quando eles chegaram, e se havia muitas famílias no local. As respostas foram as seguintes:

Eu vim de Antenor Navarro, hoje, São João do Rio do Peixe. Cheguei aqui em 1970. Eu vim, primeiramente morar com meu tio no sítio Matumbo. Depois vim morar com o senhor “Carrinho”, que era proprietário das terras da comunidade, que mais tarde foram indenizadas pelo DNOCS. Eu tinha 15 anos na época e trabalhava com irrigações e plantios de terras. Aqui só tinha mato e xique-xique. Eu fiquei trabalhando com o senhor “Carrinho” até me casar. Não havia muitas famílias nesse período, apenas 3 (GVS, colono 1).

Vim de Pilões, município de Antenor Navarro, em 1989. A comunidade era povoada só por colonos, nem filho de colono tinha casa e não havia muitas famílias (ZAF, colono 2).

Vim de São Gonçalo, no ano de 1976. Quando cheguei aqui, era quase tudo desabitado, tinha apenas 76 famílias (AJM, colono 3).

Vim de Poço Zé de Moura, município de Antenor Navarro, hoje, São João do Rio do Peixe, no ano de 1983. Aqui tinha pouca gente, não tinha favela, só tinha as casas dos colonos, ou seja, só as casas principais, algumas desabitadas nas nove ruas. Nessa rua, apenas 1/4 das casas estavam ocupadas. Aqui morava Chico Martins e Bernardo que não estão mais, Agumecino, Naro e Preto que já estavam, e João Vieira que ainda não havia chegado quando cheguei (AFA, colono 4).

As respostas fornecidas à segunda pergunta nos levaram a inferir que os participantes da pesquisa possuem um amplo conhecimento social e cultural sobre a comunidade em que vivem, adquirido ao longo do tempo. Todos os colonos são originários de outras localidades; os anos em que eles residem na comunidade em que foi realizada a coleta de dados permitiram que eles desenvolvessem raízes culturais e regionais, assimilando discursos transmitidos de geração em geração.

É perceptível o conhecimento que tem os entrevistados sobre o ambiente em que está inserido, demonstrando uma vasta experiência na vida cultural local, que conforme Calvet

(2011), encontra-se alinhado à ideia de que o texto de tradição oral está imerso em uma cultura e ideologia que lhe conferem a maioria de suas características. E essas características, por sua vez, estão diretamente relacionadas à história.

Assim, em suas falas, é possível identificar a expressão da identidade cultural da localidade, traduzida pelos colonos em suas histórias. Embora eles discorram e reproduzam de maneira particular e transformadora, ainda há traços presentes da época passada na comunidade, seja na linguagem, na temática ou em outros aspectos, preservando as raízes culturais e tradicionais do ambiente em que as memórias foram produzidas.

Por meio da terceira pergunta, indagou-se aos entrevistados sobre as distinções entre o estilo de vida das pessoas no passado e o das pessoas atualmente, isto é, como eram as maneiras de viver antigamente – as brincadeiras, o namoro, o relacionamento com os pais, os modos de se vestir, de trabalhar e de se relacionar com as pessoas. As respostas foram:

Tinha várias diversões “sadias”. Nos domingos, as brincadeiras aconteciam mais em São Gonçalo, iam de bicicleta, muito difícil, mais ainda sim usavam cavalos. As brincadeiras que mais tinha era pipa, peão, bola de gude, bola, etc. Gostava bastante de dançar forró. Andava nas casas das moças quando se morava perto, ia uma noite sim e outra não. Lamparina nas janelas para iluminar as casas e os pais do lado. Os homens usavam camisas sociais e calças, já as mulheres usavam vestidos e saias. Trabalhavam com enxadas ou roçadeiras, tudo de forma braçal. Os colonos se ajudavam bastante, era um trabalho coletivo e se tinha relacionamento saudável com as pessoas (GVS, colono 1).

As brincadeiras eram peão e a bila. O namoro era bem “simplesinho” era só pegado no braço, não sabia nem que namorávamos, só dava beijo se fosse escondido. Eu chegava mais cedo na casa da namorada, mas quando dava 9 horas ia embora. Nunca dei trabalho ao meu pai, se ele promettesse uma pisa, podia ir cortar o cipó. Já mamãe não, era mais amorosa, dava um “cocoroco”. Quanto as roupas eram calça simples, camisa social, bermuda, bota, andava todo equipado. As mulheres só vestiam vestidos compridos. Quanto ao trabalho, cada um que procurasse o seu. Era fornecido carroça, íamos de manhã cedinho, vinha ao meio-dia e voltava de novo. Era assim com todos os colonos (ZAF, colono 2).

Na minha época de criança, as brincadeiras eram diferentes das de hoje. Brincávamos de toca, bila, pião, jogo da castanha, jogo do triângulo, curi curi. Quanto ao namoro, era assim: quando chegava na casa da namorada, o pai já ia dizendo que amanhã ele tinha que trabalhar, para assim, eu ir embora. Eu baixava a cabeça e saía. Se fosse dá um beijo, tinha que ser escondido. Quando o pai mandava um dos filhos fazer algo, tinha que ser feito, não podia pedir para mandar outro, pois o pai dizia que estava com preguiça (AJM, colono 3).

Aqui era bem difícil, mas acho hoje mais difícil ainda, acredita? É mais difícil por causa das perseguições, o povo não quer mais trabalhar, o governo viciou muita gente a não fazer nada. Antigamente, se tinha mais respeito pelo ser humano, hoje não tem. As brincadeiras eram galamarte, lança (onde se fazia

uma roda de gente com oito a dez pessoas, o que fosse pego, ia pra peia). Quanto ao relacionamento com os pais, naquela época, dizia que era escravidão, mas eu tenho muita saudade daquele tempo, não pela escravidão, mas porque se tinha respeito um pelo outro. Hoje, você não sabe quem é pai e quem é mãe. Hoje não se pode colocar o filho para fazer nada, porque é pecado, é ruim. Em relação ao namoro, quando vim beijar essa mulher aqui, nós já tínhamos um filho. A mãe dela ficava “pastorando” (AFA, colono 4).

A partir das respostas dos entrevistados, em relação ao terceiro questionamento, evidencia-se que o impacto da era moderna não mudou os valores adquiridos ou construídos no passado, há aceitação, porém com posições firmadas aos padrões atuais. Assim, demonstra-se que os aspectos culturais transmitidos de geração em geração não são preservados da mesma maneira, principalmente devido à falta de interações e diálogos tão comuns em épocas passadas. No entanto, é fundamental manter o espaço reservado para as pessoas relatarem suas memórias, pois esses indivíduos compartilham relatos que estão guardados ao longo do tempo, e essas narrativas contribuem significativamente para a cultura local.

A quarta pergunta remetida aos colonos buscou conhecer sobre as festividades locais, e se esses eventos marcaram de alguma forma as suas vidas. Assim responderam:

As festas de antigamente eram tranquilas, começavam cedo. Utilizavam-se “lamparinas”, nós mesmos éramos sanfoneiros. Em uma festa em Marizópolis, tinha bastante gente, pagavam seis mirreis e uma garrafa de coca, uma grade de cerveja e um litro de Rom, para quem dançasse melhor, colocavam jurados e convidavam para dançar, e eu chamei uma moça lá, fiquei em primeiro lugar, já fui em muita festa boa (GVS, colono 1).

Quando o povo ia para festa, ia pra se divertir. Quando íamos, tínhamos que ir acompanhados e quando dava a hora de vir embora, todos íamos na maior tranquilidade. Não lembro de nenhum fato. Sempre andei na linha e só andava com amigos certo, quando era errado, não ia com ele não (ZAF, colono 2).

Todos participavam das festas. Um era porteiro, outro ia lavar, outro ficava na bilheteria. As festas eram organizadas, chamava-se um sanfoneiro, pandeirista e bumba. Era no pavilhão feito de terra. A festa que marcou minha vida foi um casamento de um amigo de infância que ajudei a organizar (AJM, colono 3).

As festas eram muito boas, começavam às seis da noite até às seis da manhã. Naquele tempo, só tinha uma coisa errada: era que se eu chamasse uma moça para dançar, ela não podia dizer não, tinha que dançar ou não dançava com ninguém. As festas eram feitas no pavilhão, não tinha energia, era a base de lamparina. Todas elas eram muito boas (AFA, colono 4).

Na fala dos colonos, entende-se que as festividades locais foram eventos que desempenharam um papel importante na preservação das suas culturas, na celebração das

identidades e na coesão social da comunidade a que pertencem. Esses eventos marcaram as vidas dos colonos de várias formas. Assim, segundo Bosi (2003) há um sentimento de pertencimento, ou seja, as festividades locais muitas vezes fortalecem o senso de comunidade e pertencimento, conectando pessoas de diferentes origens em torno de uma tradição comum, ainda traz o fomento da cultura e tradições. As celebrações locais são uma oportunidade para as pessoas preservarem e compartilharem suas culturas, crenças e práticas tradicionais com as gerações futuras. As memórias e experiências se elevam e criam memórias inesquecíveis e experiências únicas para os participantes, deixando uma marca duradoura em suas vidas.

No geral, festividades locais têm um papel significativo na sociedade, oferecendo a oportunidade de celebrar, compartilhar e valorizar a riqueza cultural e histórica de uma comunidade específica.

Nesse sentido, cabe salientar o que preconiza a Base Nacional Comum (2018) que sugere que as vivências sociais e culturais de um povo, enraizadas em suas memórias sejam trabalhadas no âmbito escolar, para levar o aluno a compreensão de que “[...] a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (Brasil, 2018, p. 83).

Na perspectiva de Coelho e Mesquita (2013), torna-se claro que a elaboração de um texto falado ou escrito está intimamente ligada aos contextos histórico-culturais, a fim de garantir uma comunicação eficiente entre os interlocutores. Essa abordagem sustenta a visão construtivista da identidade, que defende que a linguagem desempenha um papel fundamental na construção da identidade e nas memórias de um povo.

A quinta pergunta abordou os momentos importantes de luta em que os colonos participaram para melhorar ou favorecer a comunidade do Núcleo Habitacional II. Eles responderam:

Eu e os outros colonos se juntava para comprar tratores, grades e equipamentos para melhorar o nosso trabalho. Cada um dava um pouco de dinheiro para o tratorista cortar as terra. (GVS, colono 1).

Particpei de reuniões para facilitar nossas condições de trabalho na agricultura. O DNOCS dava todo apoio, foi um braço forte. A cooperativa funcionava e por meio dela conseguíamos empréstimos para facilitar nossa vida. E quando os colonos precisavam de ajuda, se juntava todo mundo para ir atrás de quem precisava (ZAF, colono 2).

Fazíamos campanhas de banana ou arroz para doar para a construção da igreja católica (AJM, colono 3).

Nós sempre ajudávamos muito. Eu e os outros colonos trabalhamos muitos dias na construção dessa igreja católica daqui (AFA, colono 4).

Segundo os relatos, há momentos na história de uma comunidade que se destacam como importantes lutas em prol do seu aprimoramento e benefício. Esses eventos significativos, enraizados na memória coletiva de um povo, refletem a determinação e a busca por um futuro melhor. É através da narrativa dessas histórias que a identidade de uma comunidade é moldada e transmitida de geração em geração. Os habitantes são inspirados por um espírito de união e resiliência, decidiram se unir para enfrentar esses desafios e transformar a realidade local (Bosi, 1987).

Em um desses momentos importantes, uma luta ocorreu para melhorar a vida das pessoas e a vivência religiosa na comunidade. Os moradores se mobilizaram para construção da igreja, uma conquista que simbolizou uma mudança significativa para a crença do povo naquela comunidade.

Também procuravam sanar as dificuldades dos seus conhecidos, através de ajudas individuais e comunitárias, momentos de solidariedade e partilha. Essas lutas, entre muitas outras, formam o tecido da memória do povo, ajudando a moldar sua identidade coletiva. Elas representam a coragem e a determinação que tornaram possível a superação de adversidades e a busca por um futuro melhor para todos (Altenfelder; Clara, 2021).

A preservação dessas memórias é crucial, pois elas carregam lições valiosas para as gerações futuras. Ao passo que se compartilham essas histórias com os jovens, incentiva-se o espírito de união, a crença no potencial transformador da comunidade e a compreensão do valor de preservar suas raízes.

Em suma, conforme Silva (2000), a narrativa dos momentos importantes de luta que beneficiaram a comunidade reflete a rica e intrincada identidade desse povo. Essas histórias são um tributo ao espírito coletivo, à resiliência e à capacidade de promover mudanças positivas, deixando um legado duradouro para as gerações presentes e vindouras.

A sexta questão refere-se ao conhecimento sobre as contribuições dos moradores da comunidade para o desenvolvimento dessa localidade. Assim, evidenciou os cidadãos que merecem uma homenagem por terem sido símbolo de luta e exemplo para a construção da sociedade do Núcleo Habitacional II. Para esta indagação, os colonos responderam:

Sim, Chico Rita trabalhava de tratorista, Miguel Afonso e Raimundo Garrido trabalhavam em prol de ajudar a comunidade, merecem sim uma boa homenagem, ajudaram bastante (GVS, colono 1).

Um morador que contribuiu para o desenvolvimento da comunidade foi meu vizinho, compadre Miguel. Ele merece sim uma homenagem, porque é muito humilde. Quando uma pessoa precisasse, ele ajudava demais. Um outro também foi Dodó (ZAF, colono 2).

Os colonos que mais contribuíram com a comunidade foi Zilmar e seu Chico Lima. Eles merecem uma homenagem pelo trabalho desenvolvido, como ter seus nomes em uma rua (AJM, colono 3).

É o seguinte: tinha dois caras aqui Joani e Cícero Acácio, que sempre que morria uma pessoa, era eles dois que faziam tudo. Eles fizeram muito pelo povo daqui. Se eles merecem uma homenagem, eu acho que sim, porque, para mim, eles trabalharam muito pela comunidade (AFA, colono 4).

Dentro de cada comunidade sempre existem indivíduos cujo comprometimento, dedicação e esforços contribuem significativamente para o desenvolvimento e bem-estar da localidade. Esses cidadãos merecedores de homenagem são verdadeiros pilares da comunidade, cujas ações altruístas e visão de futuro tornam o local um lugar melhor para todos.

As histórias narradas pelos colonos destacaram cada indivíduo como um agente de mudança em sua comunidade. Homens e mulheres simples, que possuíam um coração imenso e uma determinação incansável para ajudar os outros. Esses sujeitos acima mencionados sempre se preocupavam com o bem-estar dos vizinhos e buscavam soluções para os problemas que enfrentavam juntos.

A generosidade dessas pessoas era conhecida por todos. Ajudavam os demais colonos em suas tarefas diárias, apoiavam famílias em dificuldades financeiras e sempre estavam dispostos a ouvir e aconselhar quem precisasse. A empatia e compaixão eram contagiantes, inspirando muitos outros a se envolverem nas atividades comunitárias.

Pelos inúmeros serviços prestados, os colonos relatam que a comunidade deveria reconhecer as contribuições desses sujeitos, honrando-os com uma merecida homenagem, tornando-se cada gesto em atitudes de gratidão e lembrança de suas realizações. A homenagem não apenas celebra as conquistas de um povo, mas também perpetua seu legado como exemplo de altruísmo e comprometimento com o bem-estar coletivo (Bosi, 1987).

Diante desse contexto, Silveres, Lucena e Silva (2021, p. 97) explanam que:

Em virtude dos comportamentos humanos reproduzidos e reprodutores de ciclos históricos que merecem a atenção dos estudos em educação, como uma missão política de um profissional professor(a) pesquisador(a) que assume efetivamente sua missão de tomar a escrita, a palavra, a ação no discurso para se educar e, aos pares, em diálogo com experiências exitosas.

Nesse viés, descrever a história de cidadãos, como os colonos, símbolos da força transformadora de um povo dedicado e amoroso, que deixou uma marca indelével na comunidade que tanto amou e serviu, é primordial no estudo das narrativas orais. As memórias inspiram a todos a fazerem a diferença em suas próprias comunidades, lembrando-nos de que, mesmo como indivíduos, podemos impactar positivamente o mundo ao nosso redor.

A sétima questão buscou saber sobre alguma história/lenda que se ouvia dos mais velhos na comunidade do Núcleo Habitacional II. Os colonos, então, responderam:

Quando eu irrigava os lotes do Senhor Carrinho, os pés de banana quando solta mangará “ele geme”, corri com medo, cheguei em casa e peguei minha pistola e quando voltei não tinha mais nada. O Senhor Carrinho fez aposta comigo para pegar o “caba”. Passei oito noites, quando foi na nona noite, peguei o “caba” roubando as bananas, esse caba já tinha pegado 16 cachos de bananas, ele levava nas carroças. Também quando vinha de São Gonçalo, uma pessoa passou por debaixo de uma cerca e montou no bagageiro da minha bicicleta, era uma mulher, caiu um pé de pau no meio da estrada e quando foi no outro dia, o pé de pau estava em pé. Outra vez, vi uma mulher que já morreu pedindo para eu rezar três Pai-Nosso e três Ave-Maria, só que eu não sabia rezar, mas “Nazaré” me ensinou e assim eu fiz, aí em um sonho a mulher me agradeceu (GVS, colono 1).

Eu fui pescar. Quando cheguei lá, sentei-me. Então, desceu uma “labareda” de fogo como uma chuvinha para dentro da água e se apagou. Passando um tempo, aconteceu novamente, mas já foi mais fraco. Outra vez, em conversa com uma cara do criatório, ele me disse que estava deitado numa rede, quando sentiu alguém coçando o seu pé. No entanto, não tinha ninguém lá (ZAF, colono 2).

Quando mais jovem, eu costumava ver “vulto”, porém minha mãe não me deixava acreditar, pois ela dizia que não existia (AJM, colono 3).

Eu namorava com ela (a esposa), e aconteceu um negócio comigo. Eu tinha um jumentinho, que eu usava para ir para a casa dela. Quando eu vinha para casa, umas doze horas, debaixo de um pé de oiticica, que se balançou todinho, eu vi um neguinho montado num jumento correndo atrás de mim. Então, enchi-me de medo e sai correndo. Quando cheguei em casa, não sei nem por onde passei, comecei a gritar: abre a porta “muié”. Assim que ela abriu, entrei com jumento e tudo (AFA, colono 4).

As histórias e/ou lendas transmitidas pelos mais velhos, como as narrativas feitas pelos colonos, compreendem um valor profundo e único, tanto na preservação da cultura e identidade de um povo quanto na transmissão de valores e sabedoria ancestrais. Essas narrativas são um tesouro cultural que conecta gerações e serve como uma janela para o passado, oferecendo reflexões importantes sobre diversos aspectos da vida e da sociedade.

Nessa abordagem, é sugerido um debate abrangente e estruturado acerca dos efeitos cognitivos da interpretação mais complexa do conteúdo simples das histórias folclóricas, enriquecendo significativamente as discussões interpretativas presentes nas atividades de retextualização.

As histórias de vida, que representam expressões de nossa memória, são meios através dos quais conservamos determinadas informações, que nos levam de volta a “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 419).

Nessa perspectiva, preservam a cultura mediante as histórias contadas pelos sujeitos que vivenciaram certas situações lendárias ou atípicas, as quais contêm informações valiosas sobre as crenças, tradições e valores de um grupo étnico ou comunidade. Essas memórias traduzidas pelos colonos ajudam a manter viva a cultura, mesmo diante das mudanças rápidas e globalização que podem ameaçar a identidade cultural de uma sociedade.

Por meio das histórias, valores fundamentais, como honestidade, respeito, coragem, solidariedade e tolerância, são transmitidos para as gerações mais jovens. Essas narrativas muitas vezes apresentam personagens exemplares cujas ações e consequências servem de lições morais para guiar o comportamento das pessoas. Além disso, essas narrativas podem fornecer identificação e senso de pertencimento para os membros da comunidade, fortalecendo sua união e orgulho de fazer parte daquela história. As crenças e histórias do imaginário popular têm o poder de influenciar comportamentos, estados de espírito e contribuir significativamente para o entendimento de uma realidade social. Desse modo, elas levam as pessoas a refletirem sobre sua própria existência, desafiando-as a encontrar significado e propósito em suas vidas. As histórias são, em si, uma forma de entretenimento, capazes de envolver e encantar os ouvintes. Quando compartilhadas em comunidade, essas narrativas também fortalecem os laços sociais, criando momentos de interação, empatia e partilha de experiências entre as pessoas (Le Goff, 1990).

Nesse contexto, ao considerarmos o gênero textual “memórias” como uma forma de expressão cultural, levando em conta seus aspectos pragmáticos e funcionais na oralidade, podemos destacar a importância da criatividade em sua construção. Através do manuseio dessa forma de comunicação e discurso, aquele que a produz pode se envolver emocionalmente com o contexto, enfatizando seu engajamento.

Portanto, as memórias transmitidas por pessoas mais experientes, com uma bagagem de vida ampla têm um papel vital na preservação da cultura, transmissão de valores, reflexão sobre a vida humana e fortalecimento dos laços sociais. Assim, consistem em relatos que atravessam

gerações e enriquecem a sabedoria coletiva de uma comunidade, garantindo que suas tradições e identidade cultural permaneçam vivas e significativas ao longo do tempo.

Foi indagado aos colonos participantes da pesquisa, na oitava pergunta, o que mais faz falta no passado. Assim, disseram:

Eu sinto falta do passado, pois desperdicei muito tempo e joguei muita coisa fora, e também sinto falta das farras de antigamente (GVS, colono 1).

É do nosso forró, do forró. Trabalhava a semana todinha, mas nos sábados a roupinha estava pronta para ir para o forró. O prazer era esse (ZAF, colono 2).

O que mais sinto falta do passado é da presença dos meus pais, que foram muito importantes na minha vida (AJM, colono 3).

O que eu sinto mais falta do passado é a criação do ser humano e a comida que era natural (AFA, colono 4).

A falta do passado para os idosos colonos pode ter um impacto emocional significativo. A sensação de perder as conexões com a cultura e as tradições pode levar a sentimentos de isolamento, solidão e perda de identidade. Além disso, a falta de memórias compartilhadas pode afetar a coesão social da comunidade, diminuindo o sentimento de pertencimento e cooperação entre seus membros.

Com o passar do tempo, muitas comunidades rurais passaram por transformações culturais e sociais significativas. Valores, tradições e modos de vida tradicionais podem ter sido gradualmente perdidos ou substituídos por influências mais modernas, fazendo com que as gerações mais jovens e os idosos tenham experiências e perspectivas diferentes.

Para Halbwachs (1990), a transmissão de histórias, lendas e tradições orais é uma parte importante da cultura em muitas comunidades. No entanto, à medida que os idosos envelhecem e algumas práticas culturais são deixadas de lado, há o risco de que as memórias dessas tradições também sejam perdidas. Em alguns casos, os idosos podem ter sido afastados de suas raízes culturais devido a pressões externas, como políticas governamentais, conflitos ou outras situações que os levaram a abandonar suas tradições e modos de vida.

A abordagem dessa questão torna-se importante para valorizar e preservar a história e o patrimônio cultural das comunidades. Iniciativas como projetos de registro de histórias orais, como a obtenção dessas recordações, neste estudo, programas de envolvimento intergeracional e celebrações de tradições locais podem ajudar a revitalizar a memória coletiva e reconectar os idosos com o passado de suas comunidades. Ao preservar as tradições e histórias, podemos

garantir que as futuras gerações também terão a oportunidade de compreender e se orgulhar de suas raízes culturais.

A nona pergunta investigou sobre os objetos ou fotografias guardadas pelos colonos como recordação das experiências vividas no passado na comunidade. As respostas foram as seguintes:

Tem minha pistola, guardada (GVS, colono 1).

A recordação que tenho são minhas fotos de quando era mais jovem. Também tenho uma sanfona e um pandeiro (ZAF, colono 2).

A recordação que tenho é uma foto do meu casamento, que aconteceu há 51 anos (AJM, colono 3).

Não tenho (AFA, colono 4).

As recordações que trazemos ao longo da vida, seja objetos ou fotos, são verdadeiros tesouros carregados de significado e emoção. Esses objetos ou imagens capturam momentos especiais e únicos de nossas vidas, tornando-se símbolos tangíveis de experiências passadas, pessoas amadas e lugares significativos.

Os objetos ou fotografias guardadas possuem uma história única por trás dele, uma narrativa que se entrelaça com as lembranças pessoais de quem os guarda. Eles podem ser lembranças de eventos marcantes, como uma formatura, um casamento, uma viagem memorável ou uma conquista significativa. Também podem representar momentos mais simples e cotidianos, mas igualmente importantes, como encontros com amigos, momentos em família, ou uma paisagem que tocou o coração.

Essas memórias objeto ou fotos têm o poder de evocar emoções intensas e nostálgicas. Quando olhamos para elas, somos transportados de volta ao passado, revivendo sentimentos de alegria, amor, saudade ou superação. São como portais para momentos que moldaram quem somos e nos conectam com nosso eu anterior.

Ademais, esses objetos e fotos também podem ser formas de manter viva a memória de pessoas queridas que já não estão mais conosco. São lembranças que nos confortam e nos permitem sentir a presença daqueles que amamos, mesmo que não estejam mais fisicamente presentes em nossas vidas. Guardar objetos ou fotos é uma maneira de valorizar e preservar nossas histórias pessoais. Eles se tornam um legado para as gerações futuras, permitindo que nossas vivências e valores sejam transmitidos através do tempo.

Essas memórias também são uma fonte de aprendizado e reflexão. Ao lembrarmos nossas experiências passadas, podemos extrair lições valiosas e *insights* sobre nossa jornada de vida. Elas nos ajudam a compreender nosso crescimento pessoal, nossas escolhas e decisões, e nos permitem ver o quanto evoluímos ao longo do tempo.

Em síntese, as memórias retratadas através de objetos ou fotografias são verdadeiros registros emocionais de nossas vidas. Eles são testemunhas silenciosas de nossas experiências, sentimentos e conexões com o mundo ao nosso redor. Valorizar e preservar essas lembranças é uma maneira de honrar nossa história e manter viva a essência de quem somos.

Por fim, a décima questão indagou aos colonos sobre alguma informação adicional, caso quisessem acrescentar alguma informação além das apontadas pelo roteiro de entrevista. E, assim, finalizaram a entrevista, dizendo:

Eu me casei com Lourinha no civil, a testemunha foi o Senhor Carrinho. Lourinha já estava grávida do nosso primeiro filho. Temos 54 anos juntos (GVS, colono 1).

Quando cheguei aqui, vim direto para a casa que estou hoje em dia. As nove ruas já estavam prontas, mas não tinha a favela, nem nada, só as casas dos colonos. Ainda tinha local para fazer casa, mas só de colono. No início da colonização, quando se via algum colono sofrendo, logo se fazia um mutirão para ajudar. A escola já estava pronta quando cheguei aqui, mas o postinho de saúde não (ZAF, colono 2).

No local onde morei só tinha vinte famílias e apenas uma tinha rádio, que era meu sogro (AJM, colono 3).

Antigamente, quando eu estudava, para ir à escola era com uma sacolinha de pano com o caderno dentro, ia a pé. Hoje é mais fácil, só está ruim a criação, que não tem mais respeito pelos pais (AFA, colono 4).

Na fala final dos colonos, destacamos a simplicidade de suas afirmações com relação a informações adicionais sobre as experiências nessa comunidade.

Nesta pesquisa, focamos principalmente em um gênero que representa a tradição da cultura local. Seria extremamente benéfico incentivar os estudantes a adquirir conhecimentos por meio de variadas pesquisas, incluindo a tecnologia, para assim abranger os conhecimentos adquiridos e traçar paralelos entre os saberes culturais advindos do povo. Também seria viável dedicar tempo para ouvir as histórias narradas por membros nativos da comunidade, como forma de valorizar a história local.

Essa abordagem é particularmente atraente quando realizada em um ambiente rural, durante uma tarde de atividades interdisciplinares na escola, por alguém que utiliza uma linguagem simples e expressiva. Dessa forma, o ouvinte é transportado pela imaginação e

desenvolve prazer pelas atividades de comunicação oral, escrita e leitura. É de suma importância inserir o ouvinte no contexto de produção comunicativa em seu ambiente natural.

Diante das abordagens expostas, pensamos numa estratégia de como registrar os relatos narrados pelos idosos aos adolescentes, a fim de se constituir uma atividade pedagógica para o aperfeiçoamento das habilidades de oralidade e de escrita dos alunos das séries finais do EF. Para tanto, utilizamos como ferramenta o processo de retextualização para garantir a transposição do oral para o escrito, observando os aspectos textuais utilizados pelos alunos.

4.2 RELATO DE MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RETEXTUALIZAÇÃO

Após a apresentação dos relatos orais obtidos nas entrevistas, analisamos o processo de produção textual escrita realizada pelos alunos que tomaram por base o discurso oral memorialista dos idosos. Verificamos nos textos o cuidado que os discentes tiveram ao preservar a memória do entrevistado e suas contribuições para a formação histórica e a construção da identidade da cultura local. Também observamos alguns aspectos estruturais do texto, no tocante à aplicação das técnicas de construção textual.

Partimos da concepção de que

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (Bosi, 2003, p. 15).

Nessa direção, pudemos constatar que os textos analisados seguiram praticamente um apanhado das informações ouvidas pelos alunos durante as entrevistas com os idosos. Durante o processo de produção textual, os alunos ficaram à vontade para selecionar o que consideraram mais interessante para as suas escritas. No entanto, observamos que na organização textual eles procuraram ser fiéis às informações encontradas. Vale ressaltar que antes do início do processo, foram feitas orientações acerca do gênero relato de memórias e as estratégias estruturais necessárias para a produção.

Antes de apresentar os textos produzidos pelos alunos, é importante esclarecer que a digitação respeitou fielmente a forma original dos textos escritos por eles. Isso significa que eventuais variações na ortografia, pontuação ou estrutura gramatical são reflexo da redação original dos alunos e foram mantidas durante a transcrição digital. Este cuidado visa preservar

a autenticidade e individualidade de cada texto, respeitando a voz e o estilo de escrita de cada autor.

A seguir, apresentamos o texto produzido pelo aluno ERSS.

Texto 1

Minha história

Lembro-me que saí de casa aos 15 anos, depois de receber uma surra por ter aprontado. Revoltado, deixei Antenor Navarro, minha terra natal. Andei como um andarilho errante até chegar a essa comunidade onde permaneço até Hoje. Ao chegar aqui, tudo era propriedade privada, pertencia a um senhor que não está entre nós. Eu era encarregado pelo serviço, irrigava e cuidava das plantações.

Depois de um tempo a propriedade foi indenizada e passou a ser organizado pelo DNOCS. Restou o apenas a serra. Aos poucos, começaram a chegar os primeiros moradores, não muitos, umas 4 ou 5 família que deram início a colonização. Passado um tempo, a comunidade recebeu outras família que aqui construíram suas Histórias.

Foi uma época vindoura. Porém muito difícil, porque as maneiras de viver de antes eram bem diferentes. Trabalhávamos a semana inteira. Só tínhamos o domingo para o nossas diversão. Por aqui, não havia um ponto certo. Quando tinha era mais para os lados de São Gonçalo. Eram festas simples, uns casamentos ou uns forrozinhos bons para danado.

Recordo que o povo ia para as festas de bicicleta, quando se tinha, é claro, pois até isso na época era difícil. Andei em muitas festas. Eu dançava muito e dançava bem. Lembro-me de uma festa que me marcou. Foi em Marizópolis. Havia muitas pessoas, quando cheguei. Paguei 6 mil réis. Estava acontecendo um competição para quem dançasse mais e melhor. Eu dei o meu máximo. Descobri uma parceira pé de valsa. Dançamos muitos, mas ganhamos o primeiro: uma garrafa de rum e uma caixa de cerveja. No final da competição, distribui e paguei bebida para os que ali estavam. Foi muito divertido.

Em relação a nossa comunidade, o que mais me recordo é que todos se juntavam para trazerem melhorias a fim de facilitar o trabalho, na agricultura, eram tratores e máquinas. No entanto, o colono que precisasse, teria que pagar uma quantia para os trabalhadores, pois eles também precisavam.

Lembro-me de muito pessoas que deram duro pela nossa comunidade. Foram homens que muito e que realmente merecem ser homenageado, pois se doaram pelos demais, posso cita aqui Chico Rita, Miguel Afonso e Raimundo Garrido

Outro fato que trago na memória foi uma cena que vivi quando eu vinha de São Gonçalo. Lembro que passei debaixo de um pé de árvore, quando ouvir uma pessoa cantando no bagageiro da minha bicicleta. Arrepiei-me todo! Era uma mulher bem “cheinha”. Enchi-me de pavor! Que medo aquele! Coloquei força nas pernas para pedalar. Que vexame! A bendita mulher falou que daquele jeito, ela cairia da bicicleta, e eu, todo nervoso, responder “pode cair”. Adiante, uma galha do pé de árvore caiu no meio da estrada, aumentado o pânico (risos). Larguei a bicicleta e corri para cima do canal e fui embora.

No outro dia, quando passei por lá, a galha da árvore estava no lugar, no tronco da árvore. Depois desse episódio, nunca mais passei lá.

Hoje vivo as recordações que carrego comigo e sinto falta das farras, das brincadeiras, das competições e da união das pessoas daquela época que, muito, inclusive já descansam eternamente. Hoje resta-me a saudades, as lembranças e um revólve que nunca me desfiz.

(Texto baseado na entrevista do senhor GVS)

Observamos no texto 1, intitulado “**Minha história**”, que o aluno assume a função de narrador do texto, pautando-se nas informações do discurso oral do idoso, para fornecer uma

visão íntima e subjetiva da vida do entrevistado. Ao analisar o texto discursivamente, é possível identificar várias características próprias do gênero memórias, a saber: o autor utiliza a primeira pessoa do singular ao longo do texto (“Lembro-me”, “Eu”, “meu”, “andeí”, entre outras expressões) para contar sua própria história e experiências pessoais, situando o relato em sua perspectiva única. Outro ponto verificado foi o ato de memorar demarcado pelo uso dos verbos (“lembro”, “recordo”) para estabelecer uma conexão do momento passado ao atual, marcado inicialmente por uma memória específica de sua juventude, quando saiu de casa aos 15 anos após receber uma surra.

Essa introdução estabelece um elo entre o contexto e a motivação para as lembranças subsequentes apontadas no texto, pois enfatiza os detalhes vívidos e as sensações de suas experiências, uma vez que utiliza descrições detalhadas para recriar as cenas e os eventos, contribuindo para a vivacidade da narrativa. Isso inclui sensações físicas, como o “medo ao se deparar com a mulher no bagageiro da bicicleta”. Nessa lógica, entendemos o rememorar como um suporte para retomar o passado por meio do “processo de re-conhecimento e de elucidação” (Bosi, 2003, p. 33).

A narrativa insere o leitor no contexto histórico ao mencionar aspectos socioeconômicos enfrentados pelo idoso, como a dificuldade de “possuir bicicletas na época”, as “simplicidades das festas”, bem como “as condições de trabalho” e os “modos de viver” do passado. Isso amplia o alcance da memória, conectando-a a um período específico da história, o que nos leva a refletir sobre as mudanças e transformações ocorridas na comunidade e na individualidade do idoso ao longo dos anos. Esses aspectos remontam às mudanças históricas que ocorrem dentro do espaço onde se vive acompanhando e aderindo a novas maneiras de viver conforme a evolução temporal e tecnológica.

A produção dá ênfase também aos eventos culturais e sociais mediante a descrição das festas, das brincadeiras e das competições, oferecendo insights sobre a vida social e a formação cultural da comunidade do Núcleo Habitacional II daquela época. Percebemos, através da narração textual, uma interação entre o idoso e demais moradores locais, moldada pelo respeito e solidariedade, fatores essenciais para viver bem em sociedade, ainda presentes na localidade. Sobre isso, Sousa (2006) pontua que é a memória que assegura a sobrevivência do grupo, trazendo uma compreensão mais ampla da vida cotidiana e dos valores da sociedade retratada.

Cabe salientar, nesse contexto, a identificação de indivíduos significativos para o desenvolvimento local, que, na concepção do autor, desempenharam papéis importantes na comunidade, deixando em evidência as contribuições individuais para o bem coletivo. Esse fato

retrata a contribuição que as pessoas citadas exerceram para a “ressignificação da identidade de uma comunidade que quer ser reconhecida histórica e politicamente” (Sousa, 2006, p. 188).

O texto culmina com uma reflexão pessoal sobre as lembranças e a saudade das experiências vividas, destacando a falta das festas, brincadeiras e união das pessoas daquela época. A presença do revólver mencionado no final adiciona um toque de complexidade emocional e subjetividade. É explícita a alternância feita pelo autor com relação ao recorte temporal, estabelecendo uma relação variável entre o passado e o presente, conectando suas memórias à sua vida atual, criando uma sensação de continuidade e reflexão sobre a passagem do tempo.

Diante do exposto, destacamos que o texto oferece uma visão rica e pessoal de experiências vividas, destacando elementos emocionais, sociais e históricos que são característicos do gênero memórias. Por meio desse relato, o autor compartilha sua história e suas emoções, permitindo que o leitor mergulhe na sua vivência e compreenda melhor a vida e as mudanças que ocorreram na vida do entrevistado ao longo do tempo.

Quanto aos aspectos estruturais do texto 1, destacamos alguns desvios que comprometem a linguagem padrão da Língua Portuguesa. Encontramos algumas dificuldades quanto ao uso vírgula: “Andei como um andarilho errante até chegar a essa comunidade onde permaneço até hoje”. Nesse trecho deveria ser colocada uma vírgula após o vocábulo “comunidade”. Na sequência, a oração “Depois de um tempo a propriedade foi indenizada, passou a ser organizada pelo DNOCS”, a forma correta da língua caberia uma vírgula após a expressão “Depois de um tempo” e a substituição de vírgula por “e”, alteração de “organizado” para “organizada”. É necessária a análise sobre o trecho: “Aos poucos, começaram a chegar os primeiros moradores, não muitos, umas 4 ou 5 família que deram início a colonização. Passado um tempo, a comunidade recebeu outras família que aqui construíram suas Histórias”. Assim, a reescrita deveria ter atentado para diversos desvios gramaticais nele identificados, que mesmo com a orientação do professor, ainda prevaleceram.

Também verificamos algumas falhas quanto à ortografia das palavras, “diversão”, “revólve”, sendo mais perceptível a dificuldade de acentuação gráfica como se demonstra em “início”, “construíram”, “difícil”, “maquinas”. Outro ponto estrutural que chamou a atenção foi a marcação do plural apenas no determinante como se observa em “4 ou 5 família”, “o nossas diversssão”, nessa expressão, há um problema quanto à construção coesiva do texto; podemos citar falha de concordância nominal, bem como a demarcação inadequada do plural.

Ao examinar o texto 1, percebemos que o estudante cometeu alguns desvios no texto. Contudo, a compreensão não foi significativamente prejudicada, pois esses desvios estão mais

ligados a aspectos estruturais. Considerando o texto como um todo, abarcando os aspectos pragmáticos, sociais e históricos, segundo Koch e Elias, (2014), é perceptível que o aluno conseguiu incorporar alguns desses elementos. Com a orientação pedagógica adequada, o discente poderá superar as dificuldades apresentadas.

Nesse contexto, salientamos que a estrutura de paragrafação está adequada, com parágrafos que separam diferentes ideias. No entanto, existem algumas orações justapostas que poderiam ser melhor conectadas com o uso de pontuação adequada, como apresentadas acima, e ainda, como sugestão o primeiro parágrafo que poderia ser dividido em duas orações para maior clareza. Concernente à repetição de termos, há um uso repetitivo do termo "lembro-me" ao longo do texto, o que pode ser substituído por sinônimos ou variações para evitar essa repetição constante.

Como já exposta na análise, cabe destacar ainda o uso dos verbos no infinitivo quando deveriam ser conjugados, assim, em algumas partes do texto, os verbos deveriam ser conjugados no passado, mas estão no infinitivo, como: deveria ser “quando ouvi uma pessoa”, “e corri para cima do canal e fui embora” deveria ser “e corri para cima do canal e fui embora”. Ainda sobre o aspecto verbal, o texto utiliza verbos no pretérito para se referir a eventos passados e memórias, como "saí", "cheguei", "dançava", "lembranças", o que é apropriado para um texto que se enquadra no gênero memórias.

Destarte, o texto escrito com referência na fala do senhor GVS, apresenta um conteúdo interessante, que poderia ter sido mais aprimorado pelo pesquisador no momento da coleta das informações e pelo aluno na transcrição do texto oral. Ademais, existe ainda oportunidades para suavizar algumas construções de oralidade e melhorar a fluidez do texto.

Passemos à análise do texto 2 produzido pelo aluno ARCF:

Texto 2

Hoje histórias, para sempre memórias

Tudo começou no dia 5 de janeiro de 1942. Atualmente tenho 80 anos de idade, quase 81. Nasci no município de Antenor Navarro. atualmente São João do Rio do Peixe. Cheguei no Núcleo II em 1979. E nesse mesmo ano se iniciou a minha história nessa comunidade que amo. no tempo que cheguei, a comunidade era povoada apenas pelos colonos, pessoas selecionados pelo DNOCS. Não havia muitas famílias no local, e as casas eram poucas. Não tinha essa estrutura que tem hoje.

Durante minha infância, infelizmente, não tive a chance de sair para brincar e aproveitar, pois meus irmãos e eu ajudávamos no sustento da nossa família. Era uma época difícil. Mas, ainda sim, pude presenciar algumas brincadeiras da época que eram pião e bila. O meu relacionamento com meus pais era algo tranquilo. Lembro-me que minha mãe era muito carinhosa, mas meu pai bem mais rígido, comum para a época. O namoro era algo bem simples, só pegava no braço e pronto, nem sabia que estava namorando. Um beijo era algo proibido para acontecer, tinha que ser às escondidas.

Lembro-me que eu ia mais cedo para a casa da namorada, pois 9 horas já tinha que ir embora para casa.

Na minha época, as vestimentas eram totalmente diferentes das de hoje. As mulheres vestiam vestidos compridos, e os homens calças simples, camiseta social e bota. Eu andava toda na beca.

As festas eram minha maior diversão. Porém, eu sempre ia acompanhado. Íamos na maior tranquilidade, aproveitar aqueles momentos ímpares, como se fosse uma última vez. Eu era muito forrozeiro. Lembro-me que eu sempre estava com a roupa pronta nos finais de semanas, depois de muito trabalho duro. Eu aproveitava cada momento do forró, dançava, brincava, mas o que eu mais gostava era de tocar minha sanfona e pandeiro também, que inclusive guardo até hoje como recordação. Aqui acolá dou umas palinhas.

A farra e forró que sempre aproveitávamos são as coisas que mais sinto falta hoje em dia. Eu sempre tive vários amigos, mas sempre há aqueles que mais se destacam, entre elas, há as que me ajudaram bastante desde o momento em que cheguei aqui com minha família, até hoje um deles é o meu vizinho, compadre Miguel, uma pessoa muito humilde e um outro foi Dodó, hoje falecido.

No decorrer da minha vida, vi e vivi muitas coisas. Uma delas foi ter visto uma labareda de fogo descendo para dentro da água como se fosse uma chuvinha. Aquilo foi algo fantástico. Porém, assustador! Em seguida, aconteceu mais uma vez, só que mais fraco. Dessa vez não esperei para ver pela terceira vez e já fui pegando minhas coisas e indo embora. Foi um fato marcante.

Essa é um pouco da minha história que vivi, principalmente, aqui na comunidade qual também ajudei muito trazendo água para os moradores e zelando dela quando fui representante por 8 anos. Cuidei e trabalhei com amor e carinho, que mesmo em meio a tantas críticas e egoísmo, eu quis continuar, pois sabia que cuidar dela valia muito a pena, principalmente quando eu via pessoas vindo atrás da minha pessoa para que eu continuasse. Isso só mostrava que todo meu esforço havia valido a pena.

Hoje em dia nossa comunidade se desenvolveu, e a maioria dos colonos que chegaram aqui não estão mais, já descansam eternamente. Deixaram suas histórias, legados e lembranças para aqueles que ficaram e para quem procurar ouvi-las.

(Texto baseado na entrevista com senhor ZAF)

O segundo texto nos revela como as memórias difundidas pelo autor funcionam como um meio de preservar a história e transmitir a identidade cultural da comunidade em questão, confirmando o pensamento de Sousa (2006, p. 187) quando expôs que “pelas lembranças, vamos (re) construindo, (re) vivendo nossa história”.

Nesse viés, a ênfase recai sobre o papel das interações sociais e da linguagem na construção do conhecimento e na formação da identidade desse povo, pois é por meio da linguagem que a memória se materializa. No texto, o autor compartilha suas memórias, o que reflete o aspecto interacional teórico, ao se engajar em uma narrativa comunicativa para compartilhar sua vivência, sentimentos e conhecimentos com os leitores. Evidenciamos que o posicionamento se dá mediante a narrativa fiel das memórias do entrevistado.

O autor descreve detalhes da vida cotidiana, das festas, das relações familiares e sociais, das brincadeiras e das mudanças ao longo do tempo. Os pormenores enunciados revelam como o colono viveu e vive, percebendo-se sujeito pertencente à comunidade e responsável pelo desenvolvimento dela através de suas ações, constituindo-se “sujeito histórico que se faz pelas cargas experienciais, sujeito do passado-presente-futuro” (Sousa, 2006, p. 188).

Através dessas lembranças foi, então, criando um diálogo entre passado e presente, transmitindo valores, costumes e experiências que contribuíram para a formação histórica e da identidade cultural local. Nessa direção, Le Goff (1990) afirma que a memória é um fator importante para a reconstrução e preservação do passado e assegura que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades” (Le Goff, 1990, p. 410).

O uso da língua neste texto é fundamental para transmitir a memória e a identidade cultural da comunidade. O autor utiliza a linguagem para comunicar suas experiências, emoções e reflexões. Os aspectos dos usos sociais da língua foram identificados a partir do registro da Oralidade, uma vez que a linguagem usada no texto possui características da oralidade, refletindo a forma como as memórias são frequentemente compartilhadas. Expressões como “lembro-me”, “aqui acolá” aproximam o texto da fala cotidiana, criando um tom pessoal e autêntico. Assim, reconhecemos que é por meio das práticas discursivas que (re) construímos a história, e a cotidianidade torna os homens sujeitos do processo discursivo.

Ainda observamos no texto que o autor exerceu serviços voluntários em prol da coletividade, os quais, segundo ele, trouxeram-lhe grande satisfação, mesmo tendo sido criticado. Esse fato nos mostra a importância de pensarmos no bem coletivo e de como deixar impregnado nas recordações das demais pessoas “vestígios da história local, que não forma registrados pela história escrita” (Sousa, 2006, p. 190). Assim podemos constatar por meio dessa fala que “os processos discursivos servem como suporte para o delineamento de uma história local” (Sousa, 2006, p. 190).

Nesse âmbito, autor também reconhece a contribuição de outros indivíduos para a formação da identidade coletiva. Isso reforça a ideia de que a identidade cultural é construída por meio das ações e experiências de várias pessoas ao longo do tempo.

Assim, majoritariamente, o texto explana como as memórias desempenham um papel crucial na preservação e transmissão da identidade cultural da comunidade. O uso da linguagem para compartilhar essas memórias cria um espaço de interação entre o autor e o leitor, onde a cultura, as experiências e os valores são comunicados e perpetuados ao longo das gerações.

Quanto à estrutura do texto 2, foram identificados alguns desvios de coesão que comprometem a linguagem padrão da LP, mas nada que não possa ser aprimorado em sala de aula. Essa construção textual apresenta uma pontuação basicamente correta, mas percebemos que há uso excessivo de vírgulas em algumas partes, causando pausas desnecessárias. Além disso, algumas frases poderiam ser separadas por pontos finais para maior clareza. Com relação

à ortografia, também destacamos ser uma escrita razoavelmente boa, com pouquíssimos desvios.

Verificamos uma paragrafação regular organizada com orações truncadas e orações justapostas, as quais poderiam ser conectadas com o uso de pontuação adequada. Concernente à repetição de termos, apontamos a palavra "lembranças" que aparece mais de uma vez no mesmo parágrafo.

Há expressões e construções que indicam marcas de oralidade, como: "ainda sim", "embora", "pegando minhas coisas", "vindo atrás da minha pessoa" constituem elementos que poderiam ser ajustados para um estilo mais formal, caso desejado. Nesse sentido, os alunos foram orientados a reescreverem os textos de acordo com o entendimento da fala, ou permanecer com o estilo original dos participantes da pesquisa. O texto utiliza ainda verbos no passado, referindo-se a eventos passados, próprios do gênero memórias.

Avaliando o texto em sua totalidade, abrangendo os elementos pragmáticos, sociais e históricos, conforme a perspectiva de Koch e Elias (2014), é evidente que o aluno conseguiu incorporar alguns desses componentes. Ressaltamos, então, a necessidade de aprimorar a organização de certos aspectos da escrita, uma vez que há desafios em relação às particularidades da língua oral e escrita.

Foi também observado que o aluno transcreveu o texto original sem modificações significativas. Portanto, o texto 2 constitui-se como uma narrativa interessante sobre memórias pessoais. Entretanto, poderia ser mais aprimorado em termos de pontuação, ortografia, uso de plural, repetição de termos e escolha dos verbos. Ademais, há oportunidades para fomentar a fluidez do texto através de uma estrutura de paragrafação mais precisa.

Na sequência, analisamos o texto 3 produzido pelo aluno BVSB.

Texto 3

A história de uma infância

Começar minhas memórias é algo desafiador. Meu nome é Assis José Matias, nasci em 1946, tenho 76 anos. Nasci e criei-me em São Gonçalo.

Quando criança, adorava acordar cedo para vê o nascer do sol ouvir o cantar dos passarinho e tirar leite da vaca com meu pai. Quando eu chegava da roça, já ia brincar com meus amigos. Um dia fizemos uma aposta para vê qual dos piões, ficariam rodando por mais tempo. Ganhei a aposta, pois o meu foi o que mais rodou. Tempo bom da infância que não volta mais.

O tempo passou e eu cresci. Então, comecei a sentir apreço por uma garota. E resolvemos nos conhecer melhor. Depois de um tempo, começamos namorar. Lembro que assim que eu chegava na casa dela, o pai dela já dizia que ia dormir, pois no outro dia tinha que acordar cedo para ir trabalha. Ele usava isso como desculpas para eu ir embora. Nossa, como eu ficava triste! Baixava a cabeça e saía. Para namorar, era um sacrifício! Dá um beijo então, era algo meio inédito, tinha que ser escondido. Para mim, esse fato so aconteceu anos depois, quando nos casamos.

Depois de alguns meses de casado, fui convocado para ser um dos colonos do Núcleo II. Acontecia na ocasião o meu sonho: conseguia minha casa e a terra para eu sustentar minha família. Viemos para cá. Quando cheguei, o Núcleo era quase todo desabitado, tinha apenas 176 famílias morando.

Recordo-me da festividade do Núcleo II. Havia um engajamento de todos os colonos. Uns atuavam como porteiro, outros lavavam, outros ficavam na bilheteria. Geralmente as festas eram feitas em pavilhão, terra batida e irrigada, ou na quadra. Uma festa que marcou a minha vida foi o casamento de um amigo de infância que ajudei a organizar.

Nossa comunidade sempre foi muito organizada e colaborativa. Lembro-me que participei de algumas campanha que eram doações feitas para construir a Igreja Católica. Naquela época, muitos colonos se destacaram pelos seus trabalhos. Quero aqui enaltecer o nome de dois moradores que contribuíram muito para o desenvolvimento dessa comunidade: Zilmar e seu Chico Lima. Esses homens mereciam muito uma homenagem pelo trabalho que realizaram, se doaram com zelo e amor. Deveriam ter seus nomes estampados em alguma rua como forma de honrar com esmero o trabalho realizado.

Como recordar é viver, guardo como recordação do que vivi a foto do meu casamento que se realizou há 51 anos. Outra coisa que quero enfatizar no fim dessas memórias é a saudade diária que sinto dos meus pais, que já faleceram há muitos anos, e ressaltar a importância que tiveram na minha vida.

(Texto baseado na entrevista com senhor AJM)

A análise do texto 3 demonstra que as memórias do autor também servem como meio de preservação histórica e transmissão da identidade cultural da comunidade. Inicialmente, observamos que na produção textual foram considerados dados de identificação pessoal sobre o entrevistado, comprovando a ideia de que a memória individual se relaciona com a coletiva. Sobre isso, Bosi (2003, p. 40) afirma que os relatos autobiográficos se mostram como “atividade psíquica dotada de força e significado”. Assim, as informações iniciais dão conta de situar o leitor a respeito da identidade individual do autor.

No texto, o autor compartilha suas memórias para envolver os leitores em um diálogo interativo sobre sua vida e a vida da comunidade. Esse compartilhamento compreende um ato de comunicação que busca manter viva a identidade pessoal e cultural do local. O autor atua como um narrador, enquanto os leitores assumem o papel de interlocutores, co-criando o significado das memórias compartilhadas. Assim, percebemos como a memória individual do entrevistado se insere na memória coletiva.

O autor relata sua infância, descrevendo as atividades cotidianas, “como acordar cedo, tirar leite da vaca e brincar com os amigos”. Esses relatos são formas de expressão cultural e de como as tradições e práticas da comunidade eram vivenciadas. A narrativa também destaca as mudanças ao longo do tempo, desde as brincadeiras de infância até o namoro, o casamento e o modo de vida do colono no Núcleo Habitacional II. Cada estágio da vida do autor é uma parte integrante da identidade cultural e histórica da comunidade.

Nessa produção, a experiência pessoal do autor foi retratada por meio de uma linguagem simples, acessível e direta, evocando a oralidade e a naturalidade das conversas cotidianas o que cria uma conexão íntima entre o leitor e a narrativa. O discurso se constrói a partir do olhar subjetivo do autor.

Evidenciamos que o texto também revela as normas e os valores culturais da época, como a descrição nos relacionamentos entre os colonos e a participação coletiva destes nas festividades e em campanhas organizadas em prol do desenvolvimento da comunidade. Esses detalhes sinalizam como a memória coletiva é uma fonte mantenedora da cultura de um local e é transmitida e mantida através das gerações.

[...] a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que a memória é sempre dependente das interações e dos grupos sociais. A memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo que surge da interação e das experiências entre os membros da comunidade. Nessa medida, ela é importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Quem faz o tempo da memória coletiva é o grupo (Moita, Rocha, Semensatto, 2012, p. 184).

Ainda na exposição textual, observamos que o autor deixa clara a identificação de indivíduos significativos na comunidade, pois o autor menciona nomes específicos, como o senhor Zilmar e seu Chico Lima, os quais contribuíram para o desenvolvimento da comunidade. Esse reconhecimento reforça a importância dos indivíduos na construção da identidade coletiva, apontando no seu ato de memorização a memória do trabalho e a memória cultural de um povo.

São expressos pelo autor os sentimentos de saudade e recordação, enfatizando a importância das memórias e das pessoas que moldaram sua vida e a construção da comunidade.

Por fim, elucidamos que o texto tece exemplos de como as memórias individuais são intrinsecamente conectadas à identidade cultural coletiva. A linguagem é a ferramenta através da qual o autor compartilha experiências, valores e tradições, mantendo viva a rica herança cultural da comunidade. O diálogo interativo entre o autor e o leitor no contexto das memórias reforça a conexão entre indivíduos e sua cultura, perpetuando essa identidade ao longo do tempo.

Sobre a estrutura, no texto 3, intitulado “A história de uma infância”, foram evidenciados alguns desvios que afetam a linguagem padrão do Português. Contudo, a compreensão não foi consideravelmente prejudicada, uma vez que as variações apresentadas destoam apenas aspectos puramente estruturais. Ao avaliar o texto como um todo, ficou claro

que o estudante conseguiu, ainda que com dificuldade, incorporar elementos textuais necessários para a produção.

Salientamos, portanto, a importância de aprimorar a organização de determinados aspectos da escrita, uma vez que há desafios em relação às especificidades da língua, especialmente na distinção entre a modalidade oral e escrita durante o processo de retextualização. Isso resultou em uma produção final que apresenta lacunas, como o uso inadequado da pontuação para representar entonações e pausas oriundas do texto original.

Observamos também que o aluno reproduziu o texto original sem realizar alterações significativas, deixando de incluir informações relevantes do texto oral. Neste contexto, manter a linguagem e o estilo dos falantes em um texto escrito pode ser desafiador, porém viável mediante algumas estratégias. É possível utilizar citações diretas para reproduzir fielmente as palavras dos indivíduos, assim como a transcrição fonética ou a incorporação de elementos que remetam à oralidade, como interjeições e entonações. Reconhecer a natureza informal da linguagem oral e permitir que essa informalidade se reflita no texto é crucial para capturar o tom e a personalidade dos falantes, incluindo expressões idiomáticas, humor e emoção. Contudo, é fundamental revisar o texto para corrigir eventuais erros gramaticais e de coesão, assegurando a clareza e a compreensão do leitor sem comprometer a autenticidade do relato. Isso causou inconsistências na estrutura inicial em certos trechos. Isso causou inconsistências na estrutura inicial em certos trechos. Assim, a análise dos dados foi conduzida adotando uma abordagem observacional das ocorrências relacionadas ao processo de retextualização proposto por Marcuschi (2010), considerando a maneira como o aluno produziu seu próprio texto.

Enfim, nessa análise, destacamos que a pontuação no texto é, em geral, correta. No entanto, há alguns casos em que a vírgula poderia ser melhor empregada para separar ideias dentro da mesma frase, aprimorando a clareza da leitura. A ortografia foi considerada boa, com poucos erros identificados, como mostra a análise acima. É importante mencionar que no texto não foram encontrados erros de marcação de plural apenas em seu determinante.

Consoante à estrutura de paragrafação, consideramos regular, separando bem as diferentes partes do texto. No entanto, algumas orações poderiam ser mais conectadas para evitar orações justapostas, o que tornaria a leitura mais fluida. O texto não apresenta repetições excessivas de termos, e está corretamente escrito, utilizando os verbos no passado de maneira adequada.

Há algumas marcas de oralidade presentes no texto, como "vê" em vez de "ver", "atuar" em vez de "atuavam", "so" em vez de "só", entre outros. Esses elementos podem conferir ao texto um estilo mais informal e próximo da linguagem oral.

Com relação às marcas de memórias, o texto faz uso de verbos no passado que se referem ao ato de recordar e lembrar, conforme esperado para um texto que objetiva retratar as memórias de determinada comunidade.

Diante do exposto, o texto 4, reescrito a partir da fala do senhor AJM, constitui uma narração pessoal envolvente, que apresenta as marcas características do gênero memórias, com uso apropriado de tempos verbais e conteúdo individual.

Por fim, realizamos a análise da produção textual 4 do aluno FKAL.

Texto 4

Revivendo o passado

Vim morar aqui, há 39 anos. Quando aqui cheguei, tinha pouca gente. Era uma comunidade formada por apenas nove ruas, nelas, já havia algumas casas feitas, mas a maioria estava desocupada.

Quando criança nós brincávamos muito. Eram diversos tipos de brincadeiras. Uma folia! Uma das brincadeiras que eu adorava era a do lenço, a qual se fazia uma roda de gente com oito a 10 pessoas, o que fosse pego, apanharia dos demais.

Ainda jovem, comecei a namorar. Nessa época, o namoro era bem rígido, não podia beijar, nem pegar na mão, era apenas conversa. Nesse período, minha namorada tinha uma irmã, que também namorava, a mãe delas sentava no meio, entre os dois casais, “pastorando”. Nós, não contentes, combinávamos-nos, de um ir na frente e o outro ficava “lesando a veia”.

Lembro-me eram as festas, que eram muito boas. Iam das seis da noite às seis da manhã. Eram feitas no pavilhão, onde a terra era batida e irrigada, enfeitada com bandeirolas, feitas de revista. Não tinha energia, era à base da lamparina. Passávamos à noite toda dançando. As moças não podiam recusar uma dança, ou, então, não dançava com mais ninguém. Era uma regra da época. Uma regra um tanto cruel!

Quando cheguei aqui, as pessoas trabalhavam muito. Sempre havia uma troca de serviços entre os colonos, o que facilitava o trabalho para nós. Sempre tivemos um apreço um pelo outro, até porque éramos obrigados a ter um bom convívio, ou, então, éramos expulsos da colonização.

Certa vez aconteceu um fato marcante comigo. Eu tinha um jumentinho, que eu usava para ir à casa da minha namorada (hoje minha esposa). Ao ir em direção ao jumento, para voltar à minha casa, já tarde da noite, deparei-me com um pé de oiticica, que se balançou todinho. Em seguida, vi um neguinho montado num jumento, que correu atrás de mim. Nossa! Que susto! Enchi-me de medo e sai correndo desesperado. O medo era tão grande que nem sei por onde passei. Ao me aproximar de casa, gritei para minha namorada, abre a porta “muié”. Assim que ela abriu, entrei dentro de casa com jumento e tudo. Foi grande o vexame! Naquele momento, senti muito medo, mas, depois, virou motivo de risada.

Hoje o que sinto mais falta do passado é a criação do ser humano e a comida, que era natural e bastante saborosa.

Em relação ao estudo, posso dizer que está bem melhor do que naquela época. Para estudar, tínhamos que ir a pé, levar as “alpercatas” na mão, para não desgastar. Só colocávamos quando chegávamos ao local. Na outra mão, levávamos uma sacolinha, feita de pano. Dentro tinha apenas um caderno e um lápis. Era grande a pobreza, que vivíamos naquele tempo. Hoje sinto bastante saudades desse tempo, pois foram momentos importantes, em minha vida, que carrego em minhas memórias.

(Texto baseado na entrevista com senhor AFA)

Na análise do quarto texto, apreciamos o processo mnemônico a partir das recordações narradas sobre a respectiva formação da comunidade. O autor deixa evidente a constituição

inicial da comunidade, “formada por apenas nove ruas”, fato apresentado indiretamente por outros colonos em seus relatos. Essa informação nos leva a estabelecer um parâmetro de comparação entre o antes e o depois, observando assim o crescimento comunitário e as modificações ocorridas no Núcleo.

O relato do autor explana os detalhes da vida do idoso, desde a infância até a idade adulta, narrando a experiência cotidiana e os valores partilhados pela comunidade, como as brincadeiras, as regras rígidas de namoro, as festas tradicionais e a troca de serviços entre os colonos locais. Ao contar essas experiências, o autor contribui para a manutenção e a transmissão da identidade cultural do lugar.

Nesse sentido, observamos como a memória e a identidade se tornam resistentes ao serem revividas, compondo, assim, um retrato vivo do passado, já que demonstra muito da cultura do nosso povo. Sob esse prisma, podemos reafirmar que “a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também um registro do presente para que permaneça como lembrança” (Chauí, 2000 p.161). Desse modo, podemos refletir a importância de recordar o passado, já que esse fortalece nossa identidade, desperta sentimento de pertencimento das nossas origens e leva-nos a conhecer nossa constituição coletiva como língua, valores, hábitos e crenças comuns a todos os habitantes da comunidade.

No texto, o autor fez descrições pertinentes às tradições culturais e costumes sociais, como as festas no pavilhão e as regras de namoro, além das interações entre os colonos, de modo a contribuir com a transmissão dos valores e modos de vida da comunidade. Assim, o “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1987, p. 17).

Ainda sobre a produção textual 4, verificamos que o texto apresenta o uso de expressões como “muié” e “neguinho” o que reflete a linguagem local e a riqueza cultural desse povo. Há ainda uma conexão clara entre o passado e o presente, em que o autor remete uma comparação ao longo desse marco temporal, destacando mudanças significativas, como a melhoria no acesso à educação, bem como ilustra as memórias que ajudam na compreensão da evolução da identidade cultural ao longo do tempo. A ênfase, portanto, tem aporte nas experiências compartilhadas ao mencionar a colaboração entre os colonos. O autor ressalta as vivências que uniam a comunidade e, conseqüentemente, formavam a sua identidade coletiva.

Destarte, o texto busca exemplificar como as memórias individuais contribuem para a preservação da identidade coletiva da comunidade. Nesse texto, a linguagem foi uma ferramenta por meio da qual o autor compartilhou suas tradições, valores e modos de vida, mantendo viva a rica herança cultural da comunidade. O diálogo interativo entre o autor e o

leitor no contexto das memórias reforçou, nesse âmbito, a conexão entre os indivíduos e a cultura, perpetuando essa identidade ao longo das gerações.

Analisando os aspectos estruturais do texto 4, foi possível observar que apresenta uma pontuação, em geral, adequada. No entanto, há alguns casos em que a vírgula poderia ser utilizada para separar ideias em uma mesma frase, tornando a leitura mais fluída. A ortografia está boa, com poucos erros identificados. O texto não apresenta erros de marcação de plural apenas no determinante.

A estrutura de paragrafação está bem organizada, com parágrafos delimitando diferentes tópicos. Não há problemas significativos de orações truncadas ou justapostas. O texto não apresenta repetições excessivas de termos. O uso dos verbos está correto, sendo estes empregados de forma adequada no passado. Vale ressaltar ainda que o texto faz uso dessa modalidade verbal para referir-se ao ato de recordar e lembrar, característicos dos textos do gênero memórias. As marcas de oralidade apresentadas não se configuram significativas, mantendo um tom mais formal de escrita.

Enfim, o texto apresenta uma narrativa pessoal interessante com poucos desvios. A pontuação e a estrutura de parágrafos estão bem trabalhadas, proporcionando uma leitura espontânea. O uso de tempos verbais no passado está de acordo com as marcas dos textos de memórias. O autor transmite suas memórias de forma clara e envolvente, o que contribui para criar uma cena mais vívida na mente do leitor, evocando imagens sensoriais e contextuais.

5 NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DE SEQUÊNCIA DE OFICINAS DIDÁTICAS

Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito.

(Dolz; Schneuwly, 2004, p. 82)

Partimos da concepção de que uma aprendizagem significativa tem suas raízes arraigadas no percurso formativo e na prática pedagógica docente, já que o professor atua como fio condutor entre o saber e o aluno. Essa abordagem também se aplica ao ensino de língua/linguagem, pois, o docente, ao oferecer situações reais e concretas de uso da língua no cotidiano escolar, proporciona ao aluno apropriar-se de práticas linguísticas mais consolidadas. Para que a aprendizagem linguística seja ainda mais sólida, é necessário que a prática pedagógica esteja alinhada à realidade discente, a fim de extrapolar os muros da escola. Para alcançar esse objetivo, buscamos proporcionar aos alunos o contato com a diversidade de gêneros textuais presentes no meio social e cultural atual.

Sob esse prisma, é válido afirmar que as aulas de língua portuguesa não podem se reduzir apenas ao ensino mecânico e engessado de regras gramaticais, que em nada contribui para o desenvolvimento de alunos críticos e autônomos, pois se assim for, ficarão como Antunes (2003, p. 17) pontua: “privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, ‘sujeitos inexistentes’”. Desse modo, devemos promover um ensino cuja aprendizagem esteja voltada para o uso e reflexão da língua, a fim de que o aluno possa ampliar suas habilidades comunicativas interacionais. Para tanto, tomamos como ponto de partida o trabalho com os gêneros textuais, considerados não somente instrumentos de comunicação, mas objetos de ensino aprendizagem, capazes de organizar as atividades de linguagem.

Nesse direcionamento, pautamo-nos nas memórias, enquanto narrativa oral, como instrumento para aprimorar o ensino da língua portuguesa, por considerá-las necessárias para mediar a prática pedagógica e o uso interacionista da língua. Bem como para aproximar, por meio do contato sociodiscursivo interacional, os contextos escolar, familiar e/ou social do aluno, para favorecer a valorização das origens e a identidade cultural dos discentes, além das produções orais e escritos condizentes à realidade estudantil.

Ancorado nessa concepção, elaboramos um caderno pedagógico intitulado *Pelos Retalhos da Memória*, organizado em formato de oficinas didáticas. O caderno prioriza o desenvolvimento das práticas discursivas acerca da produção de memórias, principalmente, no

tocante às habilidades de oralidade e escrita como instrumentos de preservação da identidade cultural de um povo. A referida intervenção apresenta como respaldo para o trabalho do professor a produção oral e escrita, baseada nas memórias narradas por idosos como ponto de partida para a produção de um Relato de Memórias.

As sugestões de oficinas presentes no Caderno Pedagógico *Pelos Retalhos da Memória* são direcionadas aos três professores de Língua Portuguesa e a turmas do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Dione Diniz O. Dias, no entanto, podem adaptar-se a outras turmas e a outras escolas, conforme suas realidades. Pretendemos, pois, disponibilizar este material de apoio para a 10ª Gerência de Ensino do Estado da Paraíba para que outras escolas possam utilizar esse caderno como suporte em suas respectivas turmas de Ensino Fundamental e, assim, valorizar as vivências e experiências de seus alunos e familiares, bem como de moradores da comunidade local, como princípio para suas aulas.

Temos a convicção de que a apresentação dessa produção durante planejamentos pedagógicos, tanto na Escola Dione Diniz, quanto em outras esferas educacionais, é relevante para proporcionar aos docentes uma formação sólida e possibilitar uma abordagem mais enriquecedora do ensino da linguagem escrita.

5.1 CADERNO PEDAGÓGICO: PELOS RETALHOS DA MEMÓRIA



APRESENTAÇÃO

O presente caderno pedagógico é um material didático voltado para professores do Ensino Fundamental, precisamente das turmas de anos finais, com o objetivo de auxiliá-los no processo de produção textual oral e escrita, baseado no gênero memórias. Esse material foi produzido como resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande – PB, campus Cajazeiras, em 2023. O programa exige como resultado da pesquisa um produto pedagógico que sirva como respaldo para o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Nesse contexto, apresentamos como produto dessa dissertação, o caderno intitulado *Pelos retalhos da memória*, com orientações didáticas para o ensino aprendizagem da oralidade e escrita a partir da contação de memórias.

A dissertação intitulada “Linguagem, Memórias e Ensino: instrumentos para desenvolver habilidades de oralidade e escrita”, apresenta como objeto de estudo o gênero memórias narrativas como suporte para aperfeiçoar as habilidades de oralidade e escrita de alunos do Ensino Fundamental, como recurso para preservar a identidade cultural de um povo. No nosso caso, para registrar as histórias contadas por idosos da comunidade do Núcleo Habitacional, macroespaço onde ocorreu a pesquisa e situa-se a E.E.E.F.M Professora Dione Diniz O. Dias, instituição na qual a pesquisadora atua como docente.

O desejo por essa pesquisa intensificou-se quando a instituição desenvolveu uma proposta pedagógica que contemplou a participação de alguns idosos da comunidade, conhecidos por colonos, em uma gincana cultural. Na ocasião, essas pessoas relataram um pouco de suas experiências, modos de viver do passado e histórias de vida, bem como um pouco de como se deu o processo de formação histórico-cultural da comunidade. Observando a trajetória dos participantes, foi evidenciado que não há, em nossa escola ou comunidade, registro que garanta subsídios para o trabalho em sala de aula, pois as histórias estão apenas na fala e na memória dessas pessoas.

Desde então, o olhar curioso de investigar sobre esse processo e como ele poderia ser ressignificado em sala de aula floresceu e despertou o desejo de pesquisar e elaborar um material que garantisse subsídios para estudos futuros sobre a comunidade. Além disso, que influenciasse no aprimoramento das habilidades linguísticas dos alunos, pois, estudando esse material, os alunos têm a oportunidade de conhecer suas origens e realizar atividades de linguagem. Esse fator possibilita compreender e falar do espaço onde vivem, além de desenvolver as habilidades de oralidade, escuta e escrita, consideradas essenciais no processo de ensino aprendizagem.

SEQUÊNCIA DE OFICINAS DIDÁTICAS

Prezado professor,

Para facilitar o seu trabalho, apresentamos a seguir uma Sequência de Oficinas Pedagógicas que contemplam atividades para aprimorar as habilidades de oralidade e escrita nas turmas dos anos finais do EF. Essa proposta parte da utilização das memórias, enquanto narrativas orais, como instrumento de preservação da identidade cultural de um povo à luz da perspectiva sociointeracionista.

Esperamos que esse caderno seja significativo para o seu trabalho docente. Apresentamos a seguir as atividades que favorecerão o contato dos interlocutores durante a narração das histórias tão necessárias em nosso cotidiano. Esse material é uma sugestão para você explorar em suas aulas de Língua Portuguesa e fazer desse percurso sua dinâmica de sala. Se seguir o passo a passo, com certeza, você colherá excelentes frutos na sua prática pedagógica e estará incentivando seus alunos a valorizar a identidade cultural do povo e a se descobrirem enquanto falantes da LP, bem como perceberem o quanto são brilhantes e capazes de se esforçarem na prática diária da produção textual. Que você tenha bons resultados.

MEMÓRIAS COMO INSTRUMENTO PARA PRÁTICA SOCIODISCURSIVA EM SALA DE AULA

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel García Márques

OFICINA 1: Apresentando o gênero textual Memórias

OBJETIVOS:

- Compreender o que é memória;
- Reconhecer que as memórias fazem parte do nosso cotidiano e que elas favorecem a prática interacionista da linguagem.

- Professor, apresente à turma o gênero Memórias.

Dica para o professor:

Antes de mais nada, sonde os conhecimentos prévios dos alunos. Procure saber se eles sabem o que é, se sabem a importância das memórias para nossa vida, ou se já ouviram falar sobre essa modalidade textual tão presente na nossa vida cotidiana.

- Converse com os alunos sobre o significado de “memória” e “memórias”. Registre as definições na lousa.
- Esclareça que todos temos episódios que merecem ser lembrados, porque foram importantes e marcantes em nossas vidas.
- Reforce que o ato de narrar memórias vem de tempos muito distantes, que era algo muito comum entre as pessoas antes de existir outras formas de entretenimento. Ilustre o momento com o seguinte trecho do livro *Velhos amigos*, de Ecléa Bosi:

De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar.

Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.

Ecléa Bosi. *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



Fonte: [“o que a memória ama, fica eterno” - Bing images](#)

Sugestão para o professor:

Organize um pequeno mimo. Junto a ele, anexe a imagem como um pequeno cartão.

➤ Feita a discussão oral, desperte o interesse dos alunos sobre o gênero. Leia para eles o texto: **“O que a memória ama, fica eterno”** - Adélia Prado (disponível em: [Adélia Prado: O tempo leva a vida. A memória traz de volta o que importa - 50emails](#)).

➤ **TEXTO: O que a memória ama fica eterno**

Quando eu era pequena, não entendia o choro solto da minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender. O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano.

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente parte. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis. Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos pais ainda vivem.

Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

A capacidade de se emocionar vem daí: quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira. Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você – foi o fundo musical de um amor, ou a trilha sonora de uma fossa – e mesmo que tenham se passado anos, sua memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações; alguma parte de você volta no tempo e lembra aquela pessoa, aquele momento, àquela época...

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar dentro da gente. É comum ver amigos da juventude se reencontrando depois de anos – já adultos ou até idosos – e voltando a se comportar como adolescentes bobos e imaturos. Encontros de turma são especiais por isso, resgatam as pessoas que fomos, garotos cheios de alegria, engraçadinhos, capazes de atitudes infantis e debiloides, como éramos há 20 ou 30 anos. Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos... mesmo que por fora restem cabelos brancos, artroses e rugas.

A memória não permite que sejamos adultos perto de nossos pais. Nem eles percebem que crescemos. Seremos sempre “as crianças”, não importa se já temos 30, 40 ou 50 anos. Para eles a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... ainda são muito recentes, pois a memória amou, e aquilo se eternizou.

Por isso é tão difícil despedir-se de um amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas. Dizem que o tempo cura tudo, mas não é simples assim. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um band-aid na dor. Mas aquilo que amamos tem vocação para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando. Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode ser facilmente reativado por novos gatilhos: somos traídos pelo enredo de um filme, uma música antiga, um lugar especial.

Do mesmo modo, somos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex-amores, amigos, irmãos. E mesmo que o tempo nos leve, daqui seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.

Disponível em: [Adélia Prado: O tempo leva a vida. A memória traz de volta o que importa - 50emails](#)

Sugestão para o professor:

Procure narrar a história sem prender-se ao papel.
Seja instigante e criativo.

Curiosidade

FIXANDO O GÊNERO:

- Após a narração, pontue:
 - O que é o gênero textual Memórias?
 - Onde vivem os assuntos que merecem um texto desse?
 - Qual o propósito comunicativo do gênero textual?
 - Quem é o público alvo desse gênero?
 - Qual é a situação que dá origem ao gênero?
 - Qual o tipo de linguagem utilizada nesse gênero?
- Aproveite o momento e apresente a autora do texto, dê-lhes algumas informações utilizando o box ao lado.

Dica para o professor:

Professor, se desejar ampliar seu trabalho com outra modalidade narrativa, sugerimos que explore a biografia. O box ao lado explana traços biográficos da autora. Caso queira mais informações sobre Adélia Prado, acesse aos links indicados.



Adélia Prado nasceu em Divinópolis - MG (1935). É uma escritora e poetisa brasileira, professora por formação. Recebeu da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Jabuti de Literatura, com o livro "Coração Disparado", escrito em 1978. Considerada a maior poetisa viva do Brasil, é uma das maiores de todos os tempos. Consagrou-se como a voz mais feminina da poesia brasileira. Em 2014, foi condecorada pelo governo brasileiro com a "Ordem do

Acesse: [Adélia Prado – Wikipédia](#), [a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#), ou [Biografia de Adélia Prado - eBiografia](#).

OFICINA 2: Explorando o gênero

OBJETIVOS:

- Ampliar o conhecimento sobre o gênero;
- Ler e explorar textos de memórias;
- Identificar as marcas linguísticas típicas desse gênero.

Dica para o professor:

Amplie os conhecimentos dos alunos com a leitura dos conceitos abaixo para facilitar a compreensão do gênero em pauta.

O gênero Memórias na concepção dos estudiosos:

Segundo Walter Benjamin (2004), a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio sutil no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava.

Através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência. Assim, é possível afirmar que os fatos vivenciados no hoje são frutos de situações vivenciadas por outros que refletem na nossa identidade.” (BOSI, 2007, p. 47)

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, memória é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”. No mesmo dicionário, encontramos para memórias: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

➤ Esclareça que as memórias são narrativas que podem ser oralizadas ou escritas, por isso possuem suas próprias particulares.

➤ Prepare um material para explanar o gênero. O conteúdo pode ser explorado por materiais diversos: Power Point; mapa conceitual produzido na lousa, entre outros. Como está exemplificado na imagem seguinte.



(Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora)

- Explorando o conteúdo, retome o texto **O que a memória ama fica eterno**, de Adélia Prado. Leia-o de maneira oralizada e coletiva. Proporcione uma roda de conversa para verificar se os alunos compreenderam o que foi abordado na aula.
- Para orientar a discussão, utilize a mini lição 1.

Sugestão para o professor:

Entregue cópias do texto **O que a memória ama fica eterno**, de Adélia Prado, para facilitar a discussão.

➤ FIXANDO O GÊNERO:

Minilição 1:

- Qual a temática apontada no texto?
- Qual é o provável perfil dos interlocutores, ou seja, quem escreve e para quem?
- Qual a finalidade do gênero, ou seja, por que se escrevem textos de memórias?
- Qual o suporte dos textos de memórias, ou seja, onde são publicados?
- Os textos desse gênero são de cenários e situações reais?
- Quais os tempos verbais mais presentes nesse gênero textual? Por quê?
- Qual é o foco narrativo nas memórias? Explique.
- O texto apresenta personagens? Se sim, quem é (são)?
- No texto, você identificou expressões da fala? Se sim, qual (is)?

Orientações para o professor:

Explore com os alunos os aspectos da oralidade presentes na fala e como esses estão inseridos nos textos escritos.

- Extralinguísticos;
- Paralinguísticos;
- Linguísticos;

- Para finalizar esse momento, questione aos alunos se eles já ouviram uma história de algum parente ou conhecido. Se sim, peça-lhes que contem. Enquanto isso, oriente a turma a respeitar o momento de fala dos colegas, para que esses sintam-se à vontade e acolhidos, bem como reconheçam que sua história está sendo valorizada.

VOZ DO ALUNO

OFICINA 3: Aprofundando o gênero:

OBJETIVOS:

- Ler e analisar textos de memórias;
- Conhecer a situação comunicativa desse tipo de texto.

Prezado professor,

Você já explorou a parte conceitual do gênero. Para aprofundar essa etapa, sugerimos a leitura de dois ou mais textos do gênero em discussão, conforme a sua necessidade. Neste momento, vamos nos apropriar do gênero, adentrando ao seu viés de construção e funcionamento de um texto baseado em vivências pessoais, no intuito de aprimorar as habilidades linguísticas de oralidade/escuta.

- Promova uma roda de leitura compartilhada e oralizada com textos do gênero *Memórias*.

Dica para o professor:

Entregue cópias do texto para facilitar o andamento da atividade.

Sugestão para o professor:

Texto 1: Minha história

Texto 2: Revivendo o passado

Ou verificar outro texto da coletânea desse caderno, ou a seu critério.

- A partir da leitura dos textos, discuta com os alunos seguintes aspectos da minilição 2:

Minilição 2:

Descrições	Texto 01	Texto 02
Qual assunto?		
Tipo de linguagem empregada		
Tipo de narrador		
Personagens		
Tempo		
Espaço		
Clímax		

Observação:

- Essa atividade pode ser desenvolvida na lousa ou material PowerPoint para fixar os conceitos aprendidos.
- No decorrer da discussão, os alunos podem registrar no caderno a minilição 2.

- Converse com os alunos sobre as histórias narradas nos textos.
- Esclareça que, assim como os textos, há muitos outros meios/objetos que uma história pode ser contada. Nesse momento, enfatize que um desses é a fotografia. Relate que, por trás do álbum de fotografias da família, existe um vasto mundo a ser explorado.

Dica para o professor:

Solicite aos alunos que, em casa, selecione algumas fotos com seus parentes referentes a momentos importantes realizados na escola ou comunidade e peça-lhes que procure a história que há nelas, registrando-a no caderno. Sugira aos alunos que levem os achados para a próxima aula.

OFICINA 4: Explorando as memórias**OBJETIVOS:**

- Perceber como as fotografias podem recordar o passado;
- Estabelecer contato entre as memórias individual, familiar e coletiva;
- Ressignificar a memória por meio da oralidade e da escrita;
- Perceber como as fotografias ajudam a recordar a história.

Professor,

Reflita, frente aos alunos, a importância de registro de memórias como um instrumento de preservação das vivências pessoais, culturais e histórica de um povo. Essa atividade promoverá uma narração oral das histórias por meio das fotografias antigas.

- Neste momento, inicie a narração dos fatos a partir das fotografias que você levar para a sala. Procure ser o mais instigante possível.
- Oportunize uma roda de conversa para que os alunos possam partilhar as histórias registradas nas fotos pessoais que levaram.
- Após a narração das memórias, selecione com a turma as fotos que possuem uma história coletiva, comum a todos.
- Proponha a montagem de uma linha do tempo para registrar cronologicamente as narrativas apresentadas nas fotos.
- Auxilie na organização dos fatos.
- Divida as tarefas de montagem e edição dos textos por grupos.

Sugestão para o professor:



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

- Após a construção da linha do tempo, promova uma exposição em um local visível da escola.
- Com a exposição montada, convide o público para conhecer as histórias por trás das fotografias.

Dica para o professor:

Para ampliar essa atividade, o professor pode, antes, levar sua turma a um museu para compreender melhor a organização cronológica dos fatos históricos.

OFICINA 5: Narrando memórias

OBJETIVOS:

- Promover um diálogo intergeracional entre alunos e pessoas mais velhas;
- Favorecer o relembrar de narrativas.

Dica para o professor:

- Convide algum funcionário antigo da escola, para relatar suas vivências dentro daquela instituição.
- Organize previamente o espaço e um roteiro de perguntas para conduzir o momento.
- Oriente aos alunos a ouvirem atentamente a narração e a registrar os fatos que despertaram sua curiosidade.

- Inicie apresentando a pessoa e outras informações que julgar importantes sobre ela.
- Peça ao convidado que relate algum momento marcante de sua vida dentro da escola.
- No final, abra um diálogo para que os alunos possam interagir com o convidado.

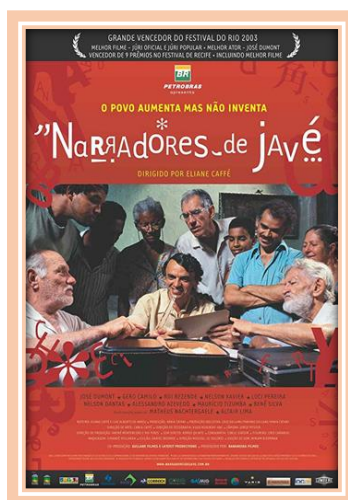


Fonte: [fotos de interlocutores desenhos - Bing images](#)

OFICINA 6: Entre as memórias e a história

OBJETIVOS:

- Refletir a importância de registrar as memórias coletivas da comunidade para que a história se perdue.
- Professor, promova uma sessão de cinema com a exibição do filme **Narradores de Javé**.



Disponível em: [\(153\) Narradores de Javé FILME - YouTube](#)

Sugestão para o professor:

Sugerimos que você baixe e teste o filme com antecedência para não haver problemas na execução da atividade. Organize um espaço propício para a exibição.

- Após a exibição, discuta com os alunos os seguintes aspectos do filme:
- Qual a temática apresentada?

- Qual o principal objetivo dos moradores para registrar a história oral de Javé?
- Como os fatos se desenrolam ao longo do filme?
- Qual tipo de linguagem foi observada? Qual a sua importância para a construção histórica de um local?

A partir da compreensão do filme, questione aos alunos o porquê da escrita ser importante em nossas vidas. Converse com eles sobre a importância do registro escrito.

- Converse com seus alunos sobre a história da comunidade onde moram. Pergunte-lhes se conhecem a história da localidade, se ela possui um registro escrito, ou se a história local está apenas nas lembranças dos seus moradores.
- Investigue junto à biblioteca da escola, ou algum outro órgão, a existência desse registro. Se houver, apresente-o a seus alunos.
- Organize um estudo de campo com a turma para esse local a fim de conhecerem a história. Peça aos alunos que registrem as informações encontradas.

Sugestão para o professor:

Visite o local com antecedência. Explore um pouco da história com o responsável e oriente-o sobre o objetivo da atividade.

- Realizado o estudo, providencie uma roda de conversa sobre o estudo realizado.
- Esclareça que o próximo passo será conhecer a história local a partir de conversas com os moradores da comunidade.

OFICINA 7: Conhecendo o gênero textual Entrevista

OBJETIVOS:

- Conhecer o gênero Entrevista, suas características, estrutura e funcionamento;
 - Ler e analisar entrevistas para compreender o gênero e sua importância para a coleta de dados.
- Professor, inicie esse momento apresentando à turma o gênero Entrevista.

Dica para o professor:

Antes de mais nada, sonde os conhecimentos prévios dos alunos. Para isso, questione se sabem o que é, se conhecem textos dessa natureza, a importância desse tipo de texto, se já leram ou assistiram a alguma entrevista...

- Após a sondagem, explore o gênero e suas propriedades: estrutura, tipos, finalidade, domínio, esfera de uso, linguagem utilizada. O conteúdo pode ser explorado através de material Power Point ou na própria lousa. Realize conforme a sua realidade.
- Ilustre o momento com a leitura de um trecho de uma entrevista escrita. Leve o material xerografado para que os alunos interajam durante o momento.
- A seguir, apresente, de preferência, o mesmo trecho escrito em áudio ou vídeo.

Sugestão para o professor:

Exemplo 1: Trecho de entrevista com a autora Clarice Lispector, ao jornalista Júlio Lerner, vinculada ao programa Panorama, TV Cultura, em 1977.

Exemplo 2: vídeo da entrevista com Clarice Lispector

Disponível em: [Gênero textual Entrevista - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](http://todamateria.com.br/genero-textual-entrevista/)

➤ Converse com os alunos sobre a importância desse gênero textual para a coleta das informações frente aos moradores da comunidade. Explique que a partir dos relatos dessas pessoas, os alunos produzirão textos de memórias e serão os guardiões das memórias dos idosos e que esses textos serão organizados numa coletânea para futuros estudos sobre a narração dos fatos.

OFICINA 8: Montando a Entrevista**OBJETIVO:**

- Planejar a entrevista.

Professor, chegou o momento de pensar com seus alunos o que se deseja alcançar na entrevista.

➤ Apresente o(s) tema(s) que irão abordar nas entrevistas. Selecione junto à turma aqueles que mais despertaram o interesse destes.

Sugestão para o professor:

- Informações pessoais;
- Modos de viver do passado;
- Origem e transformação do espaço físico;
- Eventos marcantes que viveu na comunidade;
- Moradores importantes que contribuíram na comunidade;
- Movimentos de participação social;
- Festas tradicionais da época;
- Histórias contadas na época.

Disponível em: [O entrevistado e o tema \(escrevendoofuturo.org.br\)](http://escrevendoofuturo.org.br/entrevistado-e-o-tema/)

➤ Realize com os alunos um levantamento com os possíveis nomes dos entrevistados, conforme o perfil desejado para a entrevista.

➤ Organize um sorteio para a formação dos pares.

➤ Oriente aos alunos os procedimentos necessários para a realização de uma entrevista.

➤ Prepare o roteiro de acordo com o(s) tema(s) a ser(em) investigado(s). Utilize a lousa para registrar a construção desse recurso. Após, leia-o para conferir se não falta alguma informação que desejem encontrar. Peça aos alunos que registrem no caderno.

➤ Estabeleça um calendário com data/horário para as visitas, conforme a sua realidade.

➤ Visite cada morador com antecedência e esclareça o trabalho que está sendo desenvolvido em suas aluas. Comunique-lhe de que receberá uma visita de seus alunos para uma conversa.

OFICINA 9: Realizando a Entrevista

OBJETIVO:

- Realizar as entrevistas.

Professor, chegou o momento de ir a campo conhecer as histórias dos moradores.

- Acompanhe seus alunos para a aplicação das entrevistas.

Dica para o professor:

Oriente os alunos a utilizarem os telefones celulares para gravarem a entrevista e registrarem o momento.



OFICINA 10: Explorando os recursos da oralidade

OBJETIVOS:

- Registrar as informações encontradas nas entrevistas;
- Discutir e analisar as marcas de oralidade.

Professor:

- Promova uma roda de conversa para discutir os dados encontrados.
- Peça aos alunos para transcreverem as respostas no roteiro de perguntas, conforme a fala do entrevistado.
- Observe as marcas de oralidade nas entrevistas e analise-as na lousa. Peça aos alunos que identifique-as no texto, utilizando um lápis grafite.

Dica para o professor:

Observe os critérios (extralinguísticos, paralinguísticos e linguísticos) já apresentados na Oficina 2.

➤ Agora, proponha a seus alunos a produção escrita de um texto baseado nas entrevistas. Sugerimos a proposta de Relato de Memórias.

Dica para o professor:

Chegamos ao momento de registrar por escrito as memórias dos idosos. Para isso, faremos um percurso formativo com o olhar voltado para os padrões da modalidade escrita da Língua Portuguesa. Tomamos como foco enunciativo discursivo o gênero textual **Relato de Memórias**.

OFICINA 11: Conhecendo o Relato de Memórias

OBJETIVOS:

- Conhecer o gênero Relato de Memórias e suas propriedades;
- Ler textos desse gênero e observar como se estruturam;
- Ampliar a abordagem conceitual do gênero e suas propriedades.

Professor:

➤ Apresente o gênero Relato de Memórias aos alunos. Explore o conteúdo por meio de Power Point, mapa conceitual, vídeo, ou como melhor lhe convir.



Chama-se relato de memórias o texto em que narrador conta fatos da sua vida. É tipicamente um gênero do modo narrativo, assim como a novela e o conto, porém essa classificação é predominantemente

Disponível em: [estrutura e características do relato de memória - Bing images](#)

- Abra espaço para os alunos esclarecerem as dúvidas que surgirem sobre o gênero.
- Leve dois ou mais textos desse gênero para a sala.
- Promova uma roda de leitura para explorar os textos.
- Analise a estrutura e a composição dos textos juntamente com os alunos.

Sugestão para o professor:

Utilize os textos disponíveis nos apêndices desse caderno, ou algum outro que julgar pertinente.

- Para explorar os textos, utilize as mini lições já propostas ao longo desse caderno.
- Peça aos alunos que registrem as informações.
- Analisados os textos, é hora de propor o momento inicial da produção textual.

OFICINA 12: Planejando o relato de Memórias

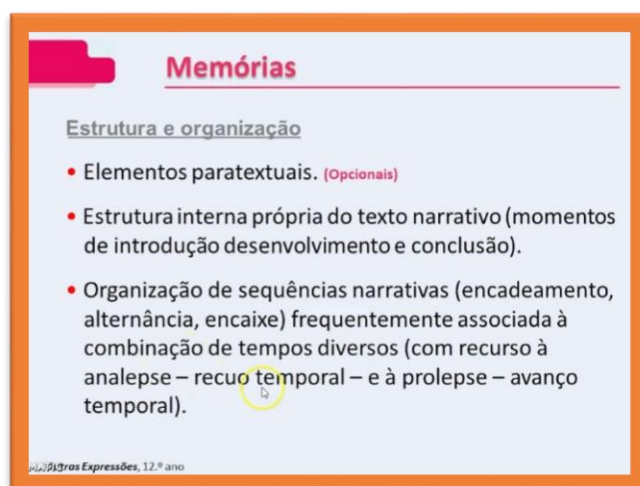
OBJETIVO:

- Traçar a estrutura textual da narrativa.

Professor,

Você orientará seus alunos a construírem o primeiro esquema textual.

- Peça a seus alunos que releiam o roteiro de entrevista a fim de relembrar as vivências.
- Organize a sequência dos fatos narrados.
- Esclareça que esse tipo de procedimento deve ser utilizado para qualquer produção textual, pois ajudará na construção e ordenação das ideias.
- Reflita com eles a esfera, domínio comunicativo que desejam alcançar.
- Explore os tópicos que devem aparecer nos textos dessa natureza.



Disponível em: [\(253\) Género textual - Memórias - YouTube](#)

OFICINA 13: Produção e conferência do esboço do Relato de Memórias

OBJETIVOS:

- Produzir e revisar o primeiro esboço da narrativa.

Professor, chegou o momento de seus alunos escreverem.

- Oriente aos alunos a manterem o foco nos fatos que desejam narrar.
- Caso eles apresentem dificuldades para escrever, sugira-lhes que releiam os textos já utilizados em outras oficinas para ter clareza para suas ideias.
- Reforce a eles para não copiarem trechos prontos dos outros textos.
- Deixe-os livres para pensar e escreverem suas histórias.

- Após a produção inicial, peça aos alunos para lerem suas produções coletivamente em pequenos grupos, para conferirem o conteúdo, a estrutura do texto e outras informações que forem pertinentes, para poderem aperfeiçoar a escrita da produção.
- Solicite aos alunos que registrem as sugestões dos colegas.



Sugestão para o professor:

Utilize os textos disponíveis nos apêndices desse caderno, ou algum outro que julgar pertinente.

OFICINA 14: Revisão e reescrita do Relato de Memórias

OBJETIVOS:

- Revisar e reescrever a produção inicial.



Disponível em: [socialização da escrita coletiva ilustração - Bing images](#)

Professor, agora é o momento de seus alunos revisarem os esboços.

- Reflita com eles as colocações feitas pelos colegas.
- Peça que releiam o texto, procurando inserir as informações sugeridas que forem relevantes para a reescrita.

- Esclareça que essas informações devem ser marcadas com lápis grafites e inseridas no final do texto para uma nova apreciação.
- Feitas as marcações, solicite a reescrita.

OFICINA 15: Conferindo o Relato de Memórias

OBJETIVO:

- Socializar a reescrita à apreciação coletiva.

Professor,

- Após o procedimento de reescrita, peça a seus alunos que socializem a nova escrita.
- Incentive-os a participarem do momento, pois é de suma importância para a construção do conhecimento, considerando a necessidade de revisarem suas produções.
- De maneira coletiva, e na lousa, reflita com eles as construções que ainda carecem de ajustes, uso de pontuação, ortografia e uso funcional da gramática.
- Realizados os procedimentos, organize um espaço adequado para a leitura dos textos.
- Ao final da execução, elogie a produção dos textos.
- Depois, reflita com eles se realmente alcançaram ou expressaram aquilo que realmente queriam e, se na produção textual, eles observaram o roteiro da entrevista organizado anteriormente.



Disponível em: [Teacher Pointer Blackboard Isolated 3d Image: ilustrações stock 123138859 | Shutterstock](https://www.shutterstock.com/pt/imagens/Teacher-Pointer-Blackboard-Isolated-3d-Image)

Sugestão para o professor:

Utilize os textos disponíveis nos apêndices desse caderno, ou algum outro que julgar pertinente.

OFICINA 16: Editando o Relato de Memórias

OBJETIVO:

- Utilizar as ferramentas de edição de textos.

Professor:

- Agora é o momento de seus alunos digitarem os textos.

- Oriente-os para fazerem isso nos computadores da escola. Caso sua escola não possua, peça-lhes que tragam seus próprios notebooks, ou baixem um aplicativo de edição de textos nos celulares.
- Divida a turma em duplas para facilitar a atividade.
- Oriente-os a observar, durante a reescrita, o funcionamento da gramática e outros recursos próprios da convenção da língua escrita em suas produções.



Disponível em:

[bing.com/newtabredir?url=https%3A%2F%2Fwww.pngjoy.com%2Fpreview%2Fs4x7u6p7r1z0g5_girl-and-boy-writing-clipart%2F](https://www.pngjoy.com/preview/4x7u6p7r1z0g5_girl-and-boy-writing-clipart/)

Sugestão para o professor:

Utilize os textos disponíveis nos apêndices desse caderno, ou algum outro que julgar pertinente.

OFICINA 17: Averiguando o Relato de Memórias

OBJETIVO:

- Auxiliar na revisão da revisão da produção textual do próprio aluno.

Professor:

- Leia com seu aluno o texto dele.
- Reflita com ele os critérios que ainda necessitam ser melhorados.
- Observe se os critérios de coesão e coerência estão bem dispostos ao longo do texto, se há desvio quanto à pontuação, caso tenha, utilize estratégias que levem a pontuar corretamente.
- Verifique se o texto atende ao que se exige do gênero.
- Ao concluir a revisão, peça aos alunos que reeditem os textos. Sugira a criação de título, nome do autor e baseado na entrevista de quem.
- Peça que salvem os textos, pois eles serão organizados numa coletânea e será disponibilizada na biblioteca da escola.



Disponível em: [Many children doing different activities 414912 Vector Art at Vecteezy](https://www.vecteezy.com/free-vector/Many-children-doing-different-activities-414912)

Sugestão para o professor:

Utilize os textos disponíveis nos apêndices desse caderno, ou algum outro que julgar pertinente.

OBJETIVO:

- Refletir a aprendizagem ao longo das oficinas.

Professor, é o momento de você refletir com seus alunos se a proposta trouxe resultados para a vida escolar deles.

- Aplique um questionário avaliativo, ou realize uma roda de conversa para ouvir seus alunos.
- Abra o momento para a voz do aluno. Lembre-se de que ele é o centro do seu trabalho.
- Esclareça que, apesar de cansativo, o trabalho surtiu efeito, pois eles progrediram passo a passo. Elogie-os.



VOZ DO ALUNO

Disponível em: [Homem Da Prancheta Da Avaliação Ilustração do Vetor - Ilustração de conceito, cliente: 39061182 \(dreamstime.com\)](https://www.dreamstime.com/illustration/Homem-Da-Prancheta-Da-Avaliacao-Ilustracao-do-Vetor-Ilustracao-de-conceito-cliente-39061182-dreamstime-com)

OFICINA 19: Montando a coletânea

OBJETIVO:

- Organizar o trabalho realizado coletivamente.

Professor:

- Após a realização de todas as etapas desse percurso, organize a coletânea com a produção de seus alunos.
- Peça aos alunos que façam ilustrações baseadas na produção dos textos produzidos.
- Pensem um título para a coletânea e uma nota biográfica coletiva para anexar no final do livro.
- Publique as produções dos alunos em um livro impresso ou e-book, blog ou redes sociais, ou promova um evento maior conforme a sua realidade.
- Apresente o resultado a seus alunos.
- Organize um momento na escola para a divulgação.
- Selecione, por meio de sorteio, alguns textos para serem lidos na ocasião e estabeleça quem fará a leitura voluntária dos textos.
- Pensem na data e horário para o momento.
- Proponha a produção de um convite para a divulgação.

Sugestão para o professor:

Se puder, convide os idosos que participaram, bem como a comunidade local para prestigiar o momento de divulgação dos trabalhos.

OFICINA 20: Divulgação e exposição da coletânea (OFICINA SUGESTIVA)

OBJETIVO:

- Divulgar e expor o trabalho realizado coletivamente com os alunos para o público escolar.

Professor:

- Antecipadamente, oriente seus alunos sobre os trajes adequados para o momento.
- Convide toda a escola e comunidade para participarem do evento. Isso ajudará no reconhecimento do trabalho dos seus alunos, instigando-os a participarem de outros momentos como esse.
- Apresente o trabalho, os envolvidos e os procedimentos realizados.
- Enalteça o engajamento de seus alunos diante os presentes, fale da importância desse trabalho para sua vida.
- Abra momentos de diálogos com o público.
- Ao final, divulgue o momento no mural da escola, nas redes sociais ou outro veículo comunicativo que tiver acesso.
- Finalize com uma sessão de fotos e autógrafos.

Sugestão para o professor:

Promova esse momento como lhe for conveniente dentro da sua realidade.

COLETÂNEA DE MEMÓRIAS

Minha história

Lembro-me que saí de casa aos 15 anos, depois de receber uma surra por ter aprontado. Revoltado, deixei Antenor Navarro, minha terra natal. Andei como um andarilho errante até chegar a essa comunidade, onde permaneço até hoje. Ao chegar aqui, tudo era propriedade privada, pertencia a um senhor que não está mais entre nós. Eu era encarregado pelo serviço, irrigava e cuidava das plantações.

Depois de um tempo a propriedade foi indenizada e passou a ser organizada pelo DNOCS. Restou apenas a serra. Aos poucos, começaram a chegar os primeiros moradores, não muitos, umas 4 ou 5 famílias que deram início à colonização. Passado um tempo, a comunidade recebeu outras famílias que aqui construíram suas histórias.

Foi uma época vindoura. Porém, muito difícil, porque as maneiras de viver de antes eram bem diferentes. Trabalhávamos a semana inteira, só tínhamos o domingo para o nossa diversão. Por aqui, não havia muitas festas. Quando tinha, era mais para os lados de São Gonçalo. Eram festas simples, uns casamentos ou uns forrozinhos bons para danado.

Recordo que o povo ia para as festas de bicicleta, quando se tinha, é claro, pois até isso na época era difícil. Andei em muitas festas. Eu dançava muito e dançava bem. Lembro-me de uma festa que me marcou. Foi em Marizópolis. Havia muitas pessoas, quando cheguei. Paguei 6 mil réis. Estava acontecendo um competição para quem dançasse mais e melhor. Eu dei o meu máximo, porque eu queria aquele prêmio. Descobri uma parceira pé de valsa. Dançamos muitos, mas ganhamos o primeiro lugar. A premiação era coisa simples: uma garrafa de rum e uma caixa de cerveja. No final da competição, distribui e paguei bebida para os que ali estavam. Foi muito divertido.

Em relação à nossa comunidade, o que mais me recordo é que todos se juntavam para trazerem melhorias a fim de facilitar o trabalho na agricultura, entre elas, tratores e outras máquinas. No entanto, o colono que precisasse, teria que pagar uma quantia para os trabalhadores, poie eles também precisavam.

Outra coisa que muito me recordo são as pessoas que deram duro pela nossa comunidade. Foram homens que fizeram muito e que realmente merecem ser homenageados, pois se doaram pelos demais, posso citar aqui Chico Rita, Miguel Afonso e Raimundo Garrido. Verdadeiros homens de honra.

Outro fato que trago na memória foi uma cena que vivi quando eu vinha de São Gonçalo. Lembro que passei debaixo de um pé de árvore, quando ouvi uma pessoa cantando no bagageiro da minha bicicleta. Arrepiei-me todo! Era uma mulher bem “cheinha”. Enchi-me de pavor! Que medo aquele! Coloquei forças nas pernas para pedalar. Que vexame! A bendita mulher falou que daquele jeito, ela cairia da bicicleta, e eu, todo nervoso, respondi “pode cair”. Adiante, uma galha do pé de árvore caiu no meio da estrada, aumentando o pânico (risos). Larguei a bicicleta e corri para cima do canal e fui embora. No outro dia, quando passei por lá, a galha da árvore estava no lugar, no tronco da árvore. Depois desse episódio, nunca mais passei lá.

Hoje vivo as recordações que carrego comigo. Sinto falta das farras, das brincadeiras, das competições e da união das pessoas daquela época, que, muitas já descansam eternamente. Hoje restam-me as saudades, as lembranças daquele tempo que não volta mais. Também possuo um revólver antigo que nunca me desfiz.

(Texto baseado na entrevista do senhor GVS)

Hoje histórias, para sempre memórias

Tudo começou no dia 5 de janeiro de 1942. Atualmente, tenho 80 anos de idade, quase 81. Nasci no município de Antenor Navarro, hoje, São João do Rio do Peixe. Cheguei no Núcleo II, em 1979. E nesse mesmo ano se iniciou a minha história nessa comunidade que amo. No tempo que cheguei, a comunidade era povoada apenas pelos colonos, pessoas selecionados pelos DNOCS. Não havia muitas famílias, e as casas eram poucas. Não tinha essa estrutura que tem hoje.

Recordo que, durante minha infância, infelizmente, não tive a chance de sair para brincar e aproveitar muito, pois meus irmãos e eu ajudávamos no sustento da nossa família. Era uma época difícil mas, ainda sim, pude presenciar algumas brincadeiras da época que eram pião e bila. O meu relacionamento com meus pais era algo tranquilo. Lembro-me que minha mãe era muito carinhosa, mas meu pai bem mais rígido, comum para a época. O namoro era algo bem simples, só pegava no braço e pronto, nem sabia que estava namorando. Um beijo era algo proibido para acontecer. Tinha que ser as escondidas. Lembro-me que eu ia mais cedo para a casa da namorada, pois 9 horas já tinha que ir embora para casa.

Na minha época, as vestimentas eram totalmente diferentes das de hoje. As mulheres vestiam vestidos compridos e os homens calças simples, camiseta social e bota. Eu andava toda na beca. As festas eram minha maior diversão. Porém eu sempre ia acompanhado. Íamos na maior tranquilidade, aproveitar aqueles momentos ímpares como se fosse uma última vez. Eu era muito forrozeiro. Lembro-me que eu sempre estava com a roupa pronta nos finais de semanas, depois de muito trabalho duro. Eu aproveitava cada momento do forró, dançava, brincava, mas o que eu mais gostava era de tocar minha sanfona e pandeiro também, que inclusive guardo até hoje como recordação. Aqui acolá dou umas palinhas.

A farra e forró que sempre aproveitávamos são as coisas que mais sinto falta hoje em dia. Eu sempre tive vários amigos, mas sempre há aqueles que mais se destacam, entre elas, as que me ajudaram bastante desde o momento em que cheguei aqui com minha família, até hoje um deles é o meu vizinho, compadre Miguel, uma pessoa muito humilde e um outro foi Dodô, hoje falecido.

No decorrer da minha vida, vi e vivi muitas coisas, uma delas foi ter visto uma labareda de fogo descendo para dentro da água como se fosse uma chuvinha. Aquilo foi algo fantástico. Porém, assustador! Em seguida aconteceu mais uma vez, só que mais fraco. Dessa vez não esperei para ver pela terceira vez e já fui pegando minhas coisas e indo embora. Foi um fato marcante.

Essa é um pouco da minha história que vivi, principalmente aqui na comunidade qual também ajudei muito trazendo água para os moradores e zelando dela quando fui representante por 8 anos. Cuidei e trabalhei com amor e carinho, que mesmo em meio a tantas críticas e egoísmo, eu quis continuar, pois sabia que cuidar dela valia muito a pena, principalmente quando eu via pessoas vindo atrás da minha pessoa para que eu continuasse. Isso só mostrava que todo meu esforço havia valido a pena.

Hoje em dia nossa comunidade se desenvolveu, e a maioria dos colonos que chegaram aqui não estão mais, já descansam eternamente. Deixaram suas histórias, legados e lembranças para aqueles que ficaram e para quem procurar ouvi-las.

(Texto baseado na entrevista com senhor ZAF)

A história de uma infância

Começar minhas memórias é algo desafiador. Meu nome é Assis José Matias, nasci em 1946, tenho 76 anos e criei-me em São Gonçalo.

Quando criança, adorava acordar cedo para ver o nascer do sol, ouvir o cantar dos passarinho e tirar leite da vaca com meu pai. Quando eu chegava da roça, já ia brincar com meus amigos. Um dia fizemos uma aposta para ver qual dos piões ficariam rodando por mais tempo. Ganhei a aposta, pois o meu foi o que mais rodou. Tempo bom da infância que não volta mais.

O tempo passou, e eu cresci. Então, comecei a sentir apreço por uma garota. E resolvemos nos conhecer melhor. Depois de um tempo, começamos namorar. Lembro que assim que eu chegava na casa dela, o pai dela já dizia que ia dormir, pois no outro dia tinha que acordar cedo para ir trabalhar. Ele usava isso como desculpas para eu ir embora. Nossa, como eu ficava triste! Baixava a cabeça e saía. Namorar naquela época, era um sacrifício! Dá um beijo, então, era algo meio inédito, tinha que ser escondido. Para mim, esse fato só aconteceu anos depois, quando nos casamos.

Depois de alguns meses de casados, fui convocado para ser um dos colonos do Núcleo II. Acontecia na ocasião o meu sonho: conseguia minha casa e a terra para eu sustentar minha família. Viemos, então, para cá. Quando cheguei, o Núcleo era quase todo desabitado, tinha apenas 176 famílias.

Recordo-me também das épocas de festa aqui na comunidade. Havia um engajamento de todos os colonos, uns atuavam como porteiros, outros lavavam, outros ficavam na bilheteria. Geralmente as festas eram feitas em pavilhão, que era um espaço de terra batida e irrigada, ou na quadra, ali onde funcionou a escolinha. Uma festa que marcou a minha vida foi o casamento de um amigo de infância que ajudei a organizar.

Nossa comunidade sempre foi muito organizada e colaborativa. Lembro-me que participei de algumas campanhas de doações que eram realizadas para construir a Igreja Católica. Naquela época, muitos colonos se destacavam pelos serviços prestados. Quero aqui enaltecer o nome de dois moradores que, na minha opinião, contribuíram muito para o desenvolvimento dessa comunidade: Zilmar e seu Chico Lima. Esses homens mereciam muito uma homenagem pelo trabalho que realizaram, se doando com zelo e amor. Deveriam ter seus nomes estampados em alguma rua como forma de honrar com esmero o trabalho realizado.

Como recordar é viver, guardo como recordação do que vivi a foto do meu casamento que se realizou há 51 anos. Outra coisa que quero enfatizar no fim dessas memórias é a saudade diária que sinto dos meus pais, que já faleceram há muitos anos, e ressaltar a importância que tiveram na minha vida.

(Texto baseado na entrevista com senhor AJM)

Revivendo o passado

Vim morar aqui há 39 anos. Quando aqui cheguei, tinha pouca gente. Era uma comunidade formada por nove ruas, nelas, já havia algumas casas feitas, mas a maioria estava desocupada.

Quanto ao meu tempo de criança, nós brincávamos muito. Eram diversos tipos de brincadeiras. Uma folia! Uma das brincadeiras que eu adorava era a do lenço, a qual se fazia uma roda de gente com oito a 10 pessoas, o que fosse pego, apanharia dos demais.

Ainda jovem, comecei a namorar. Nessa época, o namoro era bem rígido, não podia beijar, nem pegar na mão. Era apenas conversa. Nesse período, minha namorada, hoje minha esposa, tinha uma irmã, que também namorava. A mãe delas sentava no meio, entre os dois casais, “pastorando”. Nós, não contentes, combinávamo-nos, de um ir à frente e o outro ficava “lesando a veia”.

Uma das coisas que mais lembro-me eram as festas, que eram muito boas. Iam das seis da noite às seis da manhã. Eram feitas no pavilhão, chão de terra batida e irrigada, enfeitado com bandeirolas, feitas de revista. Não tinha energia, era à base da lamparina. Passávamos à noite toda dançando. Mas tinha algo que não me agradava muito: as moças não podiam recusar uma dança com um rapaz. Se isso acontecesse, ela não poderia dançar com mais ninguém na festa. Era uma regra da época, que por sinal, um tanto cruel!

Quanto às minhas vivências nessa comunidade, lembro-me que, quando cheguei aqui, as pessoas trabalhavam muito. Sempre havia uma troca de serviços entre os colonos, o que facilitava o trabalho para nós. Sempre tivemos um apreço um pelo outro, até porque éramos obrigados a ter um bom convívio, ou, então, éramos expulsos da colonização.

Muitas são as recordações. Certa vez aconteceu um fato marcante comigo. Eu tinha um jumentinho, que eu usava para ir à casa da minha namorada. Ao ir em direção ao jumento, para voltar a minha casa, já tarde da noite, deparei-me com um pé de oiticica, que se balançava todinho. Em seguida, vi um neguinho montado num jumento, que correu atrás de mim. Nossa, que susto! Enchi-me de medo e sai correndo desesperado. O medo era tão grande que nem sei por onde passei. Ao me aproximar de casa, gritei para minha namorada, abre a porta mulher. Assim que ela abriu, entrei dentro de casa com jumento e tudo. Foi grande o vexame! Naquele momento, senti muito medo, mas, depois, virou motivo de risada.

Hoje o que sinto mais falta do passado é a criação do ser humano e a comida, que era natural e bastante saborosa.

Para encerrar essas recordações, quero enfatizar algo. Em relação aos estudos, posso dizer que está bem melhor do que naquela época. Para estudar, tínhamos que ir a pé, levar as “alpercatas” na mão, para não desgastar. Só colocávamos quando chegávamos ao local. Na outra mão, levávamos uma sacolinha, feita de pano. Dentro tinha apenas um caderno e um lápis. Era grande a pobreza, que vivíamos naquele tempo. Hoje, sinto bastante saudades desse tempo, pois foram momentos importantes, em minha vida, que carrego em minhas memórias.

(Texto baseado na entrevista com senhor AJM)

Sentimentos de uma época inesquecível

Através das minhas recordações que trago na memória, despertam muitos sentimentos que se tornaram inesquecíveis. Tudo começou quando eu tinha 23 anos, quando cheguei a esse lugar batizado por Núcleo Habitacional II, lugar simples onde somos felizes.

Eu vim do Socó, hoje local onde funciona o Instituto Federal. Cheguei em nossa comunidade, no ano de 1973. Aqui não tinha nada, era apenas mato. Eu morava próximo aos currais que tinha por trás da Igreja Católica. Na época que cheguei, eram poucas famílias, acho que umas quatro ou cinco. Meu marido veio trabalhar no início da colonização.

Lembro-me daquela época, em que os modos de viver eram diferentes. O namoro não era como o de hoje, em que as mulheres já se entregam de corpo e alma logo nos primeiros encontros. Quanto ao relacionamento com os pais, era muito rígido. Exigia-se respeito e obediência dos filhos. Hoje, os pais perderam a autoridade, e os filhos fingem que os escutam.

Outra coisa que recorro eram os modos de vestir das pessoas. Antes, eram roupas longas e comportadas. Hoje, as moças usam roupas muito curtas. O modo de trabalho de antes também era diferente. Todos acordavam cedo para trabalhar na enxada e roçadeira. Agora tudo é modernizado. Até o modo de se relacionar com as pessoas era diferente. Todos se respeitavam, não existia inimizade, intrigas ou indiferenças. Era um tempo maravilhoso! Todos se respeitavam. Quantas saudades!

Lembro-me que as festividades eram bem simples. Eram chamadas de tertúlias. Nem sempre acontecia, mas, quando tinha, eram festas em que se dançavam à noite toda. Era uma verdadeira alegria! No entanto, só podíamos ir se fossemos acompanhado com os pais, ou alguém de confiança deles.

Quanto aos momentos marcantes vividos nessa comunidade, recorro da construção da Igreja Católica. O finado Raimundo Garrido, juntamente com outros moradores, se reuniram para esse grande feito. Atualmente, temos uma estrutura maior e mais bonita, que também foi construída com muito esforço por todos.

Em minhas lembranças, o nome de um morador que muito contribui, e que se destacou, para o desenvolvimento dessa comunidade, foi Dona Mariquinha, um grande exemplo de doação e serviço. Infelizmente ela não se encontra mais entre nós, descansa em um local muito melhor, repousa no céu. Partiu, mas deixou um grande legado. Por isso, acredito que merece uma homenagem pelo serviço prestado à comunidade.

Há outros fatos que me recorro com clareza. Aqui na comunidade quase todos os colonos afirmavam que viam tochas de fogo. Segundo eles, elas eram brilhantes, lindas, mas bastante assustadoras. Eram vistas por eles sempre ao entardecer ou à noite quando iam à plantação.

O tempo passou! Foram tantas coisas vistas e vividas ao longo desses 73 anos. Mas se tem uma coisa que sinto muita falta é da minha infância, época que vivia com meus pais, que já repousam eternamente. Que saudades dessas lindas recordações!

(Texto baseado na entrevista com a senhora MCD)

Momentos marcantes da vida

Ah, que saudade do passado! Do tempo que não volta mais. Sento-me com minha esposa na área, passa o filme do que nos aconteceu, fatos tão diferentes dos que ocorrem hoje em dia. Tudo era motivo de alegria.

Ah, tudo mudou! E como dizem, a vida passa rápido. Só nos restam recordar e contar essas histórias que jamais pensei serem ouvidas. Andei um bocadinho pra aqui chegar. Mas vou mais a fundo, vou narrar uns fatos que estão bem escondidinhos. Eu nasci em Nazarezinho, num sítio chamado Jacaú. Antes de vir para cá, passei alguns anos morando em outra comunidade, mas lutei pelo meu direito e ganhei nessa comunidade o meu espaço.

Lembro-me que antigamente as crianças brincavam. Era diferente de hoje em dia que só ficam no celular ou videogame. No meu tempo de menino, corríamos no taboleiro, jogávamos tapa um no outro. Era muito divertido. E os namoros? Era bom demais. Lembro-me que ficávamos afastado um do outro, jogando pedrinhas ou torrãozinho. O beijo era visto como motivo de desonra para a moça e só era permitido depois do casório. Antes, nem pensar. (risos).

Naquele tempo, a educação era severa, a regra era uma só. Os filhos não eram doidos de desobedecerem, aprendiam desde cedo que não era não. Não tinha essa de se espernear. Não eram como os de hoje que não respeitam mais, perderam, inclusive, os bons costumes: pedir a bênção ou rezar o rosário às seis da noite.

Quando cheguei nessa comunidade, a vida era bem difícil, mas recordo com saudade aqueles tempos. Uma coisa que me lembro bem era dos modos de trabalhar. Acordávamos cedinho, tomávamos caféquentinho, saído do fogão a lenha, não tinha muita chiqueza, pegávamos as ferramentas e íamos à roça. Os lotes bem verdinhos enchiam nossos olhos de alegria. A volta para casa se transformava em uma verdadeira diversão, pois sempre encontrávamos algum companheiro com quem vinha proseando. Todos nos conhecíamos, o respeito era o centro da amizade. Era uma espécie de grande família.

Também recordo das formas de diversão. As festas eram muito boas. Trabalhávamos a semana toda, para no domingo ir ao forró. Numa dessas festas, quando ainda molecote, percebi uma mocinha que me olhava. Lembro que ela veio a minha procura querendo me namorar. Naquela época, os namoros eram para casar, não tinha essa história de ficar. Recusei a menininha e ainda bem que fiz isso, pois, se não, estaria hoje viúvo. Essa foi a festa que marcou a minha vida, pois me diverti bastante. Aqueles bons momentos gravei na memória para que um dia esse pudesse contar, recordando aquele tempo inesquecível.

Também relembro dos momentos de quando me reunia com outros colonos para conseguir benefícios para essa comunidade. Lembro que um desses foi a construção da nossa igreja, templo santo do Senhor. Tantos foram os momentos de luta para conseguir as benfeitorias para esse local. Um grande sonho que eu nutria era a construção de um asfalto pra favorecer o escoamento da agricultura. Consegui realizar meu sonho, quando junto a outros colonos fomos conversar com o ex-governador que prontamente nos atendeu. Hoje temos o tão sonhado asfalto chamado de Rodovia da Produção.

E como não podemos esquecer dos grandes amigos que partem para o outro mundo, quero aqui registrar o nome de um grande cara, um amigão, um grande homem, estou falando do finado Zé Carneiro. Não tenho palavras suficientes para falar dele. Foi um homem muito importante para nossa comunidade, ajudou outros colonos. Não marcava distância para ajudar quem precisasse. Não tinha sabedoria no lápis e no caderno, mas era um ser incrível e pelo que ele fez, com certeza, Deus lhe deu a recompensa.

E como todos nós temos nossas histórias comigo não seria diferente. Lembro, que quando menino, mamãe me mandou ir na bodega comprar uns mantimentos que faltavam. No caminho, deparei-me com um sujeito velho, que não parecia gente, grande foi o pavor. Mamãe sempre nos ensinou a tomar a bênção dos mais velhos e assim o fiz, mas o senhor não gostou, puxou uma peixeira e passou-me uma grande carreira. Que vexame aquele dia! Corri por dentro de um juremal, arranhei-me todinho. Finalmente, consegui chegar no meu destino final. Eu estava ensanguentado. A dona do recinto me ajudou e colocou pasta de sal. Oh, medo grande! Acredito que o maior que já passei.

Hoje percebo que o tempo passou, existem apenas as lembranças do que se foi. Estou velho e cansado, mas sinto falta de muita coisa do passado, principalmente, da época em que eu tinha saúde e minha visão era boa. Sei que infelizmente o tempo não volta mais e que agora aquilo que foi vivido é contado como história para quem nunca saberá como foi viver de verdade. Sigo trilhando o caminho que escolhi e que me resta como opção.

(Texto produzido baseado na entrevista do senhor FGS)

Memórias se tornando história

Tudo inicia-se há muito tempo, exatamente há 78 anos, no município de Bom Sucesso, local onde nasci e cresci. É lá que começa a minha história. No entanto, após casado mudei-me com minha família para essa comunidade simples, de vida pacata, onde moro até hoje.

Pensar na minha época de infância e juventude é reviver uma história marcante. Relembro que na minha época, não havia a facilidade que há hoje em dia. Na realidade, existe uma diferença marcante, até porque os tempos são outros. As famílias eram numerosas, as condições de vida eram bem difíceis, os costumes familiares eram transmitidos e deveriam ser cumpridos. Não havia muita regalias. Desde pequenos, éramos ensinados a trabalhar, as roupas eram muito bonitas, feitas com tecidos simples e nem tão quente. No entanto, não tínhamos muitas trocas de roupas, porque as condições eram poucas. Mesmo assim, eu andava meio estiloso. Era a época em que os homens só usavam calças compridas e camisas com mangas longas. As mulheres se vestiam bem comportadas. Era um tempo muito bom.

Pensar no Núcleo Habitacional II, faz-me realizar uma viagem no tempo, recordar a minha chegada à essa comunidade que amo. Cheguei aqui, em 1980. Ainda era um povoado muito pequeno, formado por pessoas gentis e incríveis que guardo-as na memória. Era uma época diferente, em que as pessoas eram amigas e cuidavam uma das outras, que lutavam juntas para a melhoria e desenvolvimento da comunidade. Eram tempos muito bons!

Vim para cá depois de receber do DNOCS minha casa e meu lote agrícola para trabalhar e sustentar minha família. Lembro-me de que eu acordava bem cedinho, ainda escuro, para ir à roça, onde eu plantava feijão, milho, abóbora, coqueiros e bananais. Eu limpava e cuidava bem das plantações, pois era de lá que vinha o meu sustento. Era um trabalho árduo e exaustivo, mas que eu gostava muito de fazer. É tanto que ensinei a mesma lição aos meus filhos, juntamente com os valores que recebi de meus pais.

Do meu passado, tenho muitas recordações. Lembro das festividades. Era algo simples, mas bastante divertido. As pessoas iam realmente para brincar. É tanto que duravam a noite toda, até o sol raiar, as pessoas brincavam sem maldade alguma. Dessas festas, tem uma que marcou muito a minha vida foi um 7 de setembro, foi uma cena linda que gravei na minha mente.

São muitos os episódios passados que gravei em meu coração. Mas há uma história que quero contar que me deixou meio mareto. Uma certa vez, enquanto eu retornava da roça, vi uma tocha brilhosa flutuando no meio das plantações. Quando mais eu me afastava, mas ela se aproximava. Menino! Pense num vexame! Aquilo foi tão assustador que arrepiou todos os meus cabelos. Hoje, é apenas uma história que guardo no meio das minhas recordações.

Mas ainda voltando à minha vivência na Comunidade do Núcleo II, recordo que participei, juntamente com outros colonos, de muitas reuniões no DNOCS, em prol da melhoria e desenvolvimento da nossa comunidade. Eram os momentos de luta que nos faziam querer o melhor para cada um dos nossos. Eram homens corajosos que se empenhavam em lutar pelo bem comum. Inclusive, muitos deles já faleceram, mas deixaram um legado enorme em nossa comunidade. Reviver esses fatos, traz-me uma saudade enorme daqueles momentos e das pessoas que marcaram minha vida.

Essa é a minha história. Fatos que carrego na memória e que ficarão registrados para que as próximas gerações relembrem desse senhor que muito tocou o sino da Igreja São Pio X e que sempre procurou fazer as pessoas sorrirem.

(Texto produzido baseado na entrevista do senhor JPD)

Memórias que jamais serão apagadas

Nasci e cresci em São Gonçalo. Mudei-me para o Núcleo II no ano de 1974. Quando cheguei aqui, ainda estava em formação. As pessoas estavam chegando e acomodando-se após o recebimento de seus lotes. Era uma comunidade simples e bem pequena, com poucos moradores.

Recordo-me que antes a forma de viver era bem diferente da de hoje. As brincadeiras eram ótimas. A criançada brincava de esconde esconde, toca, soltava pipa, peteca, pião. Era pura diversão! A iluminação era à base de lamparinas, que clareavam a escuridão das ruas e das casas. A educação dos pais era bem rígida. E o que falar dos namoros de antes? Os casais eram envergonhados, sentavam-se distante um do outro, as moças só se entregavam facilmente a seus parceiros, era somente após o casamento. O modo de vestir também era diferente. Não havia nada curto ou extravagante. As mulheres usavam vestidos compridos, muitos deles, feitos de chita, e os homens, calças compridas e camisas sociais. Era uma época em que as pessoas eram amigas.

Outra coisa que lembro era as festividades. Eram festas simples, mas boas demais. Um verdadeiro sucesso! As pessoas dançavam e brincavam à noite toda. Não existia a história de roubo ou de alguém bagunçar. Uma das festas que mais marcou a minha vida foi a do meu casamento. Dancei toda a noite, enquanto o noivo faturou bem com a venda de bebidas. Foi algo muito engraçado!

O que não faltam são recordações. Recordo que os colonos eram muito unidos, sempre se engajavam pelo bem da comunidade. Há muitos deles que se destacaram pelo serviço prestado à comunidade, um deles era o senhor Chico Lima, que insistiu e persistiu com o prefeito da época para a instalação da água para as famílias que tinham que carregar do canal ou do rio. Muitos outros também contribuíram, foram realmente verdadeiros manifestantes para ajudar o povo, pessoas que muito fizeram e que pouco reconhecimento tiveram e têm na comunidade.

Ah! Quanta saudade do passado! Época em que sentávamos nas calçadas à noite para prostrar. Algo que ainda me recordo eram as histórias assustadoras que se contavam. Os vizinhos diziam ver “tochas de fogo”, vultos, ou coisas do tipo. Eram histórias assustadoras, mas eu não tinha medo.

Hoje o que tenho são lembranças da época em que muito vivi e fui feliz. Muitas dessas foram registradas em fotografias e outras gravadas em meu coração e em minha mente, as quais guardarei eternamente comigo.

(Texto produzido baseado na entrevista da senhora JS)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as etapas executadas nesta pesquisa, observamos que uma prática pedagógica bem contextualizada, aproximada da realidade discente, contribui para favorecer efetivamente a aprendizagem dos alunos, bem como para promover o aperfeiçoamento das competências comunicativas dos falantes da língua. Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa necessita estar fundamentado em uma abordagem que ultrapasse a concepção de texto como mero instrumento para os cansativos exercícios de análise sintática que objetivam corrigir simplesmente os supostos desvios gramaticais.

Muitas são as transformações ocorridas no contexto escolar quanto ao ensino de língua/linguagem, principalmente após a implantação da BNCC (2018), visto que esse documento tem buscado refletir junto aos docentes a relevância de abordar em sala o texto como uma atividade de interlocução, que se realiza por meio das práticas sociais, em momentos e contextos distintos. A BNCC (2018) determina a centralidade do texto, tendo como respaldo a teoria bakhtiniana, como um gênero do discurso definido pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional, que se liga a um determinado campo de comunicação.

Sob esse prisma, o professor de LP, enquanto mediador do processo educativo, precisa promover atividades de linguagem que permitam a sociointeração discursiva, para que seus alunos adquiram novos conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos, consoante orienta a BNCC (2018). É necessário, portanto, ressignificar o ensino da língua materna, mediante uma prática condizente com as necessidades dos alunos, para que estes se reconheçam sujeitos do processo e tenham condições de se engajarem nas diferentes esferas comunicativas, a fim de possibilitar o desenvolvimento das habilidades linguísticas necessárias, indispensáveis no processo ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a presente pesquisa fundamentou-se na concepção de língua/linguagem pelo viés da sociointeração discursiva, concebendo que as manifestações linguísticas se concretizam por meio de discursos ocorridos durante a interação social. Seguindo esse rumo, contemplamos como objeto de estudo o gênero textual oral, *memórias*, por constatarmos a sua dimensão para oportunizar, por intermédio da narração, o contato intergeracional entre os interlocutores, favorecendo, sobretudo, o aperfeiçoamento das habilidades de oralidade e de escrita dos alunos do ensino fundamental, no intuito de preservar as histórias e identidade cultural de um povo.

A escolha por esse gênero partiu da necessidade de entendermos como a história e as vivências familiares e locais dos aprendizes poderiam contribuir para o desenvolvimento da

aprendizagem e de suas habilidades linguísticas, mais precisamente da oralidade e da escrita, enquanto exploravam o conhecimento histórico e cultural do povo e da comunidade, através da interação com idosos. Esse estudo, portanto, fez-nos compreender que é pela oralidade que conhecemos as vivências, as experiências de vida, os costumes e as crenças, e é pelo uso da escrita, como instrumento de registro, que perpetuamos as histórias contadas para que sirvam de subsídios para futuros estudos.

Assim, percebemos a importância de inserir em sala de aula uma prática pedagógica que contemplasse a aprendizagem significativa dos gêneros textuais, orais e escritos, circundantes na sociedade, sendo estes condizentes com a realidade discente. Dessa forma, práticas como essas estimulam a interação social entre gerações distintas, ampliam atividades multifacetadas da língua, bem como valorizam as vivências, experiências e valores dos sujeitos nos mais variados contextos, seja escolar, familiar e/ou social, com histórias orais e cotidianas, tantas vezes desconsideradas nas aulas.

Realizadas as ações pensadas para essa pesquisa, desenvolvida na EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias, Núcleo Habitacional II, São Gonçalo, Sousa-PB, concluímos que a prática pedagógica, baseada na produção textual a partir da narração oral de memórias, gera resultados positivos para a aprendizagem dos alunos. Através do contato sociointeracional, durante as entrevistas, os alunos fizeram uso social da modalidade oral da língua que, submetida ao processo de retextualização, pressupostos por Marcuschi (2010), serviu como sustentação para o registro escrito da língua. Fatores que se concretizaram por intermédio de propostas proativas, para valorizar a história e a identidade cultural local desses falantes.

A análise dos dados foi realizada a partir do *corpus*, constituído por quatro Relatos de Memórias, produzidos após as entrevistas. Os textos analisados sinalizaram para uma progressão da aprendizagem. No entanto, para que essa progressão acontecesse, foi necessário um trabalho cauteloso que exigiu muita dedicação, pois os alunos estavam presos à ideia de texto como produto pronto e acabado logo na primeira versão escrita. Aos poucos, essa noção foi desconstruída e eles compreenderam que, embora trabalhosa, a produção de um texto possui suas etapas, e que estas precisam ser cumpridas para que seja realmente considerada como concluída.

Como resultados referentes à pesquisa, verificamos nas produções textuais um apanhado de menor extensão em relação aos textos originais escritos, a partir da reprodução das falas dos colonos, contemplando o processo formativo da comunidade e a construção da identidade do povo. Essa diferença de extensão pode ser interpretada de formas diversas, dependendo do contexto e dos objetivos da retextualização. A intenção foi simplificar ou condensar as

informações para torná-las mais acessíveis ou adequadas a um determinado público, então o resumo mais curto pode ser considerado positivo. No entanto, se o objetivo era preservar a integridade e a riqueza dos detalhes dos textos originais, então a redução da extensão pode ser vista como uma perda de conteúdo ou nuances importantes. A recontextualização, frequentemente, envolve adaptações, resumos ou ajustes na extensão do texto original para atender a diferentes propósitos comunicativos ou públicos-alvo. Portanto, a redução da extensão pode ser vista como parte desse processo.

Referente as escolhas dos alunos, podem ter sido influenciadas por vários fatores, como a orientação docente, a compreensão do texto original, o objetivo da atividade e as habilidades de síntese. Os alunos optaram por sintetizar os textos com base na relevância das informações, na clareza da comunicação ou em sua capacidade de síntese. Assim, a análise da redução da extensão nas produções textuais requer consideração do contexto, dos objetivos da recontextualização e das decisões dos alunos durante o processo de escolha. Também observamos as dificuldades encontradas referentes à pontuação, ortografia, marcas de plural apenas no determinante, estrutura de paragrafação regular, repetição de termos, uso dos verbos no infinitivo, quando deveriam ser conjugados, demarcação do tempo pretérito e marcas recorrentes de oralidade.

Destarte, ratificamos a importância de considerarmos em nossa prática pedagógica ações que favoreçam o engajamento do aprendiz à sua realidade de modo a fazê-lo perceber a relação existente entre o texto e o contexto onde vivem. Assim, essas ações ressignificam as atividades de linguagem enquanto efetivam as diferentes possibilidades de uso da língua, compreendendo os diversos conhecimentos e adequação do discurso para atender aos vários propósitos comunicativos que o texto oferece.

Ao final das análises, sugerimos um Caderno Pedagógico com uma sequência de oficinas didáticas que visam contribuir para o desenvolvimento das habilidades de oralidade e de escrita, por meio do gênero memórias. Para isso, contemplamos a modalidade oral, pelas entrevistas; e a modalidade escrita, pelos relatos de memórias, de modo que orientem outros docentes que almejam aplicar um trabalho tomando por base esse gênero textual e, consequentemente, lançar novos olhares para a prática docente.

Constatamos, assim, que os objetivos apresentados no início da pesquisa foram alcançados, ainda que não totalmente, devido a vários impasses ocorridos durante o percurso investigativo, mas conseguimos perceber que esse estudo oportunizou a interação social, favoreceu o desenvolvimento das habilidades pensadas e evidenciou a valorização da formação

histórica e cultural da comunidade onde os alunos estão inseridos, abrindo-lhes novos direcionamentos para a prática linguística.

Portanto, esperamos que essa pesquisa não tenha ponto final aqui, mas que as intervenções apresentadas possam despertar novas perspectivas, como alternativa de trabalhar o texto oral e/ou escrito, de forma interacional. Também contamos que esse tema possa contribuir para estudos mais aprofundados sobre como as memórias, individual e coletivas, podem contribuir para o desenvolvimento do ensino de linguagem, principalmente no tocante às habilidades de oralidade e escrita. Logo, as propostas descritas podem ser ampliadas e adaptadas, conforme a realidade e turma do professor, primando sempre por uma aprendizagem eficaz dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido *In*: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues; João Gomes Silva Neto; Luis Passeggi; Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBERTI, V. **História Oral**: A Experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALTENFELDER, A. H. *et al.* **Se bem me lembro**: Caderno do docente- Orientações para produção de textos do gênero memórias literárias. 7. ed. São Paulo: CENPEC- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, 2021.
- ANTUNES, I. **Aula de Português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BALTAR *et al.* Circuito de gêneros: atividades significativas de linguagem para desenvolvimento da competência sociodiscursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 375-387, set/dez. 2006.
- BERNARDINO, R. A. S. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOSI, É. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOSI, É. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação e Tecnologia. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Língua Portuguesa**, 2002.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 mai. 2023.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

CÂMARA, J. A. da. **A produção textual no ensino fundamental: processo de retextualização com o gênero memórias**- Dissertação (mestrado em Letras- PROFLETRAS), p.121, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currais Novos-RN, 2015.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 12ª ed. São Paulo: Cortês Editora, 2018.

COURTINE, J. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, Cuiabá, EDUFMT, v. 12 n. 2 p. 1-13, 2006. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1067>. Acesso em: 5 mai. 2023.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona). In: DOLZ, J; SCHNEUWLY, B; HALLER, S. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

DOLZ, J; SCHNEWLY, B; HALLER, S. O oral como texto: como construir. In: DOLZ, J. SCHNEWLY, B. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 149-185.

FUZA, Â. F.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 2012.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016. p. 72-95.

GONÇALVES, A. C. T; BATISTA, J. F; DIEL, T. R. O ensino de gêneros orais nas aulas de língua portuguesa: reflexões sobre o trabalho docente. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 127-147, jan./jun. 2017. Disponível: [file:///C:/Users/leidi/Downloads/26002-140985-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/leidi/Downloads/26002-140985-1-PB%20(1).pdf). Acesso: 05 mai. 2018.

GRIZE, J. B. **Logique naturelle et communications**. Paris: PUF, 1996.

KLEIMAN, A. B. **Os significados de letramento: uma nova perspectiva sobre a prática da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. O texto na linguística textual. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-44.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de línguas. In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 146-225.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-35.

MARCUSCHI, L. A. **Processos de Compreensão**. In: MARCUSCHI, L. A. Produção textual análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 129-281.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; DIONIDIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. 1, ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MICHELETTI, G; GEBARA, A. E. L. **Discurso, memória e ensino**. v. 29, n. 1. São Paulo: Linha D'Água (Online), jun. 2016. p. 1-6

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

MORIGI, V. J; ROCHA, P.V; SEMENSATO, S. **Memórias, representações sociais e cultura imaterial**. Morpheus- Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano 9, n. 14, 2012.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

NETO, I. A. M. A importância do ensino de gêneros orais na formação do aluno como sujeito ativo na sociedade, 2012 AVE palavra. **Revista digital do curso de letras UMENAT**, Edição n. especial Ensino de língua portuguesa. Agosto de 2012. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/Esp0812/artigos/irando.pdf> Acesso em: 12 maio 2023.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes,

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PASSEGGI, L. *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (Org.). **Linguística de texto e análise de conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: *Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa in (Formação de professores EAD 18)*, v. 1, ed.1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

PIMENTA, S.; SANTOS, Z. B. **Linguística Textual e a perspectiva sociosemiótica da linguagem**: orquestrações multimodais de significados. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R. LINS, M. P. P. (Org.). *Linguística textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017.

PPP. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias. Núcleo Habitacional II- Sousa, PB, 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, M. E. de. **As representações discursivas do locutor e dos alocutários no discurso político de renúncia (Antonio Carlos Magalhães)**. 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

REGIS, H. W. de F.; RIBEIRO, P. B. Representações de língua/linguagem e ensino de Língua Portuguesa à luz do Círculo de Bakhtin. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1926, p. 1-22, maio-ago/2020. DOI: 10.22168/2237 6321-21926.

RODRIGUES, M. das G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. (Org.). “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J.-M.; HEIDEMANN, U. MAIGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.

ROJO, R. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos**. In: ROJO, R. (Org.) *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROVER, A. Normas da ABNT: orientações para a produção científica. / Ardinete Rover, Regina Oneda Mello. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020. 222 p

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. 2. ed. Trad. Roxane Rojo; Glais Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010.

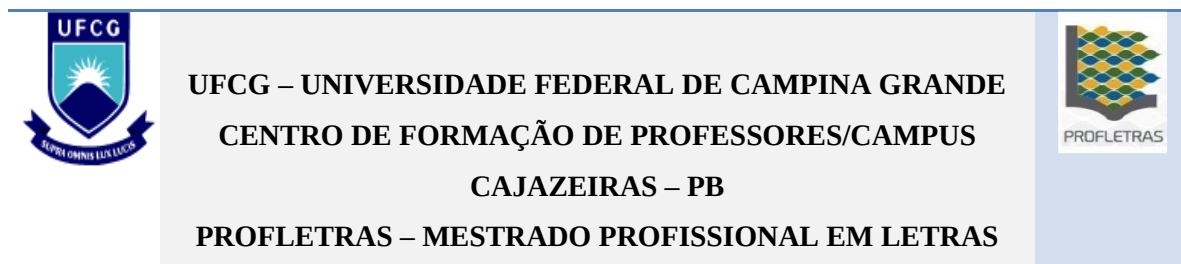
SILVA, K. F. da. **O processo de retextualização no ensino de produção de memórias literárias**- Dissertação (mestrado em Letras- PROFLETRAS), p.161, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros- RN, 2021.

SOUSA, J. W. A. de. **Lembranças de velhos: a linha e o linho da história cotidiana**. Graphos, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 185- 201, 2006. ISSN 1516-1536.

TEIXEIRA, L. Gêneros Orais na Escola. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 7, n. 1, p. 240-252, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217645732012000100014&script=sci_abstract&tlng=p t. Acesso em: 08 mai. 2023.

ZANDWAIS, A. Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO



INSTRUMENTAL

PLANO DE AÇÃO

OFICINAS DIDÁTICAS PARA A TURMA DO 9º ANO

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta como ferramenta de ensino uma sequência de oficinas didáticas que visa promover o aperfeiçoamento das práticas linguísticas através do uso sociointeracional da língua. Para isso, tomamos o gênero oral memórias narrativas como instrumento para desenvolver as modalidades oral e escrita da língua, pois consideramos que uma complementa a outra durante a atividade mnemônica. As memórias quando narradas oralmente, necessitam de um registro escrito para que as histórias não se percam no tempo e, assim, possam se tornem uma atividade interativa entre "quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê" (Antunes, 2003, p. 45).

Essa proposta pedagógica primou em aproximar, por meio das narrativas, alunos e moradores idosos a fim de registrar, através da oralidade e da escrita, as vivências, experiências de vida, crenças e valores tão necessários para a formação histórico-cultural e a construção da identidade da comunidade onde moram, valorizando, assim, as memórias do nosso povo e as singularidades locais, no intuito de promover uma formação integral dos alunos condizente à realidade discente, conforme determina a BNCC.

Esse esquema foi aplicado com os alunos das turmas de 9º do ensino fundamental de uma escola estadual, situada na zona rural da cidade de Sousa-PB, para alcançar, nas aulas de LP, uma aprendizagem significativa por meio de atividades mnemônicas, como instrumentos para aprimorar as práticas de oralidade e escrita.

Como ponto de partida, utilizamos as memórias para explorar a produção de outros gêneros textuais tais como a Entrevista e o Relato de Memórias, reconhecendo que eles se concretizam a partir do uso sociointeracional da língua.

OFICINA 01: Conhecendo o gênero- agosto/2022	
Duração	4h/a
Componente curricular	Língua Portuguesa
Objeto do conhecimento	Memórias
Habilidades BNCC	• (EF35LP10) Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).
Objetivos	• Apresentar o gênero textual Memórias, suas características e finalidade.
Material	Cópias dos textos, datashow, computador, quadro branco, pincel
Passos para a aplicação em sala de aula	➤ Inicialmente, promover uma roda de conversa sobre o gênero Memórias, realizando um possível questionamento sobre o gênero: Já ouviram falar nessa modalidade de texto? Sabem o que é? Como se faz? Já leram algum texto? Se sim, qual? Já produziram algum? Saberiam dizer a finalidade e características desse tipo de gênero? ➤ Para contextualizar o gênero, indicar a leitura do texto: <i>Toda memória tem história</i>, de Ilka Brunhilde Laurito. A partir desse contato, exploraremos o gênero <i>Memórias</i>, para fixar os conhecimentos, a partir do seguinte questionamento: ▪ De onde vem nossa necessidade de lembrar? ▪ Por que a lembrança se impõe até mesmo quando não temos intenção de recordar? ➤ Após a escuta, apresentar o conteúdo preparado, que pode ser em power point, ou esquema escrito no quadro, de modo a explicar cada informação sobre o gênero, conceito, características, finalidade, esfera de circulação, e outros que julgar necessário, para que os alunos consigam compreender a proposta de ensino a ser explorada.

OFICINA 02: Viajando no mundo da leitura- agosto/2022	
Duração	10h/a
Componente curricular	Língua Portuguesa
Objeto do conhecimento	Estrutura e elementos das narrativas
Habilidades BNCC	• (EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romaneadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. • (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.
Objetivos	• Aperfeiçoar as práticas de leitura oral e escuta por meio de rodas de leitura; • Explorar o gênero apontado através da leitura e análise de textos. (Como sugestão, o professor pode utilizar a coleção <i>Se bem me lembro</i>, edição 2021, da Olimpíada de Língua Portuguesa, para ter um norte na construção das oficinas). • Ler, analisar e compreender textos para aprofundar o conhecimento sobre o gênero Memórias.
Material	Cópias dos textos, quadro branco e pincel.

Passos para a aplicação em sala de aula	1º MOMENTO: ➤ Entregar as cópias dos textos <i>Parecida mas diferente</i>, de Zélia Gattai, e <i>Transplante de Menina</i>, de Tatiana Belinky. Organizar uma roda de leitura compartilhada de forma oral e intercalada, para averiguar o desempenho da leitura dos discentes. ➤ Após a realização da leitura, fazer novamente a leitura dos textos sugeridos e construir, a partir desta, um mapa conceitual com as principais características, a finalidade e a organização dos textos (título, tipo de narrador, descrição dos fatos e dos lugares, linguagem, e algumas marcas gramaticais utilizadas nas construções desse tipo de texto, a citar verbos, expressões adverbiais, pronomes pessoais, tipos de discurso). ➤ Após essa conversa, apresentar os seguintes questionamentos, que podem ser orais ou escritos: ▪ Quais temas são tratados nos textos? ▪ Quem vivenciou e está narrando os acontecimentos na primeira história? E na segunda? ▪ Elas se parecem com alguma situação que vocês já vivenciaram? ▪ Há acontecimentos marcantes na vida de vocês, que mereçam ficar registrados para sempre na memória? Entre esses acontecimentos, relate aquele que você acha mais importante para narrar. ➤ A partir desse questionamento, propor outros questionamentos mais detalhados para explorar a atividade de compreensão e interpretação textual. 2º MOMENTO ➤ Ainda visando explorar o domínio da leitura, apresentar o texto <i>O lavador de pedra</i>, de Manuel de Barros e organizará mais uma roda de leitura oral e intercalada. ➤ Após a leitura, questionar a respeito do que o autor quis dizer com “ao escrever suas memórias, ele recria sua infância”. Como sugestão, o professor pode utilizar algumas perguntas oferecidas pela coleção <i>Se bem me lembro</i>, edição 2021, da OLP: ▪ O que mais chamou a atenção de vocês no texto lido? ▪ Que fato de suas memórias o autor resgata? ▪ Que personagens apareceram na narrativa?
---	--

	▪ Quem narra a história? ▪ Há palavras ou expressões do texto que desconhecem? 3º MOMENTO: ➤ Para ampliar a abordagem teórica sobre o gênero em debate e ajudar a aperfeiçoar a prática de leitura e oralidade/escuta, apresentar outro texto: <i>Memórias de livros</i>, do autor João Ubaldo Ribeiro. ➤ Os alunos serão organizados em círculos para realizar uma roda de leitura oral e intercalada. Nesse tipo de atividade, o observar o desempenho de leitura dos envolvidos no ato. ➤ Após a leitura, explorar o texto com o intuito de fixar as informações encontradas no texto, entre elas: ▪ Nesse texto, o autor relembra um deslocamento que costumava acontecer nas férias escolares. Ele ia de onde para onde? ▪ A realidade vivida pelo autor na sua infância era a mesma nos dois lugares? Explique. ▪ Que semelhanças vocês identificam no texto de Manoel de Barros e o de João Ubaldo Ribeiro? 4º MOMENTO: ➤ Após o estudo dos textos, explicar o contexto da narrativa <i>Memórias</i> e explorar nos textos lidos os elementos das narrativas que foram utilizados por cada autor. Para isso, preparar uma aula com auxílio de power point para facilitar a mediação do conteúdo.
OFICINA 03: Explorando o baú da memória- setembro/2022	
Duração	06 h/a
Componente curricular	Língua Portuguesa
Objeto do conhecimento	Identidade e cultura
Habilidades BNCC	• (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos

	olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
Objetivos	• Proporcionar momento de escuta na sala de aula. • Estabelecer relações entre memória individual e a coletiva. • Conhecer e explorar a história dos alunos, resgatando os principais fatos vividos por ele, por seus pais, avós e outros membros de sua família, visando construir sua identidade. • Perceber como as fotografias podem nos fazer recordar fatos vividos no passado. • Ressignificar a memória por meio da oralidade e da escrita de cada discente, valorizando cada modo de expressão.
Material	Cartolina, pincel, fotos antigas de eventos ocorridos na escola.
Passos para a aplicação em sala de aula	1º MOMENTO: ➤ Convidar um funcionário antigo da escola para um momento de conversa em sala de aula com os alunos a fim de que ele conte fatos importantes de sua vida, principalmente ocorridos na escola. ➤ Pedir aos alunos que registrem falas/fatos que julgarem importantes. ➤ Abrir momento de interação entre os interlocutores. 2º MOMENTO: ➤ Iniciar com a narração de histórias por meio de fotos antigas. ➤ Explicar que as fotografias ajudam no processo de narração dos fatos vivenciados pelas pessoas e tornam-se objetos de estudo para reconstruir as memórias. A partir da exposição dos registros fotográficos, promover uma roda de conversa para os alunos narrarem oralmente os fatos da sua história e a de sua família. ➤ Pedir aos alunos para explorarem o álbum de família com o auxílio dos pais e trazerem fotografias antigas deles e da família para a sala de aula, com o intuito de recuperar lembranças do passado. ➤ Após o compartilhamento das histórias, expor em cartaz ou projeções fotos de eventos ocorridos na escola ou comunidade

	com o intuito de lembrar alguns momentos vividos pelos alunos e/ou familiares. ➤ Orientar aos alunos sobre o respeito de ouvir a história de cada colega ➤ Propor aos alunos que registrem os acontecimentos da história através de uma linha do tempo.
OFICINA 04: Resgatando o baú da memória na nossa comunidade- outubro e novembro/2022	
Duração	10h/a
Componente curricular	Língua Portuguesa
Objeto do conhecimento	Entrevista
Habilidades BNCC	• (EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc. • (EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos. • (EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar

	entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.
Objetivos	• Explorar o gênero entrevista, conceitos, características e finalidade. • Aplicar entrevista semiestruturada com alguns colonos da comunidade. • Registrar o processo histórico da comunidade por meio das narrativas orais obtidas pela entrevista. • Analisar junto da turma os procedimentos para a transformação das entrevistas em relato de memórias.
Material	Cópias do Roteiro de Entrevista, celulares, caderno e caneta
Passos para a aplicação em sala de aula	➤ Inicialmente, questionar à turma se eles sabem o que é uma entrevista, se já leram alguma, se sabem para que serve, se já realizaram uma entrevista antes. Em seguida, apresentar, por meio de power point o gênero, explorando, a partir de um trecho, o conceito, as características, a finalidade, o suporte, público, entre outras informações que julgar pertinente. ➤ O professor juntamente com os alunos organizaram uma lista de nomes dos colonos para que possa ser realizado um sorteio, a fim de selecionar aqueles que participarão das entrevistas e os que serão convidados para participar presencialmente na citada instituição. ➤ Em seguida, formar pequenos grupos para realizar a execução das entrevistas. Entregará o roteiro de entrevista previamente produzido aos alunos e orientar-lhes de que essas deverão ser gravadas com o auxílio do celular, pois servirão de base para a coleta de dados da pesquisa, e, depois, transcritos para o roteiro. O professor também deve orientar aos discentes quanto à postura que adotarão no momento da entrevista e acompanhá-los na execução desta. ➤ Realizada a visita e a primeira parte das entrevistas, encaminhar para outros colonos um convite para participarem de uma ação pedagógica na escola. Nesse evento, o professor juntamente com os alunos organizou um ambiente propício para a realização das demais entrevistas de forma presencial, para que outros alunos

	da escola tomem ciência da pesquisa. No final desse momento, pode-se oferecer um lanche aos envolvidos. ➤ Após a coleta das entrevistas, os discentes serão orientados a transformar os registros das entrevistas em gênero Relato de Memórias, observando as peculiaridades de cada gênero. Produzidos os textos, o professor deverá promover uma roda de conversa e ler as produções, analisando-as com os alunos, observando se os objetivos foram alcançados.
ENTREVISTA COM OS COLONOS	
1. Nome e idade 2. De onde o(a) senhor(a) veio? Quando chegou em nossa comunidade? Como era aqui quando o senhor (a) chegou? Havia muitas famílias? 3. Como eram as maneiras de viver antigamente (as brincadeiras, o namoro, o relacionamento com os pais, os modos de se vestir, de trabalhar e de se relacionar com as pessoas)? 4. Como eram as festividades? Tem algum evento que marcou a sua vida? Se sim, qual? 5. Lembra-se de algum momento importante de luta que participou para melhorar/favorecer a nossa comunidade? 6. Lembra-se de algum morador da comunidade que contribuiu para o desenvolvimento dessa localidade? Quem é? Na sua opinião, essa pessoa merece uma homenagem? Por quê? 7. Poderia nos contar alguma história/lenda que se ouvia dos mais velhos?	

8. O que o(a) senhor(a) sente mais falta do passado?	
9. Possui algum objeto ou foto que o(a) senhor(a) guarda como recordação do que viveu?	
10. Tem alguma informação adicional que queira acrescentar?	
OFICINA 05- Dominando a escrita- setembro e outubro/2022	
Duração	10h/a
Componente curricular	Língua Portuguesa
Objeto do conhecimento	Produção textual do Relato de Memórias
Habilidades BNCC	• (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc. • (EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

	• (EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.
Objetivos	• Produzir textos com as características do gênero textual relato de memória. • Compreender e explorar o uso adequado da gramática funcional como tempos verbais, regras de concordância, regência, bem como as normas de convenção ortográfica e o uso dos sinais de pontuação para aperfeiçoamento do domínio da escrita. • Revisar e aprimorar a escrita do texto produzido. • Reescrever o Relato de Memórias. • Editar, em aparelhos midiáticos, a produção final do relato de memórias, a fim de explorar os recursos digitais.’
Material	Folhas de rascunho, caneta, quadro, folha padrão, computador ou celulares.
Passos para a aplicação em sala de aula	1º MOMENTO ➤ O professor conduzirá os discentes a produção inicial dos relatos de memórias para registrar os fatos obtidos na entrevista. Deve orientar antecipadamente as etapas de escrita. ➤ Orientar sobre os procedimentos de escrita a partir da retextualização da modalidade oral da língua. 2º MOMENTO ➤ Após a escrita inicial, analisar coletivamente as produções. Em grupos pequenos, os alunos devem ler seus textos para seus colegas a fim de ouvir e registrar sugestões de melhoria para sua escrita. ➤ Em seguida, o professor deve analisar os textos juntamente com os alunos para que eles compreendam os recursos necessários para a construção do texto escrito. ➤ Explorar de modo funcional a gramática, refletindo sobre as construções sintáticas, ortografia, sinais de pontuação. Para esse momento, realizar aulas expositivas discussivas tomando como base a escrita dos alunos, mas sem a exposição destes. 3º MOMENTO ➤ Depois de realizar as explanações do momento anterior, o professor deve sugerir a reescrita dos textos, orientando aos alunos que suas produções serão organizadas em uma coletânea para ser arquivada na biblioteca da escola. 4º MOMENTO

	➤ Após os procedimentos, o professor deve propor a edição de textos em aparelhos midiáticos. Pode utilizar os aparelhos disponíveis na escola, ou solicitar que os alunos tragam os seus. Caso não tenham computadores, solicitar que baixem em seus celulares um programa de edição. Formar duplas para facilitar o trabalho. 5º MOMENTO ➤ Realizada a edição, o professor deve propor uma roda de leitura para avaliar os textos. Em seguida, analisar cada um individualmente e sugerir, se for preciso, uma reedição. Após, o professor deve preparar os textos para a coletânea. 6º MOMENTO (SUGESTÃO) ➤ No final da proposta, o professor deverá divulgar o trabalho dos momentos. Para isso, ele pode promover um momento atrativo para apresentar frente à comunidade escolar e local o trabalho realizado pelos alunos. ➤ Na ocasião, o professor pode pensar num espaço para fotos e autógrafos com o intuito de valorizar o desempenho dos alunos. ➤ Registrar o momento em suportes de comunicação disponíveis.
REFERÊNCIAS ALTENFELDER, Anna Helena <i>et al.</i> Se bem me lembro: Caderno do docente-Orientações para produção de textos do gênero memórias literárias. 7.ed. São Paulo: CENPEC- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, 2021. Disponível em: <u>caderno-memorias-literarias.pdf (escrevendoofuturo.org.br)</u> DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.	

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MEMÓRIA E USOS SOCIAIS DA LÍNGUA: UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE CULTURAL DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57469622.0.0000.5182

Instituição Proponente: UFCG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.477.301

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora, esta investigação "pretende discutir sobre o processo de aperfeiçoamento das habilidades de

leitura, oralidade/escuta e produção de textos orais e escritos, nas turmas do 9º ano de uma escola pública, da zona rural de Sousa-PB, atrelado ao resgate histórico e construção da identidade cultural dos habitantes dessa comunidade, com o intuito de valorizar suas raízes, origens e costumes, bem como possam construir o conhecimento sobre o espaço onde vivem e atuam, registrando os principais fatos históricos e culturais do seu povo, fundamentais à construção da identidade dos nossos antepassados, a fim de preservar vivas lembranças e relatos vividos por eles."

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Investigar sobre a importância das práticas de construção da identidade e de formação histórico-cultural de alunos do Ensino Fundamental por meio do gênero Memórias Literárias, com vistas à produção de uma Proposta de Intervenção para a coleta e registro das memórias, em formato de

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.477.301

um livro (antologia literária), dos alunos da EEEFM Professora Dione Diniz O. Dias e de moradores da comunidade do Núcleo Habitacional II, de Sousa – PB.

ESPECÍFICOS

- a) Discutir sobre os conceitos de língua(gem), memória, história, gêneros e ensino, à luz das abordagens discursivas, enquanto conceitos basilares para a valorização da construção da identidade e formação histórico-cultural de um povo;
- b) Advogar em favor de práticas escolares em torno do gênero Memórias Literárias como forma de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz no ensino fundamental nas práticas de leitura e produção de textos orais ou escritos;
- c) Analisar as práticas discursivas de moradores da comunidade do Núcleo Habitacional II, Sousa-PB, materializadas a partir de suas contações/memórias, como processos autênticos para a formação histórica e cultural dos alunos da citada Escola.
- d) Elaborar uma Proposta de Intervenção, para a produção de uma antologia literária, a partir da adoção de gêneros textuais diversos, com ênfase no gênero Memória Literária, a fim de inventariar o processo de construção da identidade e a formação histórico-cultural da comunidade do Núcleo Habitacional II- Sousa - PB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, os riscos mínimos, podendo ser: constrangimento. No entanto, para minimizar tais riscos a pesquisadora adota uma postura ética submetendo o projeto ao CEPHUAC, atendendo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Benefícios:

A pesquisa terá como benefícios aos/as participantes o “aprimoramento das habilidades de leitura, oralidade/escuta e produção textual dos alunos envolvidos no projeto de pesquisa”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de mestrado profissional que busca discutir a respeito do processo de aperfeiçoamento das habilidades linguísticas, enfocando-se a leitura, em textos orais e escritos, em turmas do 9º ano de uma escola pública do estado da Paraíba. A pesquisa busca também dar espaço para um resgate histórico de moradores de uma comunidade rural no município de Sousa, PB a partir de memórias literárias.

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 5.477.301

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos apresentados foram:

- Projeto completo
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Termo de assentimento Livre e Esclarecido
- Termo de anuência do serviço
- Termo de compromisso dos pesquisadores
- Instrumento de coleta de dados
- Cronograma
- Orçamento
- Folha de Rosto

Recomendações:

Recomenda-se que a pesquisadora atualize o cronograma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Levando-se em conta que se trata de um projeto que atende a todos os pré-requisitos do CEPHUAC, considero-o aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1910944.pdf	03/04/2022 18:09:24		Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODOSPESQUISADORES.pdf	03/04/2022 18:07:43	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Outros	TALE.pdf	03/04/2022 18:07:13	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	03/04/2022 18:06:41	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 5.477.301

Ausência	TCLE.pdf	03/04/2022 18:06:41	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	03/04/2022 18:02:02	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOOFICIAL.pdf	16/03/2022 13:18:48	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	INSTRUMENTAL1.pdf	14/03/2022 12:02:39	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMODEANUENCIA.pdf	14/03/2022 11:39:36	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Orçamento	PREVISAORCAMENTARIA.pdf	14/03/2022 10:49:52	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/03/2022 10:49:14	DANIELE MARIA CARNEIRO NOGUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 20 de Junho de 2022

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br